



PROF HISTÓRIA

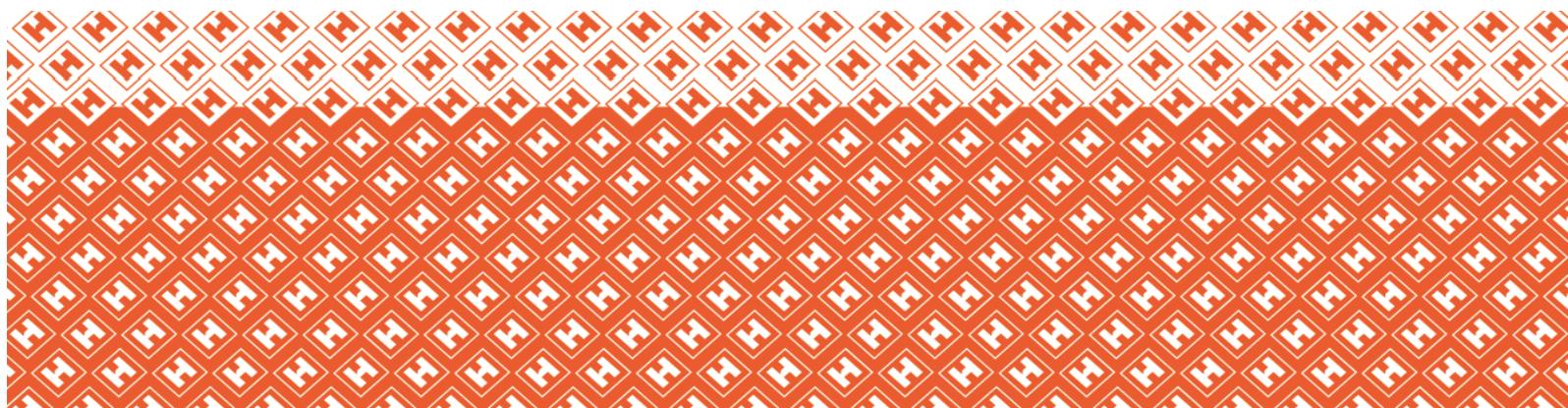
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

ANTONIO MARCOS ARAUJO DE SOUZA

**HISTÓRIA LOCAL E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO
ENSINO DE HISTÓRIA: MARAGOGIPINHO E SUA
CULTURA CERAMISTA COMO PATRIMÔNIO VIVO DA
BAHIA.**

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

2021



ANTONIO MARCOS ARAUJO DE SOUZA

**HISTÓRIA LOCAL E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO
DE HISTÓRIA: MARAGOGIPINHO E SUA CULTURA CERAMISTA
COMO PATRIMÔNIO VIVO DA BAHIA.**

Dissertação apresentada ao ProfHistória da
Universidade Estadual da Bahia como requisito
para a obtenção do título de Mestre em Ensino
de História.

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos em
Diferentes Espaços de Memória.

Orientação: Professora Doutora Maria das
Graças Andrade Leal

**SALVADOR - BA
2021**

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB dados fornecidos pelo autor

SOUZA, Antonio Marcos A.

História Local e Educação Patrimonial no ensino de História: Maragogipinho e sua cultura ceramista como patrimônio vivo da Bahia.

Dissertação – Universidade do Estado da Bahia / Antonio Marcos A. de Souza. – Salvador, 2021

122 fls

Orientador(a): Maria das Graças de Andrade Leal.

Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-graduação em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, Campus I. 2021

1. Ensino de História. 2. Educação Patrimonial. 3. História Local.

ANTONIO MARCOS ARAUJO DE SOUZA

**HISTÓRIA LOCAL E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO
DE HISTÓRIA: MARAGOGIPINHO E SUA CULTURA CERAMISTA
COMO PATRIMÔNIO VIVO DA BAHIA.**

Dissertação apresentada ao ProfHistória da
Universidade Estadual da Bahia como requisito
para a obtenção do título de Mestre em Ensino
de História.

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos em
Diferentes Espaços de Memória.

Orientação: Professora Doutora Maria das
Graças Andrade Leal

DATA DA APROVAÇÃO: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria das Graças de Andrade Leal (PROFHISTÓRIA/Universidade do
Estado da Bahia-UNEB)

Prof^a. Dr^a. Antonieta Miguel (Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus VI)

Prof^a. Dr^a. Mônica Martins Silva (PROFHISTÓRIA/Universidade Federal de Santa
Catarina-UFSC)

Aos meus familiares e a todos que me ajudaram a seguir em frente...

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui, representa sobretudo, reconhecer o quanto de nossa caminhada é sempre uma construção de muitos passos.

A todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram e que estiveram comigo nesta árdua, mas gratificante caminhada que corresponde ao período de realização deste mestrado.

Aos professores do Programa de Mestrado em Ensino de História da UNEB, em especial, a nossa coordenadora Cristiana Ximenes pelos ensinamentos e valiosas contribuições e caminhos que ajudaram de maneira direta na construção da minha trajetória.

À professora Graça Leal, minha orientadora que, com paciência e sabedoria, foi responsável por ajudar a superar os desafios e acreditar em mim quando tudo parecia que não seria mais possível concluir esta caminhada.

Aos amigos que o Mestrado proporcionou: Márcia, Josene, Silvana, Jeovane, Bira e os demais guerreiros e guerreiras que também compartilharam das minhas angústias e superações. Gratidão pelas lições importantes de generosidade, companheirismo, fé na vida e compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Aos meus queridos alunos da Escola Municipal Luciana Góes de Jesus pela generosidade em construir comigo essa longa caminhada de muitos desafios e realizações. Nos divertimos muito em todos os momentos de convivência e cumplicidade que experimentamos.

Aos meus pais, irmãos e familiares que, mesmo sem compreenderem, em muitas das vezes, o porquê de tantas idas e vindas, sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos incentivando e encorajando.

Em especial a Andréia, minha amada e companheira de todas as horas.

Aos meus filhos - Maria Clara e Emmanuel - que conviveram com as minhas ausências, mas sustentando-me, sendo minha real fortaleza.

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de análise a comunidade de Maragogipinho, na cidade de Aratuípe, na sua relação com a atividade ceramista, aqui destacada como patrimônio vivo e compreendida como importante espaço para o ensino e valorização da história local e a construção de saber histórico escolar. Esse espaço permite o trabalho com fontes diversificadas de análise e estudo da história, além da possibilidade de efetivação de uma prática docente sustentada na utilização de temáticas mais próximas do universo cultural e social dos estudantes. Buscamos analisar alternativas metodológicas para o ensino de história e a consequente construção de conhecimento histórico escolar com ênfase na abordagem da História local, destacando essa comunidade nas suas práticas e vivências ligadas à atividade ceramista, considerando a relação entre o ensino/aprendizagem de história, memória, patrimônio e educação patrimonial, contribuindo para fomentar entre os estudantes uma cultura de valorização da memória, bem como do patrimônio histórico e cultural. Relatamos aqui, a experiência em proposta de intervenção a partir da realização de um conjunto de atividades com estudantes do 9º ano da Escola Municipal Professora Luciana Góes de Jesus, localizada na cidade de Aratuípe, cuja proposição pode também se constituir em sugestões para o trabalho docente no âmbito do ensino de História. Nesse sentido, apresentamos a trajetória de construção do conjunto de atividades que, a partir da utilização da educação patrimonial, pretende ajudar a fomentar e incentivar o desenvolvimento de um debate permanente sobre as diferentes possibilidades para tornar o processo de construção do saber histórico escolar uma tarefa possível e efetivamente significativa nas nossas “salas de aula”.

Palavras-chave: Ensino de História; Educação Patrimonial; História Local; Maragogipinho

ABSTRACT

The present work has as its object of analysis the community of Maragogipinho, in the city of Aratuípe, in its relationship with the ceramist activity, here highlighted as a living heritage and understood as an important space for teaching and valuing local history and the construction of historical knowledge school. This space allows for work with diversified sources of analysis and study of history, in addition to the possibility of carrying out a teaching practice based on the use of themes closer to the cultural and social universe of students. We seek to analyze methodological alternatives for the teaching of history and the consequent construction of school historical knowledge with an emphasis on the approach of local history, highlighting this community in its practices and experiences linked to the ceramist activity, considering the relationship between teaching/learning history, memory, heritage and heritage education, helping to foster among students a culture of valuing memory, as well as historical and cultural heritage. We report here the experience of intervention proposals based on a set of activities with 9th grade students from the Professora Luciana Góes de Jesus Municipal School, located in the city of Aratuípe, whose proposition can also be made into suggestions for teaching work in the context of teaching History. In this sense, we present the trajectory of construction of the set of activities that, based on the use of heritage education, intend to help foster and encourage the development of a permanent debate on the different possibilities to make the process of building historical school knowledge a task possible and effectively significant in our “classrooms”.

Keywords: History Teaching; Heritage Education; Local History; little Maragogipinho

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da cidade de Aratuípe com seus principais limites	23
Figura 2 - Forno de capela	26
Figura 3 - Aspecto externo das olarias de Maragogipinho	31
Figura 4 - Imagem da exposição de peças na Feira de Caxixis	68
Figura 5 - Imagem da Feira de Caxixis	69
Figura 6 - Exposição de peças de na Feira de Caxixis	69
Figura 7 - Exposição fotográfica na Praça em Nazaré	72
Figura 8 - Registro exposição fotográfica na Feira de Caxixis	72
Figura 9 - Exposição de peças na Feira de Caxixis	73
Figura 10 - Imagem de capa do livro	79
Figura 11 - imagem de capa do livro.....	80
Figura 12 - Aspecto das olarias de Maragogipinho	80
Figura 13 - vista panorâmica de Maragogipinho.....	81
Figura 14 - Peças em exposição no interior de olaria	84
Figura 15 - Peças em exposição na AAMOM.....	84
Figura 16 - Rio Jaguaripe em Maragogipinho.....	85
Figura 17 - Rio Jaguaripe em Maragogipinho	85
Figura 18 - Fabricação de peça no torno	86
Figura 19 - Trabalho de brunição/brunição feito alisamento da peça	86
Figura 20 - Estudantes manuseando o torno tentando fabricar peça	87
Figura 21 - Oleiro em trabalho no torno elétrico	87
Figura 22 - Trabalho no empelador.....	88
Figura 23 - Trabalho de fabricação de peça em olaria	88
Figura 24 - Trabalho de fabricação de peça no torno.....	89
Figura 25 - Emanuel apresentando banner recebido pelos estudantes	94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. MARAGOGIPINHO: ASPECTOS DA CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA E O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL.....	22
1.1 PERCURSOS HISTÓRICOS DA FORMAÇÃO DE UM PATRIMÔNIO VIVO.....	22
1.2 O MUNDO DA CERÂMICA: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA FIXAÇÃO DA ATIVIDADE CERAMISTA EM MARAGOGIPINHO	27
1.3 MARAGOGIPINHO, DE PATRIMÔNIO VIVO A OBJETO DO ENSINO DE HISTÓRIA	35
2. CONCEITOS, POSSIBILIDADES E DESAFIOS NO ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....	46
2.1 O PROFESSOR, OS ESTUDANTES, A COMUNIDADE	47
2.2 DIREITO À MEMÓRIA.....	48
2.3 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	52
2.4 CONSCIÊNCIA HISTÓRICA.....	54
2.5 TRADIÇÃO, HISTÓRIA ORAL E ANCESTRALIDADE	56
2.6 USOS DA IMAGEM, DA FOTOGRAFIA E A PESQUISA.....	57
3. A DIMENSÃO PRÁTICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA COMO AÇÃO PEDAGÓGICA INTERESSANTE E ATRAENTE.....	62
3.1 FEIRA DE CAXIXIS – PRIMEIRA EXPERIÊNCIA COM O PATRIMÔNIO VIVO	65
3.1.1 PRIMEIRO MOMENTO	67
3.1.2 SEGUNDO MOMENTO	68
3.1.3 TERCEIRO MOMENTO.....	70
3.2 A HISTÓRIA E O ENSINO A PARTIR DO PATRIMÔNIO VIVO: EXPERIÊNCIAS NA COMUNIDADE DE MARAGOGIPINHO.....	74
3.2.1 A SALA DE AULA – SENSIBILIZAÇÃO E PLANEJAMENTO.....	78
3.2.2 O LUGAR, SUA GENTE E A ARTE CERAMISTA – AULA DE CAMPO	82
3.2.3 O OLEIRO E A VALORIZAÇÃO DO SUJEITO	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICES.....	107

INTRODUÇÃO

Nascido do desejo de falar e de pensar sobre o “meu lugar”, a presente dissertação formulada para o Mestrado Profissional em Ensino de História tem como objeto de análise a comunidade de Maragogipinho, mais precisamente na sua relação com a atividade ceramista desenvolvida na localidade, aqui considerada patrimônio cultural, além de valorizada e compreendida como importante ferramenta para o ensino do componente escolar história, principalmente, no que diz respeito a História Local.

Às margens de um dos braços do rio Jaguaripe encontra-se localizado o povoado de Maragogipinho, um dos distritos do pequeno município de Aratuípe, encravado na região do Baixo Sul da Bahia, às portas do Recôncavo Baiano, e distanciando-se da capital Salvador em cerca de 220 km pela Br 101, e 71 Km atravessando a Baía de Todos os Santos. A comunidade é possuidora de uma arte ceramista de intensa riqueza. A beleza das peças que são produzidas no local por seus moradores encanta a todos e já são conhecidas internacionalmente. Da mesma forma, a sua história é também uma das mais atrativas, pois se trata de uma cultura existente há centenas de anos.

Morar próximo a Maragogipinho favoreceu para que, desde muito cedo, eu aprendesse a conviver e a admirar o trabalho daqueles que fazem da sua labuta diária com o barro "uma arte". A arte que deu nome à Feira de Caxixis, evento realizado no período de comemoração da Semana Santa na cidade de Nazaré, constituindo-se numa das mais tradicionais manifestações culturais do Recôncavo Baiano.

Sabe-se que essa tradição no local de dar formas ao barro é antiga, remontando ainda ao período colonial, com a predominância de elementos que apontam para a confluência das culturas dos povos indígenas que habitavam esta região, além de influências dos próprios portugueses e africanos, sobretudo através de utensílios utilizados nos ritos religiosos.

Sendo assim, o encantamento pelo patrimônio cultural constituído pelas trabalhadoras e trabalhadores de Maragogipinho não é algo recente. Cabe ainda ressaltar que, em trabalho monográfico que apresentei para conclusão de curso de Especialização em História Regional em 2004, pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus V, busquei construir uma análise de aspectos que considero importantes e que envolvem a história acerca dos oleiros e das suas labutas diárias no exercício da profissão/arte. A

tentativa era a de perceber como esses trabalhadores, bem como outros sujeitos que constituem uma trajetória de vida relacionada à atividade ceramista de Maragogipinho, interpretavam as suas vivências a partir das mudanças na produção e caracterização da atividade ceramista local que se constituíram ao longo do tempo.

Fazer parte do curso de Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória, para além de uma grande oportunidade de uma reaproximação com a vida acadêmica, com a conseqüente ampliação da qualidade da minha formação, também possibilitou o despertar para um conjunto de aspectos causadores de importantes inquietações. Dentre elas destaca-se, fundamentalmente, a de tentar entender qual o sentido da minha prática na condição de professor de História, tendo em vista os constantes desafios enfrentados no exercício da profissão. Uma outra inquietação suscitada, e não menos importante, diz respeito à reflexão acerca da própria utilidade do professor de História no cenário atual, considerando que vivemos num momento marcado por grandes incertezas e também desafios.

Da mesma forma, as questões com as quais comecei a me deparar levaram-me a também refletir sobre qual a importância da atividade de pesquisa na minha ação pedagógica cotidiana, considerando que esta não deve estar dissociada da prática docente do professor de História, pensando mais objetivamente nos trabalhos que construímos na condição de pesquisadores nessa área do conhecimento, e de como tais produções ecoam nas nossas salas de aulas, ou mesmo se transformam em conhecimento histórico escolar.

Não é recente o interesse de pesquisadores sobre Maragogipinho e sua vasta produção ceramista. Em um dos primeiros trabalhos sobre a localidade, destaca-se José Carlos da Costa Pereira (1957) com o trabalho sociológico intitulado “A Cerâmica popular da Bahia”, dedicando atenção ao estudo da produção ceramista de caráter popular em todo o Estado da Bahia, destacando nos mais diversos lugares as origens, as características, a produção e até a comercialização dos produtos. No conjunto desta obra, o autor dispensa uma especial atenção à cerâmica de Maragogipinho, não só pela quantidade como qualidade das peças fabricadas. Nesse estudo encontram-se informações significativas das avaliações sobre o local, deixando suas impressões.

O trabalho “O Reinado da Lua: escultores populares do Nordeste”, de Coimbra, Duarte e Martins (1980), apresenta o resultado de uma pesquisa interdisciplinar, tendo em vista suas formações e atuações: artista plástica, socióloga e economista. Neste estudo

realizaram uma espécie de mapeamento dos espaços que abrigam escultores populares em diferentes lugares do Nordeste. Ao dedicar um dos capítulos ao trabalho em Maragogipinho, buscaram analisar o estilo de vida, os produtos, a produção, a circulação das mercadorias e, principalmente, a visão de mundo dos diversos escultores através dos depoimentos orais.

Na perspectiva de um trabalho memorialístico, temos o livro da professora Urânia Teixeira Mota. Filha de oleiro e com formação na área da Pedagogia. Escreveu o livro intitulado “Louça de Deus: o Caxixi de Maragogipinho” (2011), como forma de valorizar as suas origens, produzindo uma intensa pesquisa, onde apresenta inúmeras informações que abrangem variados aspectos que envolvem a História de Aratuípe e, em especial, o destaque significativo para Maragogipinho. Essa obra está estruturada em 12 capítulos, oferece um sucinto relato sobre aspectos diversos que envolvem, desde informações históricas, geográficas, personalidades, culturais, sociais, políticas, até uma descrição sobre o território Maragogipinho que é o grande motivador da organização do seu livro. Da mesma forma, observa-se um intenso registro de fatos que expõem o cotidiano de um lugar que se traduz num destacado espaço de memória e expressão cultural.

Já no campo da pesquisa histórica, diferentemente do que havia sido escrito até então sobre Maragogipinho, destaca-se a dissertação de Mestrado de Virgínia Queiroz Barreto (1999) intitulada “Viver do Barro - trabalho e cotidiano dos oleiros: Maragogipinho - Bahia 1970–1999”. Com uma perspectiva mais acadêmica, trata-se de um importante trabalho em História Social que prioriza a oralidade, através da qual a autora busca interpretar as experiências desses sujeitos. O trabalho apresenta um avanço sobre a compreensão da História Local, na medida em que ajuda a dar voz aos sujeitos que construíram e continuam a erguer as vivências de um espaço cuja dinâmica social é dotada de grande singularidade. Ao longo da análise, são enfocadas questões que nunca foram tratadas pela literatura sobre o local, procurando observar como esses sujeitos reinterpretam suas vidas e reformulam as práticas sociais na luta pela própria sobrevivência e também da sua arte.

Neste momento, trata-se de dar corpo a uma nova perspectiva e de construir um novo caminhar. Agora, Maragogipinho não será trabalhada apenas como o espaço de produção de objetos de cerâmica, mas como um “lugar de história” ou “lugar histórico”, e sobretudo, um “lugar de memória”, portador de riquezas histórica e cultural que frequentemente atraem os olhares de turistas e de pesquisadores de diversas áreas do

conhecimento. Nessa perspectiva, deslocamos agora o nosso olhar para as práticas de sala de aula, ou seja, para o fazer pedagógico no ensino/aprendizagem, e para a consequente construção de conhecimento histórico no ambiente escolar ao incluir a História e o patrimônio cultural dessa comunidade como fonte e produção de conhecimentos significativos.

De acordo como Oriá (2017), existe um lugar para a História Local no ensino de História que não deve ser desconsiderado. A valorização desta pode ajudar, entre outras coisas, na construção da própria identidade do aluno, não apenas como ser histórico, mas também como cidadão. Da mesma forma, permite uma aproximação com os métodos de pesquisa que são utilizados na produção do conhecimento histórico, possibilitando um conhecimento que permite melhor compreender a realidade local e a agir sobre ela.

Considerando o grande valor histórico e cultural atribuído à comunidade de Maragogipinho, já justificamos o desejo de dedicar atenção a uma tentativa de reflexão sobre o lugar e sobre a sua gente. Embora ainda insuficientes, por vezes, verificamos em jornais e/ou revistas menções ao local retratando a atividade ceramista ali desenvolvida. Neste tipo de literatura, quase sempre se destaca o caráter estético dos objetos produzidos, esquecendo-se de valorizar a cultura, o cotidiano e as vivências dos seus artesãos e da comunidade como um todo.

Apesar dos avanços, ainda é limitado o tratamento cultural, histórico, patrimonial dispensado a Maragogipinho. Sob a perspectiva do ensino de História, o trabalho que apresentamos, justifica-se, em grande parte, pela oportunidade pioneira de uma reflexão sobre as possibilidades de verificar como a consideração de temas de História Local pode aproximar os alunos do conhecimento histórico a partir de um espaço que constitui um verdadeiro patrimônio histórico e cultural significativo para a comunidade.

Nesse sentido, implica-nos também avaliar alguns importantes aspectos:

Como tem se constituído o ensino de história nas nossas salas de aula, e especialmente da história local?

Quais são os temas presentes no planejamento das aulas e na prática cotidiana dos professores no ensino de História das nossas escolas?

Quais os caminhos para aproximar o conhecimento histórico existente sobre Maragogipinho com o conhecimento histórico escolar?

Quais as possibilidades de uso de fontes históricas na sala de aula tomando como referência a história local, o espaço e sua gente constituídos como patrimônio?

Quais os desafios diante da tarefa de tornar o ensino/aprendizagem de história local uma ação pedagógica possível e atraente?

A valorização de Maragogipinho, analisada como objeto de ensino/aprendizagem de História, justifica-se também pelo fato de que nos permite – dada a riqueza do trabalho, da produção e da cultura local – o trabalho com fontes diversificadas de análise e estudo da história, quer seja através de fontes orais, iconográficas e documentais, ou mesmo da análise dos objetos de cerâmica produzidos, ou da arquitetura do lugar. Nesse sentido, o uso da História Local e de suas fontes diversas em Maragogipinho trazem até mesmo a possibilidade de ampliação dos espaços de ensino-aprendizagem para além da sala de aula na construção de conhecimento histórico.

Da mesma forma, entendemos que a efetivação de uma prática docente sustentada na utilização de temáticas mais próximas do universo cultural e social dos alunos, reconhecidas como práticas socioculturais dotadas de importância e significados, é capaz de ajudar a desenvolver uma cultura de valorização do patrimônio, bem como do trabalho dos que ajudam a construir o lugar e a sua riqueza cultural.

Ao analisar a relação entre ensino/aprendizagem de História a partir da História Local e da educação patrimonial, surgiu a necessidade de construir um panorama acerca do que tem sido produzido, bem como das preocupações mais atuais acerca dos termos suscitados. Para tanto, este trabalho está ancorado nas produções do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória espalhadas por diferentes lugares do Brasil. Estas ofereceram uma percepção das atuais preocupações que tomam conta das reflexões sobre ensino de história em diversas realidades do Brasil.

Sendo assim, para além da percepção das preocupações mais atualizadas acerca do tema, tal panorama nos ajudou, entre outras coisas, a refletir sobre os diversos caminhos teóricos e metodológicos que melhor responderiam às problemáticas postas neste trabalho. Tal perspectiva esteve concentrada nos trabalhos produzidos sob a perspectiva da relação entre ensino de História, História Local e patrimônio, e conseqüentemente, educação patrimonial.

Em comum, os trabalhos analisados sempre buscavam uma aproximação com a tentativa de constituir não apenas uma compreensão sobre as especificidades e desafios perante a tarefa de ensinar História, mas como também de desenvolver um caráter

propositivo no sentido de construir novas alternativas para tornar esta tarefa uma ação efetiva e sob perspectivas que extrapolam o universo da sala de aula e do livro didático.

No que se refere aos objetivos do trabalho, buscamos analisar as possibilidades metodológicas para o ensino de História e a conseqüente construção de conhecimento histórico escolar com ênfase na abordagem da História local, destacando a comunidade de Maragogipinho nas suas práticas e vivências ligadas à atividade ceramista, considerando a relação entre o ensino/aprendizagem de história, memória, patrimônio e educação patrimonial.

A nossa perspectiva gira em torno da valorização da História Local como possibilidade de construção de saber histórico escolar, de modo a evidenciar as contribuições da educação patrimonial. De alguma forma, buscamos desenvolver propostas didático-pedagógicas para a utilização da História Local no ensino de História nas escolas públicas de Aratuípe, contribuindo para fomentar entre os estudantes uma cultura de valorização da memória, bem como do patrimônio histórico e cultural existente e que fazem parte da vida de cada estudante e da comunidade local.

O avanço da ampliação dos campos da pesquisa histórica, à medida que abarca diferentes possibilidades interpretativas no fazer historiográfico também contribuiu para a emergência de novos objetos de análise nas pesquisas, para a diversificação das fontes utilizadas pelos historiadores, além da incorporação e valorização de novos sujeitos históricos que passam a ganhar visibilidade. De acordo com Barros (2017) “a história é sempre múltipla”, e a emergência de novos paradigmas também repercute na ampliação das práticas pedagógicas, quando consideramos a possibilidade de um ensino de História que considere os variados caminhos de construção do conhecimento histórico.

Nessa mesma linha, é que trazemos a Educação Patrimonial como elemento metodológico fundamental para dar conta do nosso interesse em promover uma aproximação do ensino de história e a história local. Para Zarbato (2017, p. 34) “a educação patrimonial pode auxiliar a entender quem somos, o que fazemos, e para onde vamos, mesmo que não nos identifiquemos com o que este bem patrimonial evoca.”.

Da mesma forma, concordamos com Matozzi (2008) na medida em que considera que o homem deixa as suas marcas na passagem do tempo e em todos os lugares. Sendo, portanto, necessário que os estudantes se reconheçam como parte também de um patrimônio, o que torna possível a concretização de um ensino de História voltado à

aprendizagem e valorização de bens culturais patrimoniais. De acordo como Leal (2018, p. 45), é “na relação sociocultural e ambiental que os grupos e comunidades atribuem valor aos bens materiais ou imateriais que contam suas histórias, tradições, memórias, enquanto legados transmitidos de geração a geração.”

Do ponto de vista da metodologia, este estudo é de natureza qualitativa, tendo em vista os aspectos valorizados e que compõem as diferentes etapas da atividade de pesquisa. Cabe lembrar que este estudo está longe da pretensão de distanciamento, oposição ou de hierarquização na relação com outras possibilidades metodológicas de caráter quantitativo. A natureza da atividade de análise desenvolvida não se constitui sob a consideração de uma possível dicotomia entre o qualitativo e o quantitativo, mas apenas nos aproxima das reais pretensões e características do trabalho.

De acordo com Martins (2004, p. 289) “a pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise.” Consideramos aqui, conforme Thiollent (2011, p. 32), ao analisar “o papel da metodologia” na pesquisa, que “a metodologia pode ser vista como conhecimento geral e habilidade que são necessários ao pesquisador para se orientar no processo de investigação, tomar decisões oportunas, selecionar conceitos, hipóteses, técnicas e dados adequados.”. A sua valorização aparece como um fazer importante diante da tarefa de produzir conhecimento por meio do exercício da investigação, da reflexão e da análise criteriosa de quem ambiciona alcançá-lo.

Como meio de constituir material de pesquisa e investigação sobre Maragogipinho, realizamos um levantamento do todo material possível já produzido por acadêmicos e não acadêmicos sobre a História Local. Em diferentes momentos e propósitos, várias foram as pessoas e instituições que desenvolveram algum tipo de pesquisa ou de registro sobre a atividade ceramista de Maragogipinho. Livros, reportagens, fotografias, imagens e documentários, além do próprio lugar e seus sujeitos, constituem o conjunto de fontes para o ensino de História e que nos ajudaram a construir diferentes atividades pedagógicas a serem desenvolvidas na proposta de intervenção.

O programa de História da escola e planos de curso de professores do Ensino Fundamental também foram fontes de análise para compreender ou mesmo verificar qual tem sido o espaço dedicado à História Local na sala de aula. Da mesma forma, buscamos

verificar e identificar a existência, ainda que não esteja contemplado no currículo escolar, um espaço na prática docente para o tratamento da história local.

Pela natureza e características da proposta de trabalho, verificou-se uma aproximação com a ideia de pesquisa participante, fundamentada no envolvimento de diferentes sujeitos, na medida em que busquei trabalhar com os estudantes da Educação Básica da Escola Municipal Professora Luciana Góes de Jesus. São estudantes do Ensino Fundamental das séries finais e que estão matriculados no 9º Ano. Os estudantes apresentam histórias de vida bastante diversificadas e são todos oriundos basicamente da sede do município de Aratuípe.

A Escola Municipal Professora Luciana Góes de Jesus, integrante da rede municipal de educação de Aratuípe-Ba, atende a estudantes que estão cursando o Ensino Fundamental II, composto por turmas do 6º ao 9º ano, conforme regulamenta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, que, entre outras coisas, atribuem aos municípios a responsabilidade pela Educação Infantil e o Ensino Fundamental.

Trata-se de uma escola que completa 15 anos de funcionamento na oferta desta modalidade de ensino. Em 2004 a escola começou a funcionar com turmas de 5ª série do ensino fundamental (atualmente denominado 6º ano), como parte da concretização do processo de municipalização das escolas estaduais que estava em curso neste período. Inicialmente a escola funcionava sob a denominação de Escola Municipal de Aratuípe e teve seu nome alterado por ocasião das comemorações de 10 anos de funcionamento da instituição, quando se discutiu a necessidade de constituir uma identidade para a escola. Na oportunidade, através de consulta à comunidade escolar, foi escolhido o nome de Luciana Góes, em homenagem a uma professora que foi uma das primeiras a atuar na instituição quando do seu funcionamento, e que faleceu ainda jovem no ano de 2008.

A escola está localizada na Rua Edmundo Honorato Barreto que faz parte do único bairro que compõe a cidade de Aratuípe. O local onde a escola está instalada, é composto, em sua grande maioria, por moradores que vivem em situação de vulnerabilidade social, além de concentrar a maior parte da população aratuipense. Para muitos que compõem a comunidade escolar, a localização da escola tem influência direta nas ocorrências e problemas enfrentados pela instituição no que diz respeito aos casos de violência no ambiente escolar, inclusive na relação com os supostos casos de tráfico de drogas que por vezes tem repercussão na escola.

O público de estudantes atendidos pela escola é originário de diversas regiões da cidade, além de cidades vizinhas. Residem na sede da cidade de Aratuípe, na zona rural, e até mesmo em localidades pertencentes a cidades vizinhas, formando um público bastante heterogêneo e apresentando vivências de mundo bastante diversificadas.

A turma selecionada para o desenvolvimento da proposta de intervenção funcionava no turno vespertino, sendo, portanto, formada por um número de 15 estudantes e que residem apenas na sede da cidade de Aratuípe. A maioria dos que formavam a turma, reside no próprio entorno da escola, no bairro da Cidade de Palha. Eram pertencentes a famílias de baixa renda, como a maior parte dos moradores da localidade, enfrentando os mesmos dilemas que costumeiramente estão presentes neste lugar.¹

Buscamos fazer com que os estudantes estabelecessem, à medida que as atividades fossem desenvolvidas, um contato permanente com a comunidade de Maragogipinho. Tal contato permitiu, entre outras coisas, que o trabalho pedagógico de pesquisa e de consequente construção do conhecimento fossem desenvolvidos por meio da interação permanente com a atividade ceramista, com os trabalhadores da cerâmica, bem como com o universo que envolve o patrimônio cultural da localidade produzido pelos seus sujeitos.

Para tanto, a proposta de intervenção englobou um conjunto de atividades pedagógicas que foram desenvolvidas ao longo da última unidade letiva de 2019, envolvendo o contato com diferentes fontes como vídeos produzidos sobre Maragogipinho em diferentes momentos para variados fins, textos jornalísticos, livros e trabalhos acadêmicos existentes e que serviram como fonte de pesquisa.

O trabalho tem como propósito valorizar o trabalho com História Local, tomando como referência as vivências e experiências históricas verificadas na comunidade ceramista de Maragogipinho, enquanto patrimônio vivo, adotando como estratégia metodológica a utilização da educação patrimonial como possibilidade de construção de conhecimento histórico escolar. Para tanto, buscamos desenvolver uma proposta de intervenção a partir da realização de um conjunto de atividades com estudantes do 9º ano da Escola Municipal Professora Luciana Góes de Jesus, localizada na cidade de Aratuípe,

¹ As atividades desenvolvidas com os estudantes mencionados foram realizadas num período que compreendeu a quarta unidade letiva do ano de 2019, especialmente nos meses de outubro e novembro. No entanto, a atividade de visitação à cidade de Nazaré-Ba quando da realização da Feira de Caxixis, ocorreu no mês de abril daquele ano e constituiu parte importante da discussão sobre patrimônio.

cuja proposição pode também se constituir em sugestões para o trabalho docente no âmbito do ensino de História.

O conjunto das atividades, análises e reflexões que foram produzidas e que fazem parte desta dissertação possui o seguinte formato: o primeiro capítulo é composto de três subtemas, a partir dos quais buscamos apresentar ao leitor uma constituição histórica da comunidade ceramista de Maragogipinho, e da mesma forma, tentamos construir os caminhos que justificam a escolha desse espaço como lócus da nossa pesquisa. Inicialmente, destacamos as questões ligadas às possíveis explicações para o surgimento da atividade ceramista em Maragogipinho como resultado de diferentes influências culturais. No segundo subtema, trouxemos as memórias e informações a respeito de como o trabalho com o barro e o estabelecimento das olarias em Maragogipinho teria contribuído para tornar o lugar como caracterizado pela relação com a produção de objetos de cerâmica, constituindo-se um verdadeiro “patrimônio vivo”. No subtema seguinte, mostramos o percurso na definição de Maragogipinho como tema da minha análise, evidenciando como se processou a escolha da educação patrimonial como possibilidade metodológica para o ensino de história local.

No segundo capítulo do trabalho, que foi composto por dois subtemas, buscamos submeter o tema trabalhado à reflexão por meio do aporte teórico que serviu para fundamentação dos caminhos que constituímos ao longo da pesquisa e da implementação da proposta de intervenção desenvolvida com os estudantes. Num primeiro momento deste capítulo, a perspectiva foi de refletir acerca de Maragogipinho a partir da relação entre memória, patrimônio e o ensino de História. Desta forma, buscamos destacar as características do campo da História Local, tratando ainda sobre aspectos da história oral e da fotografia, evidenciando a sua viabilidade de tratamento com relação ao ensino de história e a abordagem metodológica da educação patrimonial

O terceiro e último capítulo foi dedicado à apresentação de relato acerca da proposta de intervenção colocada em prática na última unidade letiva do ano de 2019, na escola mencionada acima. Neste momento, apresentamos a trajetória de construção do conjunto de atividades que, a partir da utilização da educação patrimonial, orientaram o desenvolvimento da proposta, com base nas referências valorizadas, constituindo-se sugestões de como proceder o ensino de História por meio da Educação Patrimonial.

Sendo assim, as análises e proposições que emergem a partir deste trabalho não ambicionam encerrar uma discussão ou apresentar soluções definitivas para o

ensino/aprendizagem de História Local sob a perspectiva da Educação Patrimonial. Para além desse pensamento, pretendemos ajudar a fomentar e incentivar o desenvolvimento de um debate permanente sobre as diferentes possibilidades para tornar o processo de construção do saber histórico escolar uma tarefa possível e efetivamente significativa nas nossas “salas de aula”.

Michel Thiollente (2009, p. 162) ressalta a importância de um projeto educacional emancipatório, na medida em que permite a grupos que possam ser denominados como modestos, ter acesso ao conhecimento. A tarefa e mesmo desafio do trabalho pretendido foi de propor algo que assuma um caráter emancipatório no sentido de produzir um conhecimento novo, mas que implique numa ação de transformação social.

1. MARAGOGIPINHO: ASPECTOS DA CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA E O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL

1.1 PERCURSOS HISTÓRICOS DA FORMAÇÃO DE UM PATRIMÔNIO VIVO

Maragogipinho é um dos dois distritos que compõem o município de Aratuípe. Apesar da emancipação política e administrativa do município ter ocorrido no dia 09 junho de 1891, somente a partir da alteração verificada pelo Decreto Estadual nº 10.724, de 30 de março de 1938, é que Maragogipinho passa a figurar na divisão territorial da cidade como distrito, juntamente com a sede de Aratuípe. Apesar das reorganizações territoriais que se seguiram a partir de então, Maragogipinho permaneceu na condição de distrito de Aratuípe, figurando como um lugar de destaque para o município, tanto pela riqueza cultural que construiu, como também pela importância econômica que representa para os seus moradores.

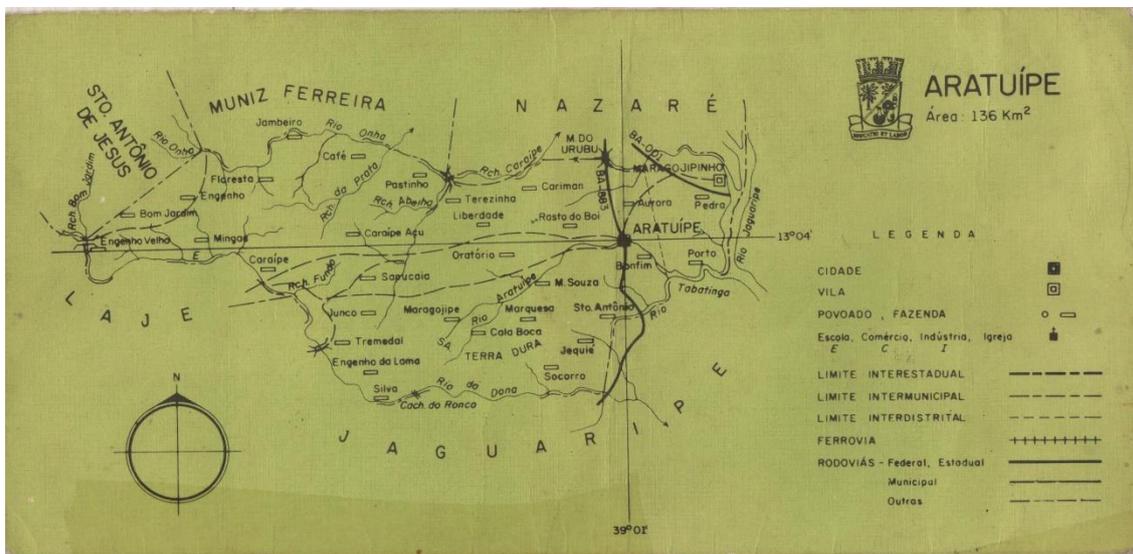
Ao longo do tempo, o distrito de Maragogipinho ajudou a compor a identidade cultural do recôncavo baiano. A grandiosidade da produção ceramista local, sempre destacada por diferentes sujeitos em variados momentos, indica-nos que os objetos fabricados pelos oleiros, entre os quais se evidenciam os de natureza utilitária, tinham e continuam a ter um papel importante na economia da região em vários aspectos.

A Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (FERREIRA, 1958, p. 46-47), ao fazer a descrição de Aratuípe, destacou que, no ano de 1955, o artesanato produzido em Maragogipinho representou a principal atividade econômica do município, chamando a atenção para a quantidade de peças fabricadas naquele período, quando teria atingido a quantidade de 50.000 dúzias de peças de barro. Infelizmente, mesmo na atualidade não existe um instrumento de controle do quantitativo de produtos de cerâmica que são fabricados em Maragogipinho. A natureza do processo produtivo, considerando que as peças são produzidas de diferentes formas e em diferentes ambientes, não permite que precisemos o número de peças que são produzidas ou comercializadas.

Apesar da intensa relação histórica e cultural de Maragogipinho com o Recôncavo Baiano, uma nova configuração territorial do Estado da Bahia alterou esta relação, ao menos do ponto de vista da organização do estado. Atualmente o município de Aratuípe compõe o território de identidade do Baixo Sul da Bahia, não mais fazendo parte da região do Recôncavo Baiano. Com as novas composições verificadas no âmbito da estrutura

territorial para o estabelecimento das políticas públicas do Estado da Bahia a partir de 2008, Aratuípe passa a compor um novo território de identidade funcionando como uma espécie de porta de entrada para Baixo Sul.

Figura 1 - Mapa da cidade de Aratuípe com seus principais limites



.Fonte: Prefeitura Municipal de Aratuípe - mapa utilizado em folder elaborado em 1981 para promover a divulgação turística de Maragogipinho como maior centro cerâmico da Bahia

Até aqui, não foram poucas as tentativas, por parte daqueles que demonstraram algum interesse pelo distrito de Maragogipinho, de encontrar as explicações para o surgimento da atividade ceramista no local. Dos textos produzidos com os mais diferentes focos e interesses, a quase totalidade dos trabalhos apresentou uma preocupação com este propósito. Mas, apesar dos esforços verificados, tendo como consequência a ocorrência de variadas explicações, não foi possível o fechamento de questão acerca da temática, em função do caráter impreciso das informações verificadas até o momento.

De modo geral, percebemos uma certa preocupação em explicar a gênese do local e, especialmente, da atividade ceramista, considerando o grande destaque que a lida com o barro assume entre os seus moradores e o encantamento que os consumidores geralmente apresentam em relação ao que é produzido no local e que se constitui um importante patrimônio cultural.

À primeira vista, a comunidade de Maragogipinho seria apenas mais uma pequena localidade que compõe a pequena cidade de Aratuípe. No entanto, existe algo na localidade de especial e que se traduz numa peculiaridade que não nos permite confundila com outros lugares da região. Peculiaridade constituída a partir de uma atividade que garantiu ao lugar um importante valor histórico, ao mesmo tempo em que a riqueza

cultural do seu povo e do seu espaço preenchem um mundo de experiências e vivências singulares, difíceis de serem observadas em qualquer outro lugar e que em todos os momentos se refletem no “viver do barro”².

Apesar das tentativas realizadas por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, não foi possível ainda precisar as origens da atividade ceramista de Maragogipinho. Mota (2011, p. 148) evidencia que “existem diversas explicações para tal acontecimento, inclusive para a origem do próprio nome da localidade”. Sobre este aspecto, a tradição oral indica que o termo Maragogipinho pode ser visto como derivativo do nome da Cidade de Maragogipe, cidade situada no Recôncavo Baiano, assim também como pode ter origem no nome de um líder indígena que teria habitado a região ainda no período colonial brasileiro.

O fato de a produção de cerâmica envolver praticamente toda a comunidade local, faz com que as pessoas que aí chegam procurem obter informações acerca da origem da intensa dedicação da população à produção dos objetos derivados do barro. É, portanto, frustrante que, apesar de toda a produção acadêmica, ainda não se precise a origem da atividade ceramista local.

Em todo o Brasil, desde o período que antecede a colonização portuguesa, foi comum a existência de atividades de produção de objetos de cerâmica. Sendo assim, a produção e a utilização destes utensílios estão presentes entre os indígenas desde um período que antecede qualquer contato possibilitado pelo processo de ocupação colonial no Brasil (PEREIRA, 1957). Nos mais diferentes espaços do território brasileiro, as peças produzidas apresentaram especificidades, quer seja nas formas de trabalho e de produção, no estilo apresentado pelos objetos, ou mesmo na finalidade a que se destinavam. Ao mesmo tempo, a presença dos colonizadores europeus pode ser verificada como fator relevante no processo de produção ceramista, na medida em que contribuiu, em muitos aspectos, para uma reestruturação do processo produtivo, tanto para a utilização de utensílios domésticos, como também para a fabricação de instrumentos necessários à montagem da estrutura produtiva colonial. (PEREIRA, 1957)

Pelo que é observado, as demandas provocadas pelo avanço do processo de colonização na região, onde também está Maragogipinho, estimularam a intensificação

² Essa expressão é retirada do título da Dissertação de Mestrado de Virgínia Queiroz Barreto intitulada **Viver do barro: Trabalho e Cotidiano de Oleiros - Maragogipinho – Bahia: 1970–1998**. (BARRETO, 2000)

da produção ceramista a partir de uma estrutura mais complexa, provocando o incremento de diversos elementos como, por exemplo, a montagem de olarias destinadas exclusivamente a esta finalidade. A primeira ocupação da qual se tem notícia, efetivada em território aratuipense pelos jesuítas, foi feita encravada numa aldeia dos índios cariris, posteriormente ocupada pelos aimorés, quando se deu a construção da capela de Santo Antônio dos Índios em 1558 e, ao lado desta, a criação de um espaço destinado à produção de objetos de barro necessários ao abastecimento e ao desenvolvimento da aldeia. A presença indígena nessa região nos leva à identificação da possibilidade de que a fabricação das primeiras peças pode ser atribuída aos índios que habitaram esses espaços durante um longo período.

Em se tratando da cerâmica produzida na comunidade de Maragogipinho, a influência portuguesa na cultura ceramista do local é notada com facilidade (PEREIRA, 1957). De certo modo, destacam-se os incrementos verificados especialmente nas técnicas utilizadas na produção dos objetos e utensílios, como, por exemplo, a utilização do torno, que é usado comumente para a produção da maior parte das peças modeladas pelos oleiros.³ Um outro importante incremento da cultura portuguesa apontado pelo autor diz respeito à queima das peças fabricadas. Neste aspecto, destaca-se a existência dos fornos de capela, que verificamos no interior das olarias (FIG. 02) e que são grandes estruturas montadas para queimar principalmente as peças de maiores proporções, que não caberiam em fornos menores. Temos ainda o emprego do esmalte no acabamento das peças, além de outros tantos artifícios que serviram para tornar a produção ceramista da comunidade dotada do significado e da tipicidade que a caracteriza.

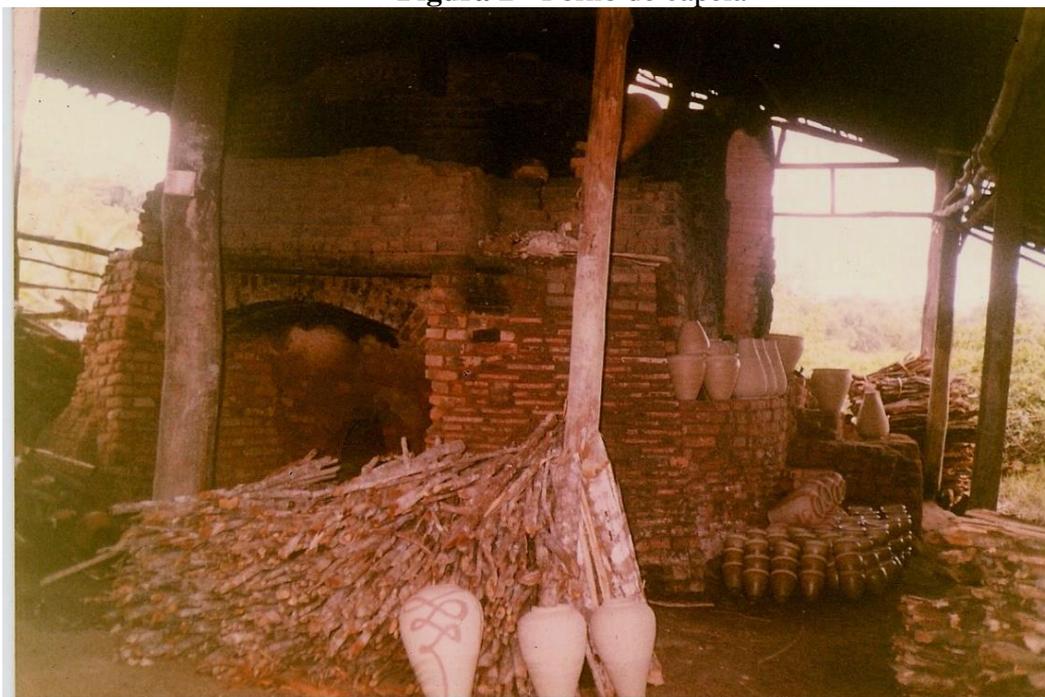
No que se refere aos africanos, que foram trazidos para terras brasileiras dentro do projeto português para atender à empresa colonial, sob a condição de escravizados, também exerceram influência significativa na atividade ceramista, sobretudo na fabricação dos utensílios necessários ao abastecimento das propriedades e engenhos (SCWARTZ, 1988), bem como na confecção de objetos utilizados nas práticas cotidianas e, em especial, nos rituais religiosos de matriz africana.⁴ Estes últimos objetos ainda são

³ O torno é uma estrutura predominantemente de madeira utilizada para a modelagem da maioria das peças produzidas em Maragogipinho, composto de uma roda na parte de baixo da estrutura movimentado com os pés que faz girar uma pequena bancada na parte superior onde é colocado o barro que será modelado com as mãos pelo oleiro.

⁴ Uma parte considerável da produção ceramista em Maragogipinho é dedicada ao fabrico de tachos, vasos, quartinhas e quartiões, especialmente para atender à demanda de terreiros e/ou casas dedicadas aos cultos e rituais de religiões de matriz africana. Esses objetos são facilmente encontrados em feiras como a de São Joaquim em Salvador.

fartamente fabricados pelos oleiros na atualidade, servindo para demonstrar essa influência na atividade ceramista.

Figura 2 - Forno de capela⁵



Fonte: acervo do autor, 2003.

Entre as nossas preocupações neste trabalho não está presente a tentativa de mensuração da importância, ou mesmo do grau de participação desses diferentes povos no processo de desenvolvimento da atividade ceramista em Maragogipinho. No entanto, é possível verificar que a formação dos vários núcleos existentes em diferentes lugares pode suscitar a verificação de diversas influências, onde qualquer tipo de limitação deve ser desconsiderado.

Sabe-se apenas que é antiga essa tradição no local de dar formas ao barro, remontando ainda ao período colonial, com a predominância de elementos que, como já vimos, permitem a confluência da cultura indígena que habitava a região, da cultura portuguesa introduzida por intermédio da ocupação da região, e também da cultura oriunda da África, com seus elementos tão característicos. Ao longo do tempo a atividade ceramista passou por inúmeras transformações, tanto no que se refere ao processo produtivo, como também no tocante ao perfil de consumidor dos objetos fabricados. As

⁵ O forno de capela corresponde a uma estrutura feita de barro e tijolos de cerâmica, construído geralmente no interior de olarias de maiores dimensões e que é utilizado para a queima das peças consideradas grandes. Este tipo específico de forno é pouco encontrado nas olarias, tendo em vista que exige espaço e estrutura que nem todos os oleiros possuem.

mudanças verificadas são também constituintes da riqueza histórica e cultural que caracterizam um mundo de experiências evidenciadas na luta pela manutenção de um verdadeiro patrimônio construído na relação entre trabalho e arte.

Não se constitui como propósito deste trabalho estabelecer um mito fundador da atividade ceramista em Maragogipinho. No entanto, parece-nos relevante ajudar a revelar a intensa vinculação que a comunidade possui com a tarefa de produzir artefatos de barro, na medida em que a história de constituição de Maragogipinho se confunde com a presença da atividade ceramista na nossa região. Os que visitam a comunidade até os dias de hoje, o fazem fundamentalmente em função da sua relação com a produção artesanal que se traduz numa marca identitária do lugar e da sua gente.

Uma marca construída ao longo das trajetórias de trabalhadores escravizados ou não, negros, índios e brancos, que resistiram ao tempo e que legaram um conjunto de saberes e fazeres transmitidos de geração a geração, de forma a consolidar uma prática que se configura como um importe legado histórico e cultural.

1.2 O MUNDO DA CERÂMICA: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA FIXAÇÃO DA ATIVIDADE CERAMISTA EM MARAGOGIPINHO

Embora não seja possível precisar o momento em que teve início a instalação das olarias no espaço que corresponde hoje a Maragogipinho, o conhecimento comum, especialmente presente na tradição oral na comunidade, indica que o trabalho de produção de objetos de cerâmica em toda a extensão do rio Jaguaripe e seus afluentes, e não apenas onde hoje é Maragogipinho, remete ao período colonial. De acordo com Mota (2011), em Carta Régia de 1717 já existem relatos da atividade ceramista em Maragogipinho que, em seus primórdios, aparece citado apenas como pequeno lugar entre a atual cidade Aratuípe e a cidade de Nazaré.

Mais adiante, Rebello (1829) deixou as suas impressões registradas na primeira metade do século XIX, ao passar nas proximidades de Maragogipinho. O cronista aponta para a confirmação de que, neste período, a tarefa de produzir objetos de barro já representa uma atividade de grande significado, abrindo espaço para justificar, da mesma forma, a permanência da prática ceramista nesse espaço. Em sua passagem pela região verifica que,

[...] às margens do Jaguaripe, que são extensas, o caminho de Nazareth, estão povoados e cheios de olarias, nas quais faz-se muita louça para serviço de cozinha, potes talhas grandes e pequenas, tijolo quadrado e comprido, telhas, quartinhas para água de diversos moldes.

Fica aí evidenciado, a partir do olhar deste atento observador, a importância do conjunto de olarias numa região importante sob muitos aspectos, e que servia para abastecer de utensílios diversos o Recôncavo baiano. Chama a atenção também o caráter diversificado da produção ceramista. Neste caso, não vemos destacado apenas uma produção que se aproxima do que hoje caracteriza a produção de Maragogipinho, onde predominam os objetos de utilidade doméstica, bem como os de função decorativa. Nesse sentido, até meados dos anos 80 do século passado, em fazendas próximas à sede de Aratuípe, ainda se verificava a existência de olarias que produziam telhas e tijolos de barro, bastante utilizadas na construção das casas na cidade e localidades vizinhas.

A memória compartilhada entre os moradores e trabalhadores de Maragogipinho costuma apresentar-se sob a construção de variadas narrativas, mas que, ao seu modo, buscam explicitar a gênese da cerâmica no local. Em trabalho de pesquisa que realizei e que deu origem a uma produção monográfica (SOUZA, 2002), o oleiro Almerentino foi responsável por reconstituir um possível trajeto que a arte de produzir peças de barro teria percorrido até se estabelecer definitivamente em Maragogipinho.

A cerâmica de Maragogipinho veio de Jaguaripe. Por sinal, ela veio destinada ao lugarejo, que se chama Cainema [...] Do Cainema ela veio pra Piedade. E da Piedade ela veio à Fazenda Cabral, e do Cabral ela veio destinada até Maragogipinho [...], pessoas que veio da cidade de Jaguaripe. (SOUZA, 2002, p. 17).⁶

Partindo da cidade de Jaguaripe, os espaços que constituem a ocupação realizada pelos antigos oleiros seguem o curso do rio que tem o mesmo nome, até chegar em Maragogipinho. Nesse cenário que constitui a bacia do Rio Jaguaripe, podemos dizer que Maragogipinho passou a assumir um papel de destaque na medida em que, por razões ainda pouco explicitadas, passou a concentrar um número expressivo de olarias, a ponto de a atividade ceramista tornar-se a principal fonte de renda de toda a comunidade. Em grande medida, a tarefa de transformar o barro em arte garante o sustento da maioria dos

⁶Almerentino Macário de Souza - entrevista realizada no dia 18/05/2001 e utilizada como fonte para análise durante produção de monografia já mencionada. De modo geral, o que é sabido sobre a constituição histórica de Maragogipinho, é resultado das memórias reveladas pelos seus moradores. Como nas entrevistas que foram realizadas por mim quando da produção de texto monográfico buscamos dar visibilidade a essas memórias, optamos neste momento por valorizar as diversas narrativas apresentadas pelos sujeitos que compõem o lugar.

moradores que, mesmo não trabalhando diretamente na atividade, estão sempre e de alguma maneira vinculados a ela.

A arte ceramista produzida em Maragogipinho é a mesma que deu nome à Feira de Caxixis, que é realizada na cidade de Nazaré das Farinhas. O nome da feira faz referência a um tipo específico de peça de barro em miniatura que reproduzem geralmente utensílios do universo doméstico e outras peças maiores produzidas pelos oleiros de Maragogipinho, mas utilizadas como brinquedos para as crianças, cuja produção servia para introdução das crianças e jovens no universo de produção de objetos de cerâmica na comunidade, funcionando como forma de aprimoramento das habilidades de produção das peças.

A Feira de Caxixis constitui-se numa das mais tradicionais manifestações culturais do Recôncavo Baiano. Apesar de seus produtores e as peças de cerâmica que motivaram o surgimento da feira serem originários de Maragogipinho, o evento é realizado desde a sua origem na cidade de Nazaré das Farinhas. A cidade é vizinha à comunidade de Maragogipinho e está encravada no Recôncavo baiano. O evento é sempre realizado no período de comemoração da Semana Santa. A sua realização em Nazaré das Farinhas justifica-se, em grande parte, em função do grande destaque econômico que possuía esta cidade, funcionando como um importante polo econômico e também cultural da região.

Conforme explicado por seus moradores por meio da tradição oral, a feira teve início há mais de 200 anos, quando um oleiro de nome Patrício resolveu encher sua canoa de louças e as levar para a cidade de Nazaré para aventurar vendê-las durante o período de comemoração da Semana Santa, como é narrado abaixo:

Mas quem começou tudo, quem deu origem à Feira de Caxixis foi o meu bisavô Patrício, que veio sozinho pela primeira vez para cidade de Nazaré, pois lá na Vila de Maragogipinho não tinha quem comprasse as peças.⁷

Diz a memória local que Patrício teria vendido tanto nesses dias que no ano seguinte resolveu repetir a façanha, trazendo, dessa vez, uma maior quantidade de peças, acompanhado de outros oleiros que, ao tomarem conhecimento do ocorrido, vieram tentar

⁷ Janailson em entrevista ao Jornal A Tarde -15/04/2001

a sorte. Essa prática veio a se repetir nos anos subsequentes a ponto de tornar esse evento tão importante quanto o que se apresenta atualmente.

As peças que são produzidas em Maragogipinho não se destinam a atender exclusivamente à demanda da Feira de Caxixis, nem tão pouco as vendas que são realizadas durante a sua realização verificam-se como as responsáveis pela maior parte da renda dos oleiros. Mas, para compor a análise da permanência e do desenvolvimento da cerâmica no local, esse fato é extremamente relevante. O oleiro Antônio Dativo, que desde criança começou a levar suas peças para vender nesse evento, ainda hoje reconhece a sua importância:

É uma vitrine, né, pra Maragogipinho, porque a Feira de Caxixi mostra mesmo o nosso produto, onde é uma tradição. E essa tradição, as pessoas que vem participar, então leva o quê? Leva o conhecimento, quer dizer que fica como uma vitrine do nosso produto na Feira de Caxixi.⁸

A feira apresenta-se como a mais tradicional e significativa forma de divulgação das peças que passaram a ser conhecidas e consumidas em lugares cada vez mais distantes. Ao longo do tempo, apesar das diversas modificações verificadas nesse evento, o que contribuiu para alterar até mesmo o seu significado, abarcando uma série de outras atrações, como apresentações musicais, blocos, pequenos eventos particulares, os objetos de barro ainda permanecem como a referência maior, especialmente no que se refere ao próprio nome do evento. A partir das olarias de Maragogipinho, as peças cerâmicas protagonizam a tradicional feira de caxixis.

Quem percorre os espaços da comunidade de Maragogipinho, depara-se com um cenário de tranquilidade, quase sempre característico de pequenos lugares. São poucos os moradores que encontramos nas suas ruas no decorrer do dia nos horários de trabalho. Em grande parte do dia é nos espaços das olarias onde eles se encontram. Homens, mulheres, jovens e crianças compõem o ambiente das olarias que, em sua maioria, encontram-se instaladas defronte ao manguezal, à margem do rio Maragogipinho, um afluente do rio Jaguaripe.

Embora não existam informações mais precisas sobre o número total de olarias existentes, são cerca de 90 delas, espalhadas especialmente nas proximidades do rio. Exigindo pouca engenhosidade as olarias caracterizam-se pelo aspecto de simplicidade

⁸ Antônio Dativo, entrevista gravada em 19/08/2003

que apresentam. Elas são construções feitas de madeira com paredes feitas de palha e cobertas com telhas de cerâmica.

Figura 3 - Aspecto externo das olarias de Maragogipinho



Fonte: acervo do autor, 2003.⁹

Atualmente, muitas têm sido as alterações e intervenções feitas no aspecto das olarias, na medida em que muitos proprietários tem optado por realizar construções de bloco e cimento, principalmente as que estão localizadas mais próximas das ruas pavimentadas, o que tem contribuído para alterar consideravelmente a identidade desses ambientes, distanciando-as da rusticidade característica que apresentavam em outros períodos.

As olarias geralmente possuem chão de terra batida, constituindo um ambiente caracterizado pela pouca luminosidade no seu interior. É dentro das olarias ou nos vários caminhos estreitos, utilizados para percorrê-las, que encontramos a maior parte das pessoas do lugar. Atualmente, muitos são os oleiros que trabalham no fundo das próprias casas, em olarias improvisadas, estruturas menores e mais simples do que geralmente verificamos nas olarias tradicionais. O ambiente das olarias não é um espaço conturbado nem de grandes agitações. É um vai e vem de pessoas que observamos viver em uma

⁹ Atualmente os becos das olarias encontram-se com pavimentação em paralelepípedos.

rotina harmoniosa, marcada também pelas relações familiares. Durante todo o dia é lá que estão expressas as vivências de grande parte do povo que habita o lugar.

A explicação para o grande desenvolvimento da atividade ceramista em Maragogipinho pode assumir diferentes perspectivas. No trabalho de pesquisa que desenvolvi, cujo foco era o conjunto de mudanças nas características das peças fabricadas em função da atual predominância de uma produção voltada para objetos decorativos, em detrimento das peças utilitárias que eram fabricadas, podemos perceber que existem diferentes narrativas construídas entre os oleiros sobre a questão (SOUZA, 2002). O sr. Elísio Nazaré nos apresentou a seguinte explicação.¹⁰

Rapaz, segundo uma lenda que se fala é que esse trabalho veio de Jaguaripe. Por falta de argila em Jaguaripe. Então ele veio praqui, e aqui tá até hoje. Por causa da argila. Que a argila até hoje ainda, quer dizer, não tá como antigamente, que tinha em abundância. Hoje tá, mas que se tira um pouquinho, mas ainda tem. (SOUZA, 2002, p. 17)

Sob outra perspectiva, foi possível entrever outros fatores que levaram ao deslocamento da atividade ceramista para Maragogipinho, como foi verificado na narrativa do oleiro Almerentino, para quem a questão analisada ia além da necessidade de matéria-prima, como foi dito no depoimento do sr. Elísio. Para o oleiro Almerentino, existe uma outra explicação que transcende aspectos mais objetivos. “Isso rapaz é que tem um lado espírita, né. Onde iniciou a parte da cerâmica, é um negócio muito fino, muito dedicado ao espiritismo. Eu acho que aqui é um ambiente de grande sensibilidade”.¹¹ No dizer deste oleiro, existe algo na localidade que, dada a dimensão da espiritualidade, torna Maragogipinho um “lugar especial”. Ele atribui o fato a um aspecto que não pode ser explicado somente em termos materiais, mas, de outra forma, serviria para valorizar a identificação desse espaço com a própria atividade ceramista. As diferentes tentativas de explicação apresentadas nos informam que a memória é “um processo ativo de criação de significações”, ela é dinâmica, e está longe de se constituir apenas num “depositário passivo de fatos”. (PORTELLI, 1997, p. 33).

Segundo a descrição e caracterização da Vila de Nazareth, feita por Rebello (1829) na primeira metade do século XIX, ajuda-nos a sugerir que a proximidade de Maragogipinho com o comércio verificado nesta vila foi de grande importância para o desenvolvimento e consolidação da atividade ceramista, considerando a maior facilidade

¹⁰ Elísio Nazaré - entrevista realizada no dia 18/05/2001.

¹¹ Almerentino Macário de Souza – entrevista já mencionada.

de escoamento e comercialização dos objetos que também ajudavam a abastecer o comércio da região, quase sempre transportados através das águas do rio Jaguaripe pelas canoas e saveiros que compunham este cenário. Sobre a Vila de Nazareth, o autor verifica que:

Há muitos edifícios grandes particulares, e bem construídos. Seos habitantes tem atividade, empregando-se em lavoura e comercio, e por isto há na Villa bastantes lojas de fazendas secas, ferragens, e armazéns de molhados. O seo porto tem muitos barcos próprios, além de inumeráveis outros, e lanchas, que concorrem semanariamente á comprar víveres ali. (REBELLO, 1829, p. 180).

E continua seu relato admirado com a grandiosidade do comércio que se amplia em determinados dias da semana, dotado de uma variedade admirável, e que demonstra, ao mesmo tempo, a riqueza da região dotada de produtos de toda natureza.

Nos dias de sexta feira, sábado, e segunda há huma considerável Feira (a maior da Província) onde aparecem à venda a imensa quantidade de gêneros, que adiante vão notados, conduzidos para a Villa, tanto em cargas nos cavalos, e bois, que montão de cinco a seis mil, como em canôas: com a sobra dos quaes semanariamente se abastece a Cidade, sendo tudo d'alli trazido em grandes barcos, que se empregão nesta condução, onde chegão sempre nas quartas feiras o que muito ajuda para abundancia da Capital os gêneros que transportão são os seguintes, e montão a 65: algodão, arroz, agua-ardente de cana, aduelas para pipas, arcos de barris, ananazes, aboboras, batatas, bananas da terra e de S. Thomé, bois, café, capados, carne de porco salpresa, caxaça, couros, canas, canoas, cordas de embira, carneiros, epecacuanha, farinha de mandioca, dita de tapioca, dita de milho, feijão, fórmãs, goma, gamellas, gilós, galinhas, jacarandás, inhames, jouça, laranjas, limões linguças, leitoas, milho em grão e verde, melado, madeira de construção, mangarás, mocugês, melão, melancias, machiches, mel de abelhas, pimentas, pilões, perús, polaça, piquiás, quiabos, repolhos, rapaduras, remos, sabão, telha, tijolo, toucinho, vinhático, varamé, urupembas, cebolas, alhos: por tanto com razão se pode dizer, que Nazareth he o Egito da Bahia pela sua grande fertilidade, e diversidade de mantimentos, quase todos da primeira necessidade, em consequência do substancioso, e ottimo terreno geralmente próprio para toda a agricultura. (REBELLO, 1829, p. 180-181).

Com base nesta descrição da pujança comercial de Nazaré, considerada pelo autor como a maior da Província da Bahia no período, e ainda apelidada de “o Egito da Bahia”, verificamos que Maragogipinho também teria se beneficiado do esplendor comercial que caracterizava a vila que durante muito tempo foi merecedora de grande destaque econômico, político, social e cultural.

Para além de apenas querer explicitar as razões para que Maragogipinho tivesse se tornado o espaço cuja produção ceramista iria se concentrar e ganhar maior destaque, sobretudo em função da grande quantidade e diversidade de produtos fabricados, queremos destacar que, por qualquer que tenha sido a motivação, Maragogipinho passou a concentrar a sua atenção em uma atividade que se constituiu na principal marca da

identidade da cultura local, ganhando notoriedade e chamando a atenção para todos que entram em contato como este “mundo”. É, portanto uma importante marca da identidade cultural e da constituição histórica da Bahia e do Brasil, caracterizando-se por um grande atrativo da nossa história, e vislumbrando a possibilidade, do mesmo modo, de enriquecimento do ensino de História.

Apesar das imprecisões sobre determinados aspectos da história do local, nota-se que a intensificação das práticas de produção de objetos de barro garantiu a Maragogipinho uma peculiaridade tão expressiva que sempre serviu para atrair muitos olhares sob os quais temos a possibilidade de compreender o significado da atividade ceramista. Na segunda metade do século XIX, ao realizar as suas “Descrições práticas da Província da Bahia”, Durval Vieira Aguiar não deixa de destacar a valorosa atividade ceramista desenvolvida na localidade, apresentando também as suas impressões.

Descendo-se o rio desde Nazaré, encontra-se à direita o canal que conduz ao rio da Aldeia, e antes, à industriosa povoação de Maragogipinho, cheia de olarias, onde se fabricam as melhores vasilhas de barro do nosso mercado, como sejam: potes, talhas, bilhas, moringues, quartinhas, copos, panelas, caburés, etc., etc., especialmente as talhas de encomenda, pintadas e esculpidas, que são verdadeiros primores da arte. Escusa dizer que esse vasilhame, não vidrado, nos faculta as melhores resfriadeiras naturais até hoje conhecidas. (AGUIAR, 1979, p. 243).

Como outros observadores o fizeram, este autor também identifica o lugar sobretudo pela sua dedicação ao trabalho com a cerâmica. No trabalho deste autor, com o objetivo de promover um mapeamento das regiões pelas quais ele teria passado na província da Bahia do século XIX, no que se refere à localidade de Maragogipinho, dois aspectos são merecedores de destaque: o primeiro deles refere-se à própria indústria da atividade ceramista no local, percebida na verificação da grande quantidade de olarias existentes. O segundo aspecto destaca a qualidade dos produtos fabricados pelos diversos oleiros existentes, considerando que o trabalho presenciado em outros espaços não era detentor da mesma qualidade do que visualizou em Maragogipinho.

Sob vários aspectos, a visibilidade que a comunidade de Maragogipinho atraiu ao longo do tempo, justifica-se sobretudo pela destacada dedicação ao fabrico de peças produzidas a partir da cerâmica, e que tem se mostrado como uma marca da vivência do seu povo. “Viver do barro” adquiriu um sentido que contribui para forjar a própria identidade dos sujeitos que ocupam os seus espaços. Para alguns da região, Maragogipinho é visto como a “terra da cerâmica” ou mesmo a “terra do barro”. Não existe, portanto, uma dissociação possível entre Maragogipinho e a atividade ceramista.

Neste momento, o desejo que se forma é de cada vez mais ajudar a compreender os diversos componentes que constroem a história do lugar, contribuindo para dar visibilidade a esse fazer histórico que comporta uma riqueza cultural importante e que carece de maiores atenções. Ao mesmo tempo, revela-se a necessidade de fomentar o desenvolvimento de uma cultura de valorização da história e da cultura locais, percebido como um espaço de memória e, portanto, um “patrimônio vivo” a ser considerado sob diferentes perspectivas.

A percepção de Maragogipinho como um patrimônio vivo, expressado tanto na materialidade dos seus espaços e objetos produzidos, como na imaterialidade das variadas formas de expressão do trabalho, da arte e das tradições que verificamos no local, associado a uma perspectiva de construção de uma cultura de valorização de todo este repertório cultural que caracteriza o lugar, possibilita-nos também avançar da condição de pesquisa na área de história para uma outra dimensão que é o fazer docente na condição de professor de História.

Pelo que evidenciamos até aqui, e considerando o grande valor histórico e cultural atribuídos à comunidade de Maragogipinho, na medida em que diferentes sujeitos com diferentes olhares já se dispuseram a dedicar alguma atenção a variados aspectos do local, já temos justificado o nosso desejo de construir uma nova abordagem sobre o lugar e sobre a sua gente, oportunizando também a consideração de novos sujeitos que são os nossos estudantes na relação como o ensino/aprendizagem de história e que dê conta de ajudar a motivar o desenvolvimento de novas atitudes diante deste valioso patrimônio.

1.3 MARAGOGIPINHO, DE PATRIMÔNIO VIVO A OBJETO DO ENSINO DE HISTÓRIA

O mestrado profissional, à medida que evidenciou a necessidade de refletirmos sobre os dilemas cotidianos que parecem mais comuns entre os professores de história no cumprimento de suas ações educativas, ao mesmo tempo, coloca-nos diante da urgência de compreendê-los a partir de um olhar mais consciente e sistematizado, com vistas a dar materialidade às ações diversificadas para superar o desafio de tornar o conhecimento histórico acessível aos estudantes em diferentes níveis de escolaridade.

Nesse momento, na perspectiva de fazer escolhas, no sentido de definir um objeto de pesquisa dentro de um viés propositivo, com foco no ensino de história, a única certeza que se consolidava em meus pensamentos estava relacionada ao forte desejo de refletir sobre algo cuja natureza estivesse relacionada às minhas vivências, como forma de dar visibilidade às experiências dos sujeitos que produzem a história local. No entanto, apesar do propósito já evidenciado de voltar as minhas atenções para a valorização de algo que compunha a realidade da qual eu fizesse parte, a difícil tarefa de definir um objeto de análise no âmbito do mestrado profissional não se constituiu numa atividade de fácil solução. A cada momento de reflexão, diferentes possibilidades tomavam corpo, mas desapareciam com a mesma velocidade.

Como professor em atividade de 60 horas semanais, dividido entre duas escolas públicas da sede do município de Aratuípe, pertencentes às esferas administrativas municipal e estadual, as constantes viagens para Salvador a fim de acompanhar as aulas do mestrado, serviram, entre outras coisas, em oportunidade para refletir sobre a natureza do trabalho que pretendia desenvolver no transcorrer do curso.

O ProfHistória, sob vários aspectos, verificou-se como um divisor de águas na minha condição de professor de história. O primeiro semestre de 2018, período em que tiveram início as aulas do curso, ficará marcado como o momento do despertar de um professor que, tomado pela rotina do fazer docente, já percorrido os 15 anos de experiência em sala de aula, vinha desenvolvendo, quase que mecanicamente, a tarefa de ministrar aulas para adolescentes e jovens estudantes da rede pública municipal e estadual de ensino da cidade de Aratuípe-BA.

Uma prática “quase mecânica”, marcada pelo enfrentamento cotidiano do desafio de tornar atrativa aos estudantes a aprendizagem de um conjunto de temas da história que, quase sempre distantes de nós em termos de temporalidade, concorrem com o caráter efêmero das informações, vivências e experiências da sociedade atual, potencializado pelo uso das tecnologias diversas que inundam o nosso meio, possibilitando uma nova relação com a construção do conhecimento. Eis, portanto, o grande desafio de ser professor de História na contemporaneidade.

Muitas vezes, o caráter mecânico do ato de lidar com o ensino de história nas escolas em que trabalho não me permitia ter uma compreensão realista dos prejuízos que estamos a causar nos estudantes quando da insistência num ensino em que não se

concretiza, na prática, uma verdadeira aprendizagem. Sendo assim, a condição de aluno do curso de mestrado profissional em ensino de história também possibilitou o despertar para um conjunto de aspectos que se transformaram em motivadores de algumas importantes inquietações que, já num primeiro momento, coloca-nos o imperativo de repensar as nossas práticas docentes cotidianas.

A primeira delas diz respeito à uma destacada necessidade de, fundamentalmente, tentar entender ou mesmo dar sentido à minha prática na condição de professor de história, considerando aí tanto as questões de natureza mais materiais e objetivas, quanto na observação dos constantes desafios que se avolumam nos dias de hoje e que põem em cheque a própria utilidade do ensino de História, cuja consequência mais direta é o questionamento da própria figura do professor de História, questão sobre a qual Abud nos alerta que “a ameaça à história como disciplina escolar significa não somente redução das horas de estudo, mas a eliminação de uma forma de pensamento que implica na compreensão da sociedade e na formação da consciência histórica” (2017, p. 05). E é sob este cenário de grandes desafios que enfrentamos a tarefa de ser professor de História.

Do mesmo modo, foi possível verificar que o mestrado profissional foi um elemento disparador para uma intensa reflexão sobre a minha prática docente que contribuiu, ao mesmo tempo, para suscitar um estado de grande inquietação, permitindo uma reavaliação do sentido do que venho fazendo ao longo do tempo como professor de história. De modo especial, tive a oportunidade de redirecionar o meu olhar para a sala de aula, pensando, sobretudo, na relação entre a construção do conhecimento histórico através da atividade de pesquisa histórica e as possibilidades de efetivação do processo de ensino/aprendizagem de história.

As questões com as quais tenho me deparado ao longo do curso levaram-me a também refletir sobre qual a importância da atividade de pesquisa na minha ação pedagógica cotidiana. Mesmo considerando que esta atividade trata-se de uma prática que não deve estar dissociada do fazer docente do professor de História, neste momento estou me referindo mais objetivamente aos trabalhos acadêmicos que construímos na condição de pesquisadores no campo da História, e de como tais produções ecoam nas nossas salas de aulas, ou mesmo se transformam em conhecimento histórico escolar, na medida em que costumamos priorizar conteúdos e temáticas de natureza generalizante, ao tempo em que desprestigiamos os conhecimentos que construímos a partir dos trabalhos

acadêmicos das pesquisas desenvolvidas que muitas vezes destinam-se à análise de objetos mais próximos das nossas vivências.

À medida que as discussões possibilitadas pelo mestrado avançavam, novas inquietações tomavam corpo e ajudavam a construir novas indagações acerca da minha relação com a sala de aula e, ao mesmo tempo como a atividade de pesquisa. Nesse momento, ficava cada vez mais evidente que ensino e pesquisa se constituem em ações e práticas cada vez mais interdependentes. Uma relação indissociável com repercussões importantes na efetivação dos objetivos do fazer pedagógico no ensino de História.

Aliado a todas as inquietações que foram emergindo nesse contexto de avanço na reflexão sobre o ensino de história, somava-se ainda a necessidade de definição de uma temática ou mesmo objeto a ser analisado no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História. Nesse momento, constituía-se um novo caminhar. Um caminhar cujo trabalho se traduz na tentativa de construir, não apenas uma compreensão acerca das especificidades e desafios da tarefa de ensinar história, mas, ao mesmo tempo, traz o imperativo de desenvolver um caráter propositivo no sentido de construir novas alternativas para tornar esta tarefa uma ação efetiva e sob perspectivas que podem extrapolar os limites da sala de aula ou apenas do livro didático.

A inspiração para a definição do objeto de pesquisa teve origem a partir da minha sala de aula. A origem da temática apareceu justamente a partir de uma vivência de sala de aula no Colégio Estadual Professor Rocha Pita em Aratuípe, numa turma de 2ª série de nível médio, com base numa situação que me gerou uma certa inquietação.

No primeiro semestre do ano letivo de 2018, ainda durante o desenrolar da I unidade, após discutir e analisar com a turma da 2ª série na turma A, o processo de colonização portuguesa no Brasil, com foco em diferentes aspectos, propus a realização de uma atividade pedagógica. Como parte do processo de avaliação da aprendizagem, busquei estimular o processo de valorização da pesquisa sobre o patrimônio cultural da cidade de Aratuípe, ou mesmo de cidades circunvizinhas, considerando que o colégio mencionado por vezes recebe estudantes oriundos da cidade de Jaguaripe e de Nazaré das Farinhas, e que, portanto, não residem na cidade.

Para realização da atividade, dividimos a turma em grupos de 4 componentes. De acordo com a proposta, cada um dos grupos deveria selecionar um determinado bem material ou imaterial que eles considerassem como um patrimônio e que, de alguma

forma, apresentassem marcas, mesmo que indiretas, do período que estava sendo estudado. Tendo procedido a definição do patrimônio e realizada a pesquisa acerca do mesmo, os estudantes deveriam produzir um vídeo com duração de 3 a 5 minutos de duração que serviria como atividade avaliativa.

Na semana seguinte, à solicitação da atividade, os grupos deveriam informar o bem patrimonial escolhido, bem como os encaminhamentos que haviam adotado até aquele dia para a realização do trabalho. Na oportunidade, foram relacionados patrimônio culturais de diferentes lugares da região, como Nazaré das Farinhas, Jaguaripe, além da zona rural e sede de Aratuípe. Naquele momento, chamou-me a atenção o fato de que apenas um dos grupos não chegou a definir o que seria objeto de pesquisa e produção da atividade. Este grupo era formado por estudantes oriundos da comunidade de Maragogipinho, que costuma ser considerado por muitos, como sendo “o maior centro cerâmico da América Latina”.

Ao serem questionados acerca da razão pela qual não havia sido feita a escolha do bem patrimonial pelo grupo, a resposta apresentada deixou-me ainda mais admirado, tendo em vista que uma das integrantes do grupo informou que “em Maragogipinho não encontramos nada de interessante... lá não tem nada que preste”. Ainda sob estado de perplexidade, limitei-me a perguntar aos estudantes o que será que motivava tantas pessoas de diversas partes do Brasil, e por vezes de outros países, a visitarem o distrito de Maragogipinho? Por quais razões, pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento já buscaram o lugar para desenvolver pesquisas e atividades acadêmicas diversas?

A pretexto de tentar chamar a atenção dos estudantes para a observância da riqueza cultural da qual eles estavam rodeados, continuei enumerando fatos que se mostraram reveladores da importância atribuída àquele espaço por uma gama importante de pessoas que consideram Maragogipinho como um importante patrimônio, e que representa uma destacável expressão da cultura popular. Horta nos traz a observação de que “o importante é que a criança, o adolescente ou o adulto sejam capazes de apreciar a casa em que vivem e o mundo que os rodeia, sabendo apreciar igualmente os valores e características das épocas que os precederam, sem desvalorizações ou supervalorizações.” (HORTA, 2008, p. 20).

Apesar da perplexidade inicial diante da experiência narrada, a partir daquele momento, a minha sala de aula contribuiu para um despertar acerca da importância da

necessidade de valorização de histórias outras que, por razões diversas, tendemos a negligenciar, na medida em que não as incorporamos nos currículos que construímos ao ensinar história. Este caso, ao tempo em que serviu para chamar a atenção para a ausência de uma valorização mais efetiva da História Local, também nos ajudou no processo de definição do tema que se tornaria, sob uma nova perspectiva, o objeto do trabalho a ser desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História.

De acordo como Fernandes (1995), existe um lugar para a história local no ensino de História que não deve ser desconsiderado. A valorização da história Local pode ajudar, entre outras coisas, na construção da própria identidade do aluno não apenas como ser histórico, mas também como cidadão. Da mesma forma, permite uma aproximação com os métodos de pesquisa que são utilizados na produção do conhecimento histórico, possibilitando um conhecimento que permite melhor compreender a realidade local e a agir sobre ela.

Embora não se constituísse num imperativo que escolhessem algo que estivesse relacionado à atividade ceramista de Maragogipinho, os estudantes acabaram produzindo um vídeo que buscava evidenciar a influência de culturas africana, indígena e europeia na produção ceramista da comunidade, com base na observação da produção dos objetos cujos aspectos evidenciam as contribuições mencionadas.

É nesse contexto de conciliação entre a minha prática cotidiana de professor de História e a minha condição de estudante do curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, que emerge a definição de utilização do distrito de Maragogipinho, mais precisamente na consideração da sua relação histórica com a atividade ceramista, como estratégia de valorização da história local. Mais do que isso, vislumbrou-se agora a oportunidade de pensar o lugar, suas vivências, sua história, sua memória e seu patrimônio sob a perspectiva do ensino de História. É agora tornar possível perceber um espaço que se traduz num importante patrimônio cultural da cidade sob o olhar da sala de aula a partir de uma história ensinada com vistas a ajudar a formar sujeitos conscientes da necessidade de valorização da própria história, e, conseqüentemente, da própria identidade.

Por outro lado, a decisão de tratar Maragogipinho como lócus da minha atividade de análise na perspectiva do ensino de História, desencadeou questionamentos diversos acerca de muitos aspectos que não estavam apenas relacionados ao desafio de percorrer

os caminhos para dar conta do cumprimento das atividades do mestrado. Para além do nosso objeto de análise, apareceram questões que dizem respeito a aspectos mais amplos sobre os propósitos ou mesmo a qualidade da educação que temos garantido aos nossos estudantes, apesar de que muitos desses aspectos não se constituírem em objeto do nosso tratamento neste trabalho neste momento.

Para tanto, estou buscando considerar a reflexão a partir de duas perspectivas que, ao meu ver, ajudam a compreender as preocupações que ganharam corpo no decorrer desta nossa tarefa de pensar o ensino de História. A primeira delas diz respeito ao papel que o ProfHistória veio desempenhando na mudança da minha postura docente e da percepção da própria condição profissional dos professores que atuam no ensino de História na atualidade. A segunda e não menos importante perspectiva refere-se a dimensão do pensamento sobre a construção de novas alternativas para a efetivação da relação ensino/aprendizagem de História nas escolas públicas de Aratuípe-Ba, e da consequente transformação do trajeto constituído ao longo do curso em uma dimensão prática e/ou propositiva.

Nesse sentido, vislumbrar Maragogipinho sob a perspectiva do ensino de História, considerando o lugar como um patrimônio vivo, implica também na consideração de alguns questionamentos afluírem à medida que a reflexão sobre a pesquisa foi avançando. Entre elas podemos citar:

Como tem se constituído o ensino de História nas nossas salas de aula, e especialmente da história local?

Quais são os temas que estão presentes no planejamento das aulas e na prática cotidiana dos professores quando ensinam História nas nossas escolas?

Quais caminhos poderiam concorrer para aproximar o conhecimento histórico existente sobre Maragogipinho com a produção de conhecimento histórico escolar?

Quais são as possibilidades de uso de fontes históricas nas nossas salas de aula tomando como referência a valorização da história local?

Em que medida Maragogipinho, seus bens culturais, seus espaços e sua gente podem ser percebidos como patrimônio?

Quais os desafios diante da tarefa de tornar o ensino/aprendizagem da história local uma ação pedagógica possível?

Para além da minha prática docente, as questões que começam a aparecer diante do exercício de reflexão oportunizado pelo curso de mestrado profissional, leva-nos a refletir sobre qual tem sido o espaço da história local e mais precisamente de Maragogipinho, pensado como um importante patrimônio histórico e cultural, na produção de conhecimento histórico nas salas de aula do distrito, ou mesmo da cidade de Aratuípe.

Temos a compreensão de que as indagações que se apresentaram não são de simples elucidação, tendo em vista que reconhecemos a existência das muitas limitações. Ao mesmo tempo, não temos aqui a ilusória pretensão de promover o esgotamento de cada uma delas, como se esta fosse uma tarefa possível. No entanto, pretendemos inaugurar uma reflexão sobre esses espaços, seus bens culturais e seus sujeitos, que leve em consideração aspectos outros que ainda não foram tratados.

Maragogipinho, nesse momento, enquanto espaço para o estudo da história local, não deve ser compreendido isoladamente, mas na sua relação com os demais espaços, permitindo-nos avançar na compreensão de novos elementos que contribuam para o desenvolvimento de abordagens que estimulem os estudantes a adotarem novas posturas em relação ao patrimônio cultural que os cerca.

Apesar da surpresa diante da postura dos estudantes que residiam em Maragogipinho, ao considerarem que o lugar onde moravam não possuía “nada de atrativo ou que prestasse”, para quem, como eu, visita com certa frequência este distrito de Aratuípe e possui laços de amizade ou algum tipo de convivência com as pessoas do lugar, vejo-me obrigado a reconhecer que o comportamento apresentado pelos estudantes é representativo de um número considerável de moradores que apresentam uma visão depreciativa do lugar, demonstrando ignorar a importância histórica e cultural do lugar.

Em grande medida, as posturas pouco elogiáveis de muitos de seus moradores na percepção de Maragogipinho, bem como no tratamento do patrimônio cultural do qual fazem parte, denunciam a inexistência de uma consciência da importância histórica e cultural do lugar, bem como a fragilidade da identidade cultural que desenvolveram ao longo do tempo. Concordamos com Horta ao verificar que “reconhecer o passado cultural de que somos herdeiros dá-nos a garantia do equilíbrio de nossa identidade cultural, possibilitando-nos os meios de um bom relacionamento com o nosso presente e uma melhor perspectiva do nosso futuro” (HORTA, 2008, p. 17).

Sendo assim, na perspectiva de visualizar Maragogipinho sob o olhar do ensino de História, pensado a partir da emergência de novas práticas, consideramos ser possível contribuir para a promoção de novas atitudes, de modo a promover a disseminação de uma cultura de valorização do nosso patrimônio histórico e cultural. A crença nessa possibilidade de construção de educação que se mostre transformadora nos faz considerar que o ensino de História pode atingir seus objetivos tendo na metodologia da Educação Patrimonial um importante mecanismo para desenvolver uma consciência histórica que se verifique como estimuladora da valorização dos bens que se constituem como patrimônio cultural da nossa cidade.

Compreendemos, da mesma forma, que o uso da Educação Patrimonial como caminho pedagógico para o ensino de História ajuda a fomentar e incentivar o desenvolvimento de um debate permanente sobre as diferentes possibilidades para tornar o processo de construção do saber histórico escolar uma tarefa possível e efetivamente significativa nas nossas “salas de aula”, de modo a contribuir para fomentar uma nova relação dos nossos estudantes com o patrimônio cultural existente.

Embora ainda possam ser considerados insuficientes, não são raras as vezes que verificamos a presença de diferentes meios de comunicação, impressos ou não, a exemplo de programas televisivos que buscam Maragogipinho focados na atividade ceramista que é desenvolvida, quase sempre com o olhar de admiração pelas peças que são produzidas. Nestes casos, quase sempre se destaca o caráter estético dos objetos que resultam do processo produtivo, muitas vezes esquecendo-se de valorizar a cultura, o cotidiano e as vivências dos seus artesãos e da comunidade como um todo.

Sob o olhar do campo da História, mais precisamente no que valorizamos como sendo resultado de pesquisa histórica com características acadêmicas, e conforme alguns dos textos já mencionados neste trabalho, ou até aqui existentes, também pode ser considerado limitado o tratamento dispensado a Maragogipinho quando verificamos que este lugar ainda apresenta um potencial importante para a constituição das novas análises que ajudem a ampliar as possibilidades de compreensão do fazer histórico local.

Sob a perspectiva do ensino de História, o trabalho que estamos propondo ganha um grande significado. Neste momento, estamos buscando compreender Maragogipinho não apenas como um espaço que possui uma história e uma memória. Estamos aqui considerando-o como um patrimônio vivo. A condição que aqui destacamos como sendo

um patrimônio vivo, está relacionada ao fato de que não se trata de um bem cultural material e/ou imaterial dado em si, estático e simplesmente observável. Trata-se de um patrimônio que se constitui e se constrói cotidianamente a partir das relações entre os sujeitos, e destes com o lugar, com a arte ceramista que produzem, e mesmo com aqueles que visitam o lugar e consomem os produtos.

Trata-se de um patrimônio em permanente construção e, por isso, um “patrimônio vivo.” Como tal, nos oferece a oportunidade pioneira de uma reflexão sobre as possibilidades de fazer uso deste patrimônio para construir novas alternativas pedagógicas para o tratamento da história local de forma a aproximar os alunos do conhecimento histórico e de uma consciência histórica.

Entre outras coisas, aprender e ensinar História a partir deste lugar nos permite, efetivamente, ampliar as possibilidades de diversificação da prática pedagógica para além do ambiente da sala de aula. Como consequência, o contato com ambientes outros, que não seja apenas o da sala de aula ou do espaço escolar, possibilita a efetivação de uma prática mais dinâmica, estimuladora da atividade de pesquisa e motivadora do desenvolvimento de aprendizagens que se mostrem mais significativas sob todos os aspectos. Como observa Samuel “a história local não se escreve por si mesma, mas como qualquer outro tipo de projeto histórico, depende da natureza da evidência e do modo como é lida”. (SAMUEL, 1990, p. 237)

A valorização de Maragogipinho, analisada como objeto de ensino/aprendizagem de História, permite-nos também – dada a riqueza do trabalho, da produção e da cultura local – o trabalho com fontes diversificadas de análise e estudo da História, quer seja através de fontes orais, iconográficas e documentais, ou mesmo da análise dos objetos produzidos, ou da arquitetura do lugar.

Para Horta, “os monumentos e objetos do patrimônio cultural possibilitam às crianças, do mesmo modo que aos adultos, uma experiência concreta não verbal (e, por isso, acessível a todos), que lhes permite evocar e explicar o passado de que não são herdeiros” (HORTA, 2008, p. 16). Nesse sentido, temos um amplo universo para uso da Educação Patrimonial como maneira de valorização da história local e de suas fontes diversas quando se trata de Maragogipinho.

Da mesma forma, o enfoque pretendido é também originado do entendimento de que a efetivação de uma prática docente sustentada na utilização de temáticas mais

próximas do universo cultural e social dos alunos, reconhecidas como práticas socioculturais dotadas de importância, seja capaz de ajudar a desenvolver uma cultura de valorização do patrimônio bem como do trabalho dos que ajudam a construir o lugar e a sua riqueza cultural. Compreendemos, portanto, que a valorização da história local no contexto do ensino de história constitui numa forma de ampliar percepções e conhecimentos históricos junto aos estudantes visando a compreensão sobre si e sobre os outros, na medida em que também é capaz de estabelecer relações entre espaços outros, quer seja local, regional, nacional ou global a partir do lugar.

O trabalho tem a ver não apenas com uma possível confirmação de que se constitui em algo vantajoso a introdução da História Local, por meio da Educação Patrimonial, como estratégia para construir conhecimento histórico. Impõe-se, nesse contexto, a perspectiva de desenvolvimento de uma nova postura sobre o lugar e de uma ação positiva com vistas a um novo fazer no exercício da cidadania.

[...] o conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens culturais, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania. A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. (ZARBATO, 2017, p. 36)

Concordamos com a autora na medida em que compreendemos que, ao não reconhecerem certos bens culturais como componentes da própria identidade, a comunidade dificilmente agirá com uma postura que se mostre em favor da preservação ou valorização dos referidos bens. No nosso caso, a postura que muitos de seus moradores tem demonstrado, constituiu-se como uma das motivações para a definição de Maragogipinho como lócus da minha atividade de pesquisa a ser valorizado para pensar o ensino de História.

2. CONCEITOS, POSSIBILIDADES E DESAFIOS NO ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Neste segundo momento do trabalho, buscaremos submeter o tema trabalhado à reflexão por meio do aporte teórico que serviu para fundamentação dos caminhos que percorremos ao longo da pesquisa e da implementação da proposta de intervenção desenvolvida com os estudantes. O tratamento das questões que emergem das discussões que nos propusemos a desenvolver é o resultado do nosso caminhar ao longo do curso de mestrado que, entre outras coisas, mostrou-se como a oportunidade para refletir sobre quais são os caminhos para pensar um ensino de História que não nos imponha a sensação de insucesso, ou mesmo de impotência diante das demandas e da complexidade da atualidade, mas que nos estimule a pensar sobre práticas criativas, inovadoras e que valorizem os sujeitos aprendentes e os sujeitos históricos.

Embora muitos momentos fossem marcados mais pelas indefinições do que pelas certezas, ao menos no que diz respeito a uma ideia claramente construída dos limites e expectativas para um trabalho final, as reflexões até aqui realizadas apenas representam o desenvolver de um caminhar que se verificou mais consciente à medida que encaminhamos as atividades da pesquisa, que passaram a se traduzir na ação pedagógica alicerçada no exercício de reflexão permanente sobre as implicações do trabalho docente.

Vemos aqui ressaltada a importância das reflexões suscitadas pelo curso de Mestrado em Ensino de História que possui o mérito de consolidar o entendimento de que a ação pedagógica exige o exercício de pensar sobre a ação que se estabelece entre ensino-aprendizagem como lócus de pesquisa. Entre outras coisas, a experiência do mestrado permitiu que o retorno à sala de aula fosse sempre marcado por uma inquietação que surgia de um novo pensar sobre o que é ensinar História. Um novo pensar capaz de possibilitar que a ação mecânica do fazer pedagógico fosse dando lugar a uma ação mais criteriosa, consciente e melhor fundamentada sobre a reflexão, implicada na pesquisa.

A fim de definir caminhos metodológicos, o trabalho proposto incorpora a compreensão acerca da metodologia da Educação Patrimonial como a base para o desenvolvimento da nossa ação pedagógica e como um dos elementos norteadores para atuar no ensino de história sob o ponto de vista da valorização de uma História Local. No entanto, a complexidade inerente ao fazer pedagógico no campo da história nos impulsiona a refletir sobre perspectivas outras que aparecem como indispensáveis para a

compreensão não apenas do pensar sobre o ensino de História, assim como também da natureza do próprio campo do conhecimento histórico que nos coloca diante de um universo de possibilidades.

Nesse sentido, a relação entre Educação Patrimonial e o ensino de História como um caminho para pensar Maragogipinho foi o adotado, tendo em vista ser uma possibilidade também de pensar diferentes perspectivas que envolvem dimensões outras como a memória, a questão da oralidade, a fotografia, a imagem e o visual, entre outros. A Educação Patrimonial, portanto, possibilita valorização uma gama de olhares que se desdobram em reflexões acerca de temáticas variadas.

2.1 O PROFESSOR, OS ESTUDANTES, A COMUNIDADE

O trabalho que buscamos construir leva em consideração uma ausência constatada na observação do meu fazer docente. Tal ausência está ligada a desatenção ao ensino de História Local nas minhas aulas, pelo menos naquilo que é fruto de sistematização e planejamento cotidiano para organização das aulas. Parece que no processo de construção dos planejamentos diversos que dão materialidade ao currículo escolar na perspectiva do ensino de História, o espaço para a discussão de aspectos ou temáticas nesse foco constitui-se como bastante limitado. Infelizmente, minha prática docente refletiu esse quadro, e precisei realizar uma análise crítica sobre minhas aulas para compreender isso.

Não queremos afirmar, no entanto, que em nenhum momento discutimos ou analisamos aspectos da História Local nas aulas. Ainda mais, estamos partindo de uma constatação que diz respeito à minha realidade docente. Não se trata de uma ação pedagógica que possa ser considerada representativa da totalidade das práticas docentes que são desenvolvidas no município de Aratuípe. De qualquer maneira, voltar a atenção para a minha prática a partir da perspectiva da Educação Patrimonial me fez atentar para uma série de possibilidades pedagógicas que eu pretendo trazer à tona nessa pesquisa.

Foi possível refletir sobre o meu lugar enquanto professor de História, e em como reproduzimos, muitas vezes, determinadas práticas que, se forem consideradas, aparecem como distantes da realidade do estudante, ou até alheios a ela. Quero dizer que muitas vezes o ensino de História não leva em conta a realidade dos estudantes, e quer

transformá-los em depósito de conteúdo, o que representa uma tradição despreocupada com a efetivação da relação ensino/aprendizagem.

A qualificação e atualização profissional dos professores de História deverão acompanhar discussões, análises e produção de conhecimentos que avançam teórica, metodológica e empiricamente nos diversos espaços de conhecimentos, sejam acadêmicos ou não. Portanto, a partir da oportunidade em acessar tais espaços, o professor de história poderá repensar sobre suas práticas e atuar como pesquisador que promove novos conhecimentos para aperfeiçoar sua prática pedagógica. Nesse sentido, revisitar valores, conceitos, tradições pedagógicas e historiográficas será uma via importante para a prática democrática, participativa, com mudança de perspectivas nas quais o estudante se torna o protagonista do conhecimento. Assim, o professor dessa área de conhecimento passa a incluir e valorizar os estudantes como sujeitos ativos, protagonistas da história da comunidade, nesse caso, Maragogipinho, detentora de um patrimônio cultural reconhecido nacionalmente.

O avanço da ampliação dos campos da pesquisa histórica, à medida que abarca diferentes possibilidades interpretativas no fazer historiográfico, também contribuiu para a emergência de novos objetos de análise nas pesquisas, para a diversificação das fontes utilizadas pelos historiadores, além da incorporação e valorização de novos sujeitos históricos que passam a ganhar visibilidade. A emergência de novos paradigmas também repercute na ampliação das práticas pedagógicas, quando consideramos a possibilidade de um ensino de História que considere os variados caminhos de construção do conhecimento histórico.

2.2 DIREITO À MEMÓRIA

Escrevendo sobre o fato de que vimos crescer no ocidente, a partir do século XIX, uma super valorização da memória, em comparação com outras épocas, Oriá Fernandes nos diz:

No Brasil, não é menos diferente. A cada dia presenciamos a criação de novos museus, centros de pesquisa e documentação, desenvolvimento de projetos de história oral em associações comunitárias e de histórias institucionais por parte de órgãos do governo e empresas. Por sua vez, desde meados dos anos 1980,

os movimentos sociais populares, encetados por novos atores sociais na cena política (mulheres, índios, negros, sem-terra, homossexuais, etc.) veem no “resgate” de sua memória um instrumento poderoso de afirmação de sua identidade e de luta pelos direitos de cidadania. (FERNANDES, 2011, p.1)

Há, portanto, uma tendência geral de preocupação, mesmo que às vezes vista como precária, com a preservação do patrimônio cultural nacional, que são como pedaços da memória do nosso país. Infelizmente, as políticas públicas de preservação, estudo e disseminação de informação acerca do nosso patrimônio cultural são frágeis e permeáveis às mudanças de governo, mas a boa notícia é que muita gente pensa e age em favor dos patrimônios culturais. Assim, nós, professores de História, devemos nos apropriar de ferramentas intelectuais, políticas, sociais, culturais existentes atualmente no Brasil de valorização da memória e estimular o acesso à memória, onde quer que estejamos, sejamos institucionalizados ou não.

Como possibilitar no aluno uma perspectiva histórica a partir do contato com o patrimônio cultural local, regional, nacional? Qual o valor e o que significa a sua história? Acreditamos que esse tipo de pergunta resvala não só na necessidade de uma metodologia de ensino, como também na necessidade de se opor a realidades sociais que dificultam a produção de sujeitos que conheçam e valorizem sua própria história, a história dos seus antepassados. Há qualquer coisa na construção das subjetividades que nos impede de possuímos consciência histórica, ou mesmo de compreender de onde viemos, e porque estamos onde estamos. Na verdade, a assimilação da história enquanto parte da nossa existência, ou seja, a produção de uma existência histórica, é como que proibida às partes mais pobres da população, como uma estratégia de apagamento das identidades que fundamentam suas existências.

Muitas vezes, o próprio Estado brasileiro é o responsável pelo apagamento da memória do país, como aconteceu com o incêndio do Museu Nacional em 2018, consequência não só da má administração do prédio, mas também da negligência do poder público: falta de verbas para infraestrutura e equipamentos, falta de um quadro bem remunerado de funcionários, etc, ou ainda a aplicação de uma política pública de apagamento da memória. É por isso que autores como Fabiana Santos Dantas (2008) e Oriá Fernandes (2011) dedicam textos ao direito à memória.

O direito à memória, segundo Oriá Fernandes, é um tipo de direito cultural. Mas o que é um direito cultural? “Podemos dizer que são aqueles direitos que o indivíduo tem

em relação à cultura da sociedade da qual faz parte, que vão desde o direito à produção cultural, passando pelo direito de acesso à cultura até o direito à memória histórica” (FERNANDES, 2011, p. 4). O direito cultural é o direito facultado àqueles que produzem cultura, ou seja, a todos. De uma maneira ou de outra, produzimos cultura. Devemos garantir, portanto, o acesso a bens culturais, bem como à própria história. E é a própria Constituição Federal que determina isso como uma garantia, em um estado democrático de direito. Assim, recorremos a Dantas (2008, p. 57-58) para definição do direito à memória:

O direito à memória existe e consiste no poder de acessar, utilizar, reproduzir e transmitir o patrimônio cultural, com o intuito de aprender as experiências pretéritas da sociedade e assim acumular conhecimentos e aperfeiçoá-los através do tempo [...] a própria noção de ‘humanidade’ encontra-se vinculada à capacidade específica de aprender, memorizar e transmitir conhecimentos através do acervo denominado ‘patrimônio cultural’.

Segundo o autor, o direito à memória é um direito fundamental na medida em que garante não só a conexão com o passado, mas também garante a própria humanidade das pessoas que constituem um grupo. Do ponto de vista do ensino de História, esses grupos precisam ser, muitas vezes, mobilizados e estimulados a se apropriarem do papel que exercem como protagonistas de sua história e a usufruírem do seu direito à memória, como garantia constitucional, tendo em vista ser algo que enriquece e dota as pessoas de identidade cultural e cidadania.

De outro ponto de vista, o direito fundamental à memória é o direito subjetivo de conhecer, resgatar e refletir sobre o passado da sociedade, através do acesso orientado e gratuito ao patrimônio cultural brasileiro, em sua dimensão *tradicional*. Não é simplesmente o acesso à Cultura, mas à parte dela que evoca a origem do povo, os seus valores fundantes e suas raízes. (DANTAS, 2008, p. 58).

Claro que a efetivação universal do direito à memória no nosso país depende em grande medida do poder público e do respeito à democracia. Ele deve, segundo Dantas, em suas diversas esferas de competência, “promover ações sistemáticas de proteção ao patrimônio cultural, bem como políticas educacionais eficientes”. (DANTAS, 2008). Apesar de não termos um “projeto de país”, dada a falta de coesão da política brasileira como um todo, existem políticas públicas consolidadas que atestam e defendem a importância do direito à memória. Assim, nos seus Parâmetros Curriculares Nacionais de 2006, o MEC sinaliza:

O direito à memória faz parte da cidadania cultural e revela a necessidade de debates sobre o conceito de preservação das obras humanas. A constituição do Patrimônio Cultural e sua importância para a formação de uma memória social

e nacional sem exclusões e discriminações é uma abordagem necessária a ser realizada com os educandos, situando-os nos “lugares de memória” construídos pela sociedade e pelos poderes constituídos, que estabelecem o que deve ser preservado e lembrado e o que deve ser silenciado e “esquecido” [...] Introduzir na sala de aula o debate sobre o significado de festas e monumentos comemorativos, de museus, arquivos e áreas preservadas, permeia a compreensão do papel da memória na vida da população, dos vínculos que cada geração estabelece com outras gerações, das raízes culturais e históricas que caracterizam a sociedade humana. Retirar os alunos da sala de aula e proporcionar-lhes o contato ativo e crítico com as ruas, praças, edifícios públicos e monumentos constitui excelente oportunidade para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa. (BRASIL, 1999).

A Educação Patrimonial tem um respaldo, portanto, em políticas públicas e faz parte de uma tentativa difusa de assentar a história popular do Brasil. Assim, é pensando no direito à memória que trazemos a essa metodologia como elemento fundamental para dar conta do nosso interesse em promover visibilidades e conhecimentos, já existentes, através de uma aproximação entre ensino de História e a história local. Para Zarbato (2017, p. 34), a “Educação Patrimonial pode auxiliar a entender quem somos, o que fazemos, e para onde vamos, mesmo que não nos identifiquemos com o que este bem patrimonial evoca.”. Da mesma forma, concordamos com Matozzi (2008), na medida em que considera que o homem deixa as suas marcas na passagem do tempo e em todos os lugares. Ou seja, todos temos história, todos descendemos de sujeitos ativos que viveram e produziram história em seus aspectos locais ou globais. A história é constitutiva dos seres humanos.

O objeto da memória, como se verá, é o patrimônio cultural. E o objeto do direito à memória, a seu turno, é a preservação deste patrimônio. Sobrelevando a magnitude dos valores postos, a contenda deve contar com a tutela da ciência jurídica, atribuindo-se, à problemática, a necessidade de delimitação de um direito fundamental à memória. (PAZZINI; SPAREMBERGER, 2014, p. 4528)

Seria, portanto, necessário que os estudantes de Maragogipinho também se reconheçam como parte da história, como descendentes e produtores de uma história e, portanto, integrantes do patrimônio cultural do distrito. Devemos, pois, enquanto professores de História e agentes do conhecimento, em certo sentido, ajudar a comunidade a produzir outra história mais inclusiva, participativa, crítica. E há algo no patrimônio que pode nos fazer remeter aos nossos ancestrais, à nossa história direta, desde que o profissional de educação esteja apto a fazer a ponte entre o passado e o presente dos estudantes. Como fazer isso?

Para tanto, identificamos autores que podem nos ajudar a pensar essa questão. Nos apoiaremos em suas discussões em torno do que diz respeito ao ensino e aprendizagem

de História e sua relação com a comunidade que herda o patrimônio cultural e a sociedade brasileira em geral, para que possamos pensar a Educação Patrimonial tendo em vista Maragogipinho e seus sujeitos. abordar Maragogipinho com ajuda desses autores nos permitirá produzir soluções para os impasses do ensino de História em um lugar reconhecido como patrimônio cultural nacional.

2.3 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

O trabalho proposto incorpora a Educação Patrimonial como a base para o desenvolvimento da nossa ação pedagógica e como um dos elementos norteadores para pensar metodologicamente o ensino de história sob o ponto de vista de valorização de uma história local. A Educação Patrimonial envolve os processos educativos que tomam o Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento, que é utilizado como recurso para uma ampliação da consciência histórica dos estudantes, os conectando às suas origens, assim como ao presente em que vivem.

Levando em conta que o patrimônio cultural comumente envolve agentes culturais e sociais, e também as comunidades detentoras e produtoras das referências culturais das quais os agentes fazem parte, a Educação Patrimonial busca envolver esses agentes no processo educativo, a fim de que haja uma construção coletiva e democrática do conhecimento, através do diálogo entre as escolas e seus membros (docentes e discentes) e as comunidades (IPHAN, 2014).

Assim, a complexidade inerente ao fazer pedagógico no campo da Educação Patrimonial nos impulsiona a refletir sobre perspectivas que aparecem como indispensáveis para a compreensão não apenas sobre o ensino de História, como também da natureza do próprio campo do conhecimento histórico que nos coloca diante de um universo de possibilidades. Nesse sentido, a consideração da relação entre Educação Patrimonial e o ensino de História como um caminho para abordar Maragogipinho abre uma nova possibilidade de compreensão e conexão entre os estudantes e toda a história que faz do local um polo de ceramistas na Bahia.

Pensamos a questão da valorização do patrimônio cultural a pretexto de destacar a importância da história local no fazer pedagógico, e como estratégia para construir uma

ação geradora de conhecimento a partir da crítica, da prática dialógica, do exercício de pesquisa. Isso contribui para:

[...] um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 4)

Não devemos perder de vista que a compreensão do que seja Educação Patrimonial é algo que vem sofrendo importantes atualizações. As reflexões que buscam uma aproximação com a perspectiva de delimitação do termo esbarram não apenas na complexidade de uma tarefa notadamente desafiadora, mas também em uma permanente renovação da compreensão do seu conceito e, conseqüentemente, da sua caracterização. Tolentino (2016, p. 39) observa que “desde o surgimento do termo , nos idos de 1980, o conceito de Educação Patrimonial ganhou contornos, reflexões, críticas e, sobretudo, ressignificações.”

Sendo assim, é preciso estar atentos às constantes atualizações de concepção do termo, que para alguns, constitui-se em redundância, em função da relação indissociável entre educação e o patrimônio. Não deixando de levar em consideração tais ponderações, compreendemos que é através de processos educativos inseridos em contextos de patrimônios culturais que produzimos efetivamente uma Educação Patrimonial. Ao mesmo tempo, também estamos levando em consideração as implicações que tal opção metodológica traz no seu bojo. Concordamos que,

O importante é o processo dialógico e democrático dessa prática educativa, numa perspectiva freiriana, que preza pela alteridade, pelo respeito à diversidade cultural e pela participação ativa dos produtores e detentores do patrimônio como sujeitos sócio-históricos. (TOLENTINO, 2016, p. 40)

Não estamos aqui pensando na direção de constituição ou balizamento de um manual de instruções capaz de solucionar os problemas inerentes ao fazer pedagógico no ensino de História. Consideramos aqui, para a nossa reflexão, as limitações que configuram a tentativa de utilização de um conceito atual que dê conta da complexidade que envolve as questões da Educação Patrimonial, que deve contribuir para estimular uma postura crítica, reflexiva e não apenas contemplativa diante do patrimônio.

2.4 CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

A concepção do trabalho que estamos desenvolvendo tem grande ligação com a noção de consciência histórica. Em grande parte, destacamos o termo como chave fundamental para dar conta da discussão que está contida no objeto em questão, e que nos ajuda a pensar sobre os desdobramentos de uma prática que valorize a Educação Patrimonial como elemento que pode contribuir para ensino de História. Mas em que consiste a consciência histórica?

Nos apropriamos em grande parte das reflexões apresentadas por Luís Fernando Cerri, que trata da questão em sua relação com o ensino de história. É sob esta perspectiva que pretendemos compreender e valorizar o patrimônio que constitui Maragogipinho. Assim, em primeiro lugar, não há um consenso acerca da expressão. Pelo contrário, como nos diz Cerri (2001, p. 95), essa expressão “às vezes é referida a realidades muito diferentes ou mesmo excludentes entre si”. Dessa maneira, precisamos especificar a noção, a fim de impedir que o leitor remeta a conteúdos que impediriam uma boa compreensão do que queremos dizer.

Ainda segundo Cerri (2001, p. 96), a consciência histórica é uma expressão da existência humana, mas ela não é “necessariamente mediada por uma preparação teórica, por uma filosofia ou uma teoria da história complexamente elaboradas”. Isso significa que também é possível ter consciência histórica fora do ambiente acadêmico, e que exigir de qualquer sujeito uma consciência histórica com conteúdo ou epistemologias pré-definidas é não levar em conta que cada realidade, da local à global, é particular e diz respeito à construção, mesmo às vezes precária, feita pelos sujeitos que a vivem.

Um primeiro aspecto do que observamos é a atitude que nos permite constatar o pouco reconhecimento do valor de Maragogipinho como um importante patrimônio cultural por parte de muitas pessoas do local, o que também acontece na cidade de Aratuípe como um todo, na medida em que o posicionamento sobre o lugar, aos olhos de quem chega, não parece tão positivo.

Apesar de não ser o resultado de um processo de análise de dados ou mesmo de uma possível quantificação, verifico que são muitos os que, por vezes, reportam-se ao lugar de forma depreciativa. Tenho um contato permanente com a localidade, verificado até mesmo por conta dos laços familiares que possuo com Maragogipinho. A frequente permanência na comunidade nos permite observar a recorrência de discursos que, em

muitos aspectos, desconsideram o valor cultural que caracteriza o lugar do ponto de vista histórico e até turístico.

A própria motivação da definição de Maragogipinho como o lócus do trabalho aqui apresentado emergiu, em grande parte, da fala de uma estudante que, mesmo residindo no distrito de Maragogipinho, expressava descontentamento e desconhecimento da importância histórica e cultural deste lugar. A atitude dela, em certo sentido, dá combustível à percepção geral de que, muitas vezes, alguém, ao viver em um lugar, não enxerga nele o diferente, o especial ou mesmo um patrimônio a ser valorizado, e nos perguntamos a razão disso.

Quando a estudante nos informa que em Maragogipinho não existe “nada que preste”, vemos também sinalizadas duas questões que aparecem intimamente relacionadas, a consciência histórica e a identidade. A primeira delas nos remete à reflexão sobre o grau de consciência da importância histórica e cultural do distrito de Maragogipinho presente na fala de uma jovem estudante e moradora da comunidade. Mas também constatamos que, sem o conhecimento da história, ou seja, sem se conhecer o que aconteceu no passado, a partir das inquietações do tempo presente, não se pode exigir nada que esteja além de um “nada que preste”.

Na construção de um pensamento sobre o ensino de História a partir da Educação Patrimonial, entendemos que o desenvolvimento de uma consciência histórica sobre a importância do lugar teria fortes implicações no reconhecimento do valor, ou mesmo da importância, que a própria comunidade se atribui. Isso tem forte relação com a existência ou não de uma identidade com o lugar. Assim, trazemos a questão da consciência histórica para o centro dos nossos questionamentos na medida em que desejamos construir alternativas para que o ensino de História também possa ajudar no desenvolvimento de uma cultura de valorização do patrimônio cultural que possuímos, de forma a fortalecer as identidades locais.

Seria preciso, do ponto de vista de uma Educação Patrimonial, o estímulo a conhecer o passado produzindo agenciamentos a partir da escola em parceria com a comunidade que, como vimos, detém um conhecimento histórico e uma consciência histórica que, mesmo que não sistematizado, possui valor intrínseco pelo fato de ser uma tradição que durou no tempo, pelo fato dessa tradição ter valor econômico, cultural e identitário.

2.5 TRADIÇÃO, HISTÓRIA ORAL E ANCESTRALIDADE

Considerando as possibilidades de discussões sugeridas pela temática, levamos em consideração as questões relacionadas à memória, especialmente na relação com a tradição oral, observando o que nos apresenta autores como Antônio Torres Montenegro (1994) e Alessandro Portelli (1981). A comunidade de Maragogipinho está fortemente vinculada à tradição oral, tanto na recomposição da história da localidade, como na transmissão das formas de trabalho e produção ceramista para as novas gerações. Torna-se então necessário pensar esses elementos presentes na memória, vistos como um processo significativo na relação entre passado e presente, que é indissociavelmente constituída. Memória percebida em sua dimensão dinâmica e que “envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências relembradas”. (THOMSON, 1997, p. 57).

Como nos ensina J. Vansina (2010), não pretendemos reduzir a oralidade predominante em Maragogipinho a uma “ausência de escrita”, como se só pudéssemos defini-la negativamente. Ao contrário, a “oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade” (VANSINA, 2010, p. 140). Destaco a palavra “atitude”, pois diz o que é ativo, remete à ação, e não à ausência de ação. De modo que a tradição oral, longe de ser sintoma de um subdesenvolvimento, é parte significativa de uma comunidade ativa, e por isso merece respeito daqueles que fazem pesquisa.

Seguimos perguntando pela natureza da tradição oral. A tradição oral é definida como “um testemunho transmitido oralmente de uma geração a outra”. (VANSINA, 2010, p. 140). Ou seja, algo é aprendido, apreendido, vivenciado, se torna-se durável e estável, e essa vivência é transmitida de geração a geração através da palavra falada e da experiência. Assim, compreender a atividade ceramista em Maragogipinho através de uma Educação Patrimonial exige, portanto, a noção metodológica de tradição oral para ser compreendida, pois aqueles que trabalham com a cerâmica nessa localidade aprendem seu ofício através da oralidade, da experiência dos mais velhos que, como vimos, remonta ao período colonial e é resultado do cruzamento de três povos, os colonos portugueses, os nativos indígenas e os africanos escravizados.

Os sujeitos ceramistas são, de fato, *sujeitos*, ou seja, homens e mulheres ativos, agentes que absorveram a tradição da produção de cerâmica através dos mais velhos, que a passaram oralmente na vivência do dia a dia no interior das olarias, de histórias

contadas, canções, exemplos de família, etc. Quer dizer, a quem o professor de História deve recorrer, para além dos livros, senão a esses sujeitos portadores da tradição? O professor de história deve, portanto, valorizar, ele mesmo, esses sujeitos, antes mesmo de tentar convencer os estudantes acerca da importância do patrimônio cultural ao qual estão vinculados.

2.6 USOS DA IMAGEM, DA FOTOGRAFIA E A PESQUISA.

Em se tratando de Maragogipinho e, especialmente, pensando nas possibilidades de ensino de História a partir da valorização do local, a questão da imagem tem um papel de grande importância. Como forma da manifestação da própria identidade do lugar, a imagem e a consideração do aspecto da visualidade, sob diversas perspectivas, constituem-se num componente de grande relevância. As características e a forma do lugar, o ambiente das olarias, o fazer diário dos trabalhadores da atividade ceramista, o rio ou mesmo as próprias peças e objetos que são produzidos por cada um deles, são todos aspectos que compõem a perspectiva da visualidade que dão vida a um ambiente característico, além de ser um aspecto muito significativo da dimensão social.

As primeiras atividades realizadas em sala de aula e que antecederam a realização de uma visita à Feira de Caxixis em Nazaré,¹² já revelavam a importância do uso das imagens e de valorização das fontes visuais no fazer pedagógico. Ao tratar de Maragogipinho como patrimônio e introduzir a discussão sobre História Local, recorreremos, desde o primeiro momento, ao uso de imagens. Reportagens de jornais, livros que tratam de Maragogipinho, a atividade de pesquisa por meios digitais, foram meios pedagógicos utilizados e que, quase sempre, trazem o visual como elemento preponderante. Na mesma perspectiva, durante esta primeira atividade de campo, a valorização dos aspectos visuais ganhou ainda maior destaque na medida em que usamos de meios tecnológicos como aparelhos de celular e máquina digital, que possibilitaram aos estudantes o registro das experiências vivenciadas durante as aulas, com destaque para a fotografia.

¹² Sobre as atividades que foram desenvolvidas ao longo do ano letivo de 2019, detalhamos mais detidamente as ações em relato de experiência que consta no terceiro capítulo.

A partir desta primeira experiência pedagógica relacionada a Maragogipinho com a visita à Feira de Caxixis, pensando no projeto de intervenção pedagógica que ainda teria corpo no âmbito do mestrado, foi possível perceber que a questão da imagem, sob diversas perspectivas, é merecedora de melhor atenção. Para um tratamento mais apropriado da temática, buscamos apoio em autores que nos ajudassem a refletir com maior consciência sobre este viés em muito significativo da dimensão social humana que pode ter implicações importantes na constituição do fazer pedagógico.

Em sua análise, Meneses (2003) chama a atenção para a importância da utilização da imagem como objeto de estudo e como aspecto relevante da vivência humana. Sendo assim, alerta para a ideia de que é preciso desviar “o interesse dos historiadores, das fontes visuais (iconografia, iconologia) para um tratamento mais abrangente da visualidade como uma dimensão importante da vida social e dos processos sociais”. (MENESES, 2003, p. 11). Neste nosso trabalho, estamos levando em consideração a imagem e as fontes visuais como recurso para a construção do conhecimento histórico no ambiente escolar.

Este autor destaca que, no uso de fontes visuais para o ensino de história, é preciso verificar aspectos importantes e que dizem respeito ainda ao aspecto relacionado à sua produção, o que permite uma observação mais abrangente das imagens e, conseqüentemente, do caráter de sua visualidade. É preciso “dar atenção à construção da imagem, às condições técnicas e sociais de sua produção e consumo”. (MENESES, 2003, p. 18).

No tratamento da imagem como dimensão importante na relação com o ensino-aprendizagem de História, destacamos aqui o uso da fotografia. Constitui-se como fonte portadora de historicidade e é também produtora de sentido histórico. Sob diversos aspectos, a fotografia é também construtora de uma memória sobre a história e, portanto, possibilita a construção de conhecimento histórico escolar e favorece o ensino de História.

Para Kossoy (2012) é possível verificar ainda a existência de certo preconceito em relação ao uso de fotografia como possibilidade de produção do conhecimento histórico. Para o autor, tal postura é resultado de um “aprisionamento” muito remoto à tradição escrita que se verifica, predominantemente, como principal forma de transmissão do saber. No entanto, é também importante observar que

É preferível, portanto, considerar a fotografia (e as imagens em geral) como parte viva de nossa realidade social. Vivemos a imagem em nosso cotidiano,

em várias dimensões, usos e funções. O emprego de imagens como fonte de informação é apenas um dentre tantos (inclusive simultaneamente a outros) e não altera a natureza da coisa, mas se realiza efetivamente em situações culturais específicas, entre várias outras. (MENESES, 2003, pg. 29)

Nesse contexto, vemos destacada a importância do uso da fotográfica como instrumento para constituir processo de ensino/aprendizagem de história que desperte nos estudantes o interesse e o prazer em aprender história. A partir da primeira atividade de campo realizada, foi possível perceber que a consideração da imagem, e em especial da imagem fotográfica, traria inúmeros benefícios ao fazer pedagógico com foco na comunidade ceramista de Maragogipinho. Os autores que nos ajudam a pensar acerca desses aspectos, chamam também a atenção para os limites a serem observados na utilização das imagens, tendo em vista que “apesar do amplo potencial de informação contido na imagem, ela não substitui a realidade tal como se deu no passado. Ela apenas traz informações visuais de um fragmento do real, selecionado e organizado esteticamente e ideologicamente.” (KOSSOY, 2003, pg. 114)

Nesse sentido, o uso da fotografia no trabalho de pesquisa histórica e a interpretação da visualidade que ela contém requer não apenas o domínio de determinadas técnicas sobre sua produção ou na análise do seu conteúdo. Da mesma forma, aponta para a necessidade da consideração da intencionalidade por parte daquele que a produziu, bem como de sua aceitação e interpretação por parte dos que a observam. Para Kossoy (2012, p.36) “toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época.” São dimensões importantes que precisam ser consideradas afastando a possibilidade de uma ação pedagógica ingênua e descontextualizada. Este autor considera ainda a fotografia como um “filtro cultural” e que se relaciona, também, com a percepção do olhar ou mesmo, da educação do olhar.

Dentro desse pensamento, Mauad (1996) verifica que o reconhecimento da imagem como sendo um produto cultural pode contribuir consideravelmente para a análise da questão da educação do olhar. O que permite ver a fotografia não apenas como documento, mas também como monumento, figurando como resultado de um processo de construção de sentido. Para esta autora, “[...] a fotografia percebida como resultado de um processo de construção de sentido [...] revela-nos, através do estudo da produção da imagem, uma pista para se chegar ao que não está aparente no primeiro olhar, mas que concede sentido social à foto.” (MAUAD, 1996, pg. 95).

A partir do que é percebido pelos autores referenciados, é salutar considerar que, apesar do significativo potencial do uso da fotografia como meio de conhecimento do passado, ela não se constitui como capaz de reunir em seu conteúdo o conhecimento definitivo deste passado. Como nos informa Kossoy (2012, p. 45), “toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente”.

É preciso levar em consideração que a percepção da atualidade por parte dos estudantes é fortemente permeada pelo uso das tecnologias, que contribuem significativamente para estimular a cultura visual. Mesmo em se tratando de realidade de escola pública como a que atuamos, marcada por grande vulnerabilidade social, onde inexistente acesso fácil a meios tecnológicos, as tecnologias tem um impacto considerável na relação com cultura visual.

Verificamos então um potencial muito significativo no uso de imagens, em especial de fotografias, e a valorização das fontes visuais de modo geral, na medida em que tem forte capacidade de atrair a atenção dos estudantes, e pode contribuir consideravelmente para a construção do saber histórico escolar. Na primeira experiência de visita de campo, já mencionada, o aspecto da visualidade mostrou-se uma alternativa interessante para o fazer pedagógico no ensino/aprendizagem de história, na medida em que o registro fotográfico realizado pelos estudantes foi uma prática recorrente durante a visita, estimulando sempre a prática de relacionar, ou mesmo de estabelecer comparativos com imagens e recursos outros utilizados em sala de aula.

As referências aqui utilizadas no tratamento do uso da imagem em história são necessárias na medida em que ajudam a pensar melhor sobre aspectos que, na perspectiva do ensino/aprendizagem de história, se transformam em estratégia pedagógica para favorecer a aprendizagem efetiva e mais atrativa. As reflexões chamam a atenção para que não utilizemos, por exemplo, a fotografia apenas como ilustração no fazer pedagógico ou na fundamentação dos argumentos construídos acerca de determinadas temáticas.

Nesse sentido, para além do uso como fonte para reflexão e construção da pesquisa, bem como do conhecimento histórico, compreendemos que a imagem, e neste caso mais específico a fotográfica, apresenta-se como uma possibilidade em muito significativa ou mesmo necessária e indispensável para oportunizar aos estudantes, relacionar presente e passado, identificar as mudanças e permanências, estabelecer

conexões diversas e refletir sobre o processo histórico. Podem ser tratadas como vetores de apreciações e reflexões mais consistentes na relação pedagógica para o ensino de história.

Na perspectiva deste trabalho, a utilização de fotografias e de elementos visuais foi se mostrando como imprescindível tanto para a constituição das análises e compreensão de dimensões importantes do conhecimento histórico.

3. A DIMENSÃO PRÁTICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA COMO AÇÃO PEDAGÓGICA INTERESSANTE E ATRAENTE

Considerando a perspectiva do mestrado profissional, para além de pensar o ensino de História, torna-se imprescindível propor alternativas metodológicas para o fazer pedagógico, com vistas a estimular a produção do conhecimento histórico por parte dos estudantes e estimulando florescer de uma consciência histórica. Este momento, entre outras coisas, constituiu-se num chamamento à valorização da ação pedagógica como objeto de pesquisa e a constituição do ensino de História sob uma permanente condição de reflexão sobre a ação, como elemento de importância fundamental para a melhoria do fazer em sala de aula. É um legado importante para quem tem o desafio de contribuir para estimular o desejo por aprender/pesquisar história.

Dessa forma, o desafio colocado diante da reflexão acerca da prática pedagógica do professor de história nos estimula a construir alternativas que viabilizem a superação de problemas diários enfrentados pelos que, na condição de professores, buscam contribuir para que os estudantes despertem o interesse pelo conhecimento e aprendam História. Ao longo das discussões oportunizadas pelo Profhistória e, especialmente, no transcorrer das atividades realizadas no trabalho de intervenção que propusemos, percebemos que não existem receitas mágicas capazes de dar conta da complexidade da tarefa nos processos de ensino-aprendizagem de história.

Tal reconhecimento nos inspira a adotar uma postura ativa e propositiva diante do tamanho desafio colocado. Traz o alerta para a observância de que os caminhos são variados para quem se arvora a enfrentar a tarefa. Aponta para a compreensão de que a adoção das práticas mais apropriadas está ligada a uma multiplicidade de possibilidades. Devemos, portanto, assegurar que estamos partindo de um fazer pedagógico comprometido com a valorização de uma história, em especial uma história local. Um fazer comprometido com o tratamento de sujeitos históricos e sujeitos aprendentes que fazem parte de uma realidade específica.

O que temos a registrar neste momento, diz respeito às opções que consideramos para, mesmo reconhecendo o tamanho do desafio que se coloca, dar ciência sobre os caminhos percorridos para contribuir para o alargamento das discussões sobre o ensino de História nas perspectivas da História Local e Educação Patrimonial, tomando Maragogipinho como referência.

A comunidade de Maragogipinho como detentora de uma destacada cultura ceramista, permite-nos, a partir do olhar sobre o local, ampliar a percepção sobre patrimônio e ensino de história. Nesse sentido, a educação patrimonial enquanto processo de construção de conhecimento oferece grande contribuição para que os educandos desenvolvam a compreensão dos processos construídos pelas populações observando mudanças e permanências, relação entre passado e presente, entre outros aspectos.

É importante salientar que realizamos uma análise do programa curricular, bem como dos planos de curso de Ensino Fundamental II da Escola Municipal Professora Luciana Góes, especialmente no que se refere ao ensino de História, na tentativa de perceber a existência ou não de um tratamento de temáticas que valorizasse o local. Sobretudo, no que se refere à área de História ou mesmo de ciências Humanas concluímos ser flagrante o negligenciamento da História Local, quer seja no currículo real ou no currículo oculto.¹³

O programa de História da escola, assim como os planos de curso de professores do Ensino Fundamental, constituiu-se em objeto de análise para compreender ou mesmo verificar qual tem sido o espaço dedicado à História Local na sala de aula ou no programa desta escola. Pela análise realizada, foi notada uma preocupação com temáticas locais quase que exclusivamente na perspectiva de comemoração ao dia de Emancipação Política do Município de Aratuípe. Somente sobre este acontecimento, verificou-se uma sinalização de tratamento sobre aspectos da história local como foco. Em torno desta temática do dia da cidade, verifica-se a abordagem relativa ao patrimônio e à história local no processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, as comemorações em torno do dia da cidade se constituem em oportunidade, mesmo que eventual, que provoca os professores a se mobilizarem e instrumentalizarem na construção de suas práticas sobre o local.

Considerando as importantes temáticas que envolvem a história de Maragogipinho, apresentamos a seguir alguns percursos metodológicos para o ensino de história local e educação patrimonial, tomando referências identitárias e culturais que envolvem os estudantes e a comunidade local, como a feira de caxixis e a caracterização de Maragogipinho como importante centro de manifestação da cultura popular.

¹³ Ressaltamos que não foi apresentada dificuldade no acesso aos documentos e arquivos da escola, considerando que faço parte do corpo docente da escola o que serviu para facilitar as relações com a gestão escolar, que disponibilizou todas as informações necessárias e solicitadas.

Nesse momento, dedicamos a nossa atenção ao relato das experiências que construímos a partir do conjunto das atividades pedagógicas que desenvolvemos ao longo do ano letivo de 2019 na Escola Municipal Luciana Góes, destinadas ao tratamento de Maragogipinho como importante patrimônio histórico e cultural e, mais do que isso, como sendo um patrimônio vivo¹⁴. Este relato evidencia a realização de quatro momentos que abarca uma gama de atividades que foram destinadas à turma de 9º da escola.

O primeiro deles descreve o desenrolar da atividade de campo que envolve a visita realizada com os alunos à cidade Nazaré das Farinhas durante a ocorrência da Feira dos Caxixis, e que corresponde à introdução da discussão sobre Maragogipinho e sobre patrimônio com os estudantes da turma já mencionada. O segundo momento relata a retomada da discussão sobre a história da comunidade e sobre patrimônio, além de descrever aspectos da primeira visita de campo a este espaço com os estudantes, com foco na realização de rodas de conversa, contato com os trabalhadores da cerâmica e realização de registros fotográficos.

O terceiro momento traz em destaque a segunda visita dos estudantes a Maragogipinho para realização de entrevistas com oleiros/artesãos tradicionais da comunidade, num exercício de valorização da oralidade como possibilidade de produção de conhecimento histórico e valorização da cultura popular. Já no quarto momento destacamos o processo de culminância e avaliação do conjunto de atividades desenvolvidas ao longo da proposta de intervenção pedagógica com foco na educação patrimonial.

Cabe salientar, que os relatos apresentados a seguir constituem em contribuições importantes para o ensino de História, que objetivam provocar a ampliação do leque de possibilidades no que se refere à ação educativa com vistas à valorização da História Local e de seus protagonistas na construção desse importante patrimônio vivo. As atividades foram desenvolvidas em momentos diferentes do ano letivo de 2019, mas evidenciam caminhos que ajudaram na perspectiva de discussão e reconhecimento do local longe da consideração de uma “história menor” e sim como um lugar de história.

¹⁴ Ao utilizar esse termo estamos aqui reconhecendo que são os moradores de Maragogipinho, a comunidade, a sua gente, a sua expressão cultural que manifestam como sendo os verdadeiros patrimônios. Estamos aqui falando de um lugar cuja expressão do trabalho com o barro constitui uma experiência única.

3.1 FEIRA DE CAXIXIS – PRIMEIRA EXPERIÊNCIA COM O PATRIMÔNIO VIVO

De acordo com o que havia sido definido quando do processo de elaboração do projeto de pesquisa para a definição de proposta voltada para dimensão prática do curso, a expectativa de realização da atividade de intervenção pedagógica com foco na comunidade de Maragogipinho ficou programada para a última unidade letiva de 2019, compreendendo, portanto, o último trimestre daquele ano. Quando me refiro a uma dimensão prática, estou aqui fazendo referência ao caráter propositivo do curso para a identificação metodológica e aplicação no ensino/aprendizagem de história, tomando como perspectiva a relação indissociável entre o ensino de história e a pesquisa histórica.

Nesse sentido, a ocorrência da Feira de Caxixis realizada anualmente na cidade de Nazaré, durante o período da Semana Santa, figurou como uma grande oportunidade de iniciar a discussão em torno da importância da atividade ceramista de Maragogipinho como manifestação da cultura popular.

Nessa perspectiva, consideramos relevante dar início à dimensão prática da intervenção pedagógica a partir da atividade de campo realizada ainda durante a primeira unidade letiva de 2019, que se constituiu num importante momento de aproximação por parte dos estudantes com elementos do patrimônio cultural da comunidade de Maragogipinho. Estamos aqui tratando de uma visita à tradicional Feira de Caxixis.

O caxixi é o elemento constituinte da produção ceramista de Maragogipinho que dá nome ao evento da feira. na atualidade. Representa o mais tradicional acontecimento cultural e festivo da cidade de Nazaré e região. A ocorrência desta feira anual em Nazaré das Farinhas, quase sempre é motivo de questionamento acerca da realização de um evento deste porte em uma cidade que, necessariamente, não é o local de fabricação das mais variadas peças de cerâmica que são comercializadas durante a feira. As explicações acerca deste e de outros questionamentos são uma importante oportunidade para evidenciar os elementos históricos que permeiam a formação e constituição histórica desses espaços e de sua gente.¹⁵

¹⁵ Do ponto de vista geográfico e histórico Aratuípe e Nazaré são cidades muito próximas tendo em vista que a emancipação política e administrativa de Aratuípe ocorreu em 09/09/1891 a partir do desmembramento da cidade de Nazaré. Sendo assim, Maragogipinho também já foi território da cidade de Nazaré.

Para além deste questionamento, a possibilidade de evidenciar a Feira dos Caxixis e a sua relação indissociável com Maragogipinho foi uma oportunidade de iniciar e fomentar a discussão sobre a história local sob a perspectiva da educação patrimonial. Nesse sentido, a atividade de campo realizada com os estudantes do 9º Ano da Escola Municipal Professora Luciana Góes, representou uma primeira iniciativa de focalizar a história local para o centro de análise na sala de aula, alicerçada na concepção de que somos sujeitos de construção da história.

A oportunidade de romper os limites da sala de aula, em grande parte já representou um grande estímulo para os estudantes, tendo em vista que, pelo perfil da escola, não é comum que sejam realizadas atividades dessa natureza tanto na disciplina de história, como em outras. Na quase totalidade dos estudantes da turma mencionada a vulnerabilidade social se impõe como uma marca muito impactante. A expectativa de uma visita a um espaço diferente do ambiente escolar já se constituía como uma tarefa prazerosa.

Embora a intervenção estivesse programada para a unidade final do ano letivo, foi necessário antecipar, tendo em vista ser a Feira de Caxixis realizada durante a chamada Semana Santa.¹⁶ No entanto, considerando a significativa importância e representatividade desta feira, não hesitamos em promover essa atividade, diante da oportunidade para destacar o papel exercido por Maragogipinho no contexto da feira, mesmo num evento realizado em outra cidade.

A proposta dessa atividade de campo em visita à Feira de Caxixis provocou uma grande expectativa nos estudantes. Muitas foram as manifestações de contentamento diante da possibilidade de estudar história e desenvolver uma atividade escolar num ambiente que não se limitasse ao espaço da sala de aula. Quase sempre limitados ao ambiente físico da escola, que neste caso já não oferece atrativos em termos de uma infraestrutura que seja considerada adequada e atrativa para os estudantes, os estudantes ficaram entusiasmados com a expectativa de uma “aula diferente”.

Do ponto de vista pedagógico, verificou-se um importante momento para a introdução da discussão sobre patrimônio. Ao apresentar esta discussão, foi possível verificar que o termo patrimônio não soou como algo totalmente desconhecido para os

¹⁶ Tradicionalmente, a Feira de Caxixis tem duração média de 04 dias, iniciando geralmente na quinta-feira e finalizada no domingo, conhecido como Domingo de Páscoa. No ano de 2019 o evento se estendeu do dia 18 até o dia 21 de abril de 2019. No entanto, muitos são os artesãos que permanecem em Nazaré expondo as peças que não conseguiram comercializar durante a realização da feira.

estudantes. No entanto, em grande parte, a noção de patrimônio comumente explicitada por eles estava sempre associada à ideia de monumentos e/ou edificações.

A atividade em torno da Feira de Caxixis com foco na consideração dos oleiros ou mesmo da comunidade de Maragogipinho na participação neste destacado evento, foi desenvolvida a partir da organização de três momentos.

3.1.1 PRIMEIRO MOMENTO

O primeiro deles correspondeu ao conjunto de 03 aulas¹⁷ com carga horária de 2 horas e 30 minutos quando foi introduzida a discussão sobre patrimônio. Dentro da perspectiva de buscar contribuir para ampliar a compreensão por parte dos estudantes sobre este tema, procuramos desenvolver questionamentos, provocações, análise de textos e de vídeos objetivando estabelecer um debate acerca do que é patrimônio.

Foram levantados questionamentos que balizaram a condução da aula e que nos ajudaram a refletir sobre a própria natureza da atividade que estávamos desenvolvendo como: O que é patrimônio? Existem diferentes tipos de patrimônio? Quem determina o que pode ou não ser considerado um patrimônio? A Feira de Caxixis pode ser considerado um patrimônio cultural? A comunidade de Maragogipinho se constitui em um patrimônio cultural? Quais outros espaços, monumentos, manifestações sociais e culturais podem ser apontados como Patrimônio e quais podem ser identificados em Maragogipinho?

Dentre outras, interrogações, pretendíamos estimular os estudantes a refletirem sobre a natureza, bem como a complexidade, da definição de patrimônio, de modo a contribuir para o desenvolvimento de um olhar mais atento sobre as práticas sociais e culturais que nos cercam e que podem ser valorizadas e evidenciadas.

Como atividade para aula da semana seguinte, foi orientado aos estudantes desenvolverem pesquisas em diferentes fontes acerca da Feira de Caxixis e acerca de Maragogipinho, da sua atividade ceramista, para que fossem apresentadas em sala de aula.

¹⁷ A carga horária semanal da disciplina de História na Escola Municipal Professora Luciana Góes de Jesus é composta de 03 (três) aulas com duração de 50 (cinquenta) minutos.

este foi o segundo momento da nossa atividade que culminaria na aula de campo a ser realizada com a visita à Feira de Caxixis em Nazaré.

3.1.2 SEGUNDO MOMENTO

Neste segundo momento, que também ocorreu em 03 aulas de 50 minutos, contamos com uma participação muito importante dos estudantes que se viram motivados não apenas com o protagonismo da exposição da pesquisa realizada, como também pela expectativa que se aproximava de participar de uma atividade pedagógica num ambiente exterior ao mundo da escola. Como parte da estratégia pedagógica, entre outras possibilidades como os textos, utilizamos algumas imagens de momentos diferentes de realização da Feira de Caxixis como as que apresentamos nas figuras 4 e 5, como forma de contribuir para estimular a reflexão acerca do tema.

Figura 4 - Imagem da exposição de peças na Feira de Caxixis



Fonte: Livro A Cerâmica Popular da Bahia p. 93 (1957)

Figura 5 - Imagem da Feira de Caxixis



Fonte: Livro A Cerâmica Popular da Bahia p. 81 (1957)

Figura 6 - Exposição de peças de na Feira de Caxixis



Fonte: disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/nazare/historico>¹⁸

Da mesma forma, este momento serviu para a construção de um roteiro composto dos aspectos a serem observados ao longo da nossa atividade de campo. Dentre os vários

¹⁸ A imagem foi retirada de site da página do IBGE onde não consta indicação da data da fotografia.

aspectos que fez parte da discussão em sala de aula o roteiro levou em consideração aspectos como os relacionados abaixo:

- Quais são os produtos comercializados na feira? O que predomina na exposição?
- A forma como está organizada a feira traduz/reflete a importância dos oleiros ou da atividade ceramista de Maragogipinho?
- Como está organizada a feira? Qual o espaço dedicado aos expositores de Maragogipinho?
- Quem são as pessoas que participam da feira caxixis?
- O que te chamou a atenção no evento? O que você destacaria na feira?

Como parte do processo avaliativo que levou em consideração todos os momentos didáticos desta atividade, propusemos a apresentação de um pequeno relatório escrito com base nas experiências resultantes da atividade de campo. A ideia era a de constituir um momento para a sistematização e consequente reflexão sobre o processo de aprendizagem percorrido e consolidado por parte de cada um dos estudantes.

3.1.3 TERCEIRO MOMENTO

Vale ressaltar, que o caráter pedagógico da atividade de campo em momento algum esteve negligenciado. Apesar de se constituir numa atividade vista como mais prazerosa, não pretendíamos que um importante momento de construção do conhecimento fosse visto como uma proposta de descontração ou um passeio despreocupado e desprezioso. Por outro lado, o formato diferenciado do que os estudantes estavam cotidianamente acostumados a praticar em sala de aula, ganhou um contorno mais interessante.

É preciso destacar que não foi possível realizar a atividade de campo proposta no momento programado, com data prevista para um domingo no dia 21/04/2019, tendo em vista que não tivemos acesso ao transporte escolar da rede municipal de educação de Aratuípe, apesar de ter sido feito um agendamento. Apesar do contratempo, conseguimos realizar a atividade de campo no dia seguinte já após o término da programação oficial da Feira de Caxixis, na segunda-feira 22/04/2019. Como de costume, Nazaré ainda contava

com a presença de um número expressivo de oleiros de Maragogipinho que ainda tentavam comercializar os produtos que não haviam sido vendidos durante o período oficial de duração da feira.

Sob a orientação do roteiro previamente discutido em sala de aula, os estudantes deveriam atentar para diferentes aspectos que envolvem a Feira de Caxixis na sua relação histórica e cultural com a comunidade de Maragogipinho. Dessa forma, os estudantes deveriam deixar registradas as suas impressões sobre o espaço destinado aos oleiros em Nazaré, a estética da Feira de Caxixis, as características das peças comercializadas pelos oleiros/artesãos, as experiências em eventos anteriores, as trajetórias da participação de muitos dos trabalhadores que estavam presentes na feira, conforme alguns dos registros verificados nos relatórios apresentados pelos estudantes, e que apresentamos a seguir:

Na observação da estudante,

Os produtos comercializados são diversos tipos de objetos usados para cozinha, como pratos, copos, panelas, suportes para colocar talheres, não só esses, mas também para expor na casa como enfeites, para estantes. O que mais predomina nas exposições são objetos voltados para a cozinha, vasos grandes, para pôr plantas, bandejas. Essas feiras refletem não só a atividade ceramista, mas também a importância dos oleiros, pois com essas exposições da tecnologia a nossos ancestrais produziam isso como forma de sobrevivência. T. S.¹⁹ – 22/04/2019

Muitas análises apresentadas pelos estudantes, sobretudo nas observações registradas nos relatórios, trazem os elementos do passado que discutimos na sala de aula acerca de Maragogipinho e da sua cultura ceramista. Da mesma forma, verificamos uma latente preocupação com a condição dos oleiros no ambiente da feira e a necessidade de um destaque maior à valorização do trabalho e da arte desses sujeitos. A estudante TS continua a destacar os diversos elementos das questões do presente na associação a questões do passado:

Me chamou a atenção no evento foi que os artesãos usam a sua própria criatividade como forma de sustento, e por isso eles se deslocaram de lugares para vim até a Nazaré para começar o seu trabalho. Eu destaco na feira os quadros que estão expostos na praça, pois eles trazem uma forma de memórias, das estradas, outras pinturas também e objetos que volta tudo na arte da antiguidade. T. S. – 22/04/2019

Dos registros feitos pelos estudantes, destacamos os que aparecem também mencionados no trecho do relatório apresentado acima. Em evidência, está a fotografia de uma exposição de peças de cerâmica de Maragogipinho na cidade de Nazaré na década

¹⁹ Em virtude de se tratar de estudante menor de idade, optamos por indicar apenas as letras iniciais dos nomes, conforme definido no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE.

de 1970. A imagem destacada pela estudante fazia parte de uma exposição fotográfica na praça municipal da cidade de Nazaré retratando a momentos de realização da Feira de Caxixis e de outros aspectos da história da cidade.

Figura 7 - Exposição fotográfica na Praça em Nazaré



Fonte: registro feito pelos estudantes em atividade de campo. 22/04/2021

Figura 8 - Registro exposição fotográfica na Feira de Caxixis



Fonte: Registro feito pelos estudantes em atividade de campo. 22/04/2021

Figura 9 – Exposição de peças na Feira de Caxixis



Fonte: Registro feito pelos estudantes em atividade de campo. 22/04/2021

Nesse sentido, vemos destacado pela estudante o possível efeito de comparação com o aspecto da Feira de Caxixis da década de 1970, com o aspecto e característica do evento que eles tiveram a oportunidade de presenciar em 2019. Essa possibilidade de estabelecer comparações, revela a multiplicidade de aspectos que podem ser valorizados em uma atividade de visita de campo. O exercício do olhar sendo efetivado em uma situação real e, sobretudo, prazerosa para os estudantes.

Foram muitos os registros fotográficos realizados pelos estudantes. A maior parte deles foi feita a partir dos aparelhos de celular que portavam. No entanto, disponibilizamos uma máquina fotográfica digital que circulou entre os participantes da atividade de campo para que pudessem, de acordo o interesse deles, fazer os registros que merecessem alguma atenção ou destaque dos seus olhares.

Os estudantes também tiveram a oportunidade de dialogar com artesãos de Maragogipinho que participavam da Feira de Caxixis e expõem e comercializando os seus produtos. Em outro relato, a partir do contato com os oleiros, a estudante E.K. destaca a herança familiar de participação na Feira de Caxixis, além dos elementos culturais que são transmitidos de geração para geração sob vários aspectos:

Ela falou que ela tira o sustento dela que já faz muito tempo desde a época que era menina que expôs sua barraca, ou seja, passou pela mãe para a filha falou com um maior orgulho, mas é lindo o trabalho dela cada objeto de barro feito

a mão cada detalhe totalmente perfeito... fico sem palavras para falar de uma profissão tão importante como ser ceramista E. K. – 22/04/2019

Neste primeiro momento da intervenção pedagógica vimos conjugadas diferentes formas e possibilidades para o tratamento de Maragogipinho como patrimônio vivo. A aula expositiva, a utilização de fontes escritas, o uso da fotografia, o exercício da escuta através da oralidade, entre outros, constituíram-se em caminhos para tornar a construção do conhecimento histórico escolar numa ação possível, além de oportunizar experiências outras para além dos muros do ambiente escolar.

Como avaliação da experiência em torno das atividades propostas, os estudantes destacaram tanto nos relatórios produzidos por escrito quanto nas análises feitas oralmente em sala de aula, e ao longo da realização do trabalho, a necessidade de valorização dos sujeitos que dão vida à arte ceramista de Maragogipinho, e que superam cotidianamente desafios para manterem viva uma tradição de viver do barro e garantirem a própria sobrevivência.

A realização da atividade revelou a riqueza de possibilidades pedagógicas presente na valorização do patrimônio cultural como estratégica para o ensino de História. Os estudantes destacaram aspectos que extrapolaram os pontos elencados e que deveriam servir como norteadores das análises e observações diretas que foram possíveis em razão da natureza da atividade de campo. As imagens produzidas pelos estudantes, na maioria das vezes, evidenciavam uma relação direta com questões do passado, a partir do exercício de comparação que as fotografias e imagens que tiveram acesso em campo ou nas atividades de sala de aula proporcionaram. As transformações dos espaços, a organização das peças ou mesmos as características das peças expostas, as condições de trabalho enfrentadas pelos que participam e/ou participavam das feiras, as falas dos oleiros que tiveram contato e os dramas vivenciados na relação com a feira e com a atividade ceramista, foram elementos que emergiram e foram destacados pelos estudantes e que demonstram um pensar historicamente.

3.2 A HISTÓRIA E O ENSINO A PARTIR DO PATRIMÔNIO VIVO: EXPERIÊNCIAS NA COMUNIDADE DE MARAGOGIPINHO.

Neste item apresentamos os caminhos percorridos para a concretização das atividades experimentadas na intervenção pedagógica que propusemos aos estudantes da

Escola Municipal Professora Luciana Góes de Jesus e reflexões sobre aspectos desta ação pedagógica desenvolvida em parte da IV unidade letiva de 2019.²⁰ O desafio de refletir não apenas sobre o ensino de História como uma tarefa que ajuda a compor a estrutura curricular de Ensino de História no município, mas, principalmente, de como criar as oportunidades para construir caminhos e metodologias de valorização da história local e da própria identidade.

Nesta segunda etapa das ações, nos dedicamos a estudar e pesquisar a comunidade de Maragogipinho, na perspectiva de entender os processos vivenciados pelos artesãos produtores da cerâmica local. As ações desenvolvidas na intervenção pedagógica constituíram um conjunto de atividades desenvolvidas ao longo da unidade letiva, - mais precisamente entre os meses de novembro e dezembro – e envolveu o contato com diferentes possibilidades de fontes. A riqueza histórica e cultural do lugar tem sido visibilizada através da produção de diferentes materiais com variadas finalidades, como vídeos, textos jornalísticos e trabalhos escritos e visuais, quase sempre motivados durante a ocorrência da Feira de Caxixis, e pelas referências existentes sobre o tema presentes em livros e trabalhos acadêmicos que puderam servir como fonte de pesquisa.

A percepção inicial acerca do material bibliográfico, jornalístico produzido sobre Maragogipinho, em particular, possui certa limitação de acesso, considerando que não existe um trabalho de compilação e organização de toda a produção existente. É ainda uma tarefa a ser realizada. Por outro lado, embora não possa ser considerado como o ideal, o levantamento e o acesso do material produzido e acessível sobre Maragogipinho, constitui-se em uma rica oportunidade para o tratamento de diversas temáticas e alternativas didáticas para a realização de um trabalho que possa ser considerado satisfatório e interessante do ponto de vista da ação pedagógica.

A partir da realização de um levantamento de material já produzido por acadêmicos e não acadêmicos sobre a História Local, bem como sobre aspectos diversos da comunidade, foi possível constituir um conjunto de fontes de pesquisa sobre Maragogipinho. Percebemos, neste processo, que em diferentes momentos e com

²⁰ De acordo com o que já mencionamos, a III unidade letiva na Escola Municipal Professora Luciana Góes de Jesus ocorreu entre os meses de outubro e dezembro de 2019.

diferentes propósitos, várias foram as pessoas e instituições que desenvolveram algum tipo de pesquisa ou de registro sobre a atividade ceramista de Maragogipinho.²¹

Livros, reportagens, imagens fotográficas ou pictóricas, vários documentários, além do próprio lugar e seus sujeitos, constituem o conjunto de fontes que podem ser utilizados em favor do ensino de história e que nos ajudam a pensar e operacionalizar diferentes atividades pedagógicas que podem ser desenvolvidas. Nesse sentido, como nos alerta Pinsky (2018), as fontes possuem também uma historicidade que precisa ser considerada e valorizada. Esta percepção nos permite uma compreensão não apenas das limitações, mas, especialmente, das potencialidades das fontes para a ação pedagógica. Como observado por Caimi:

Quanto ao uso de tais documentos/fontes em sala de aula, há importantes indicações metodológicas que preconizam o papel ativo do estudante nos procedimentos de compreensão e interpretação. Mais do que objetos ilustrativos, as fontes são trabalhadas no sentido de desenvolver habilidades de observação, problematização, análise, comparação, formulação de hipóteses, crítica, produção de sínteses, reconhecimento de diferenças e semelhanças, enfim, capacidades que favorecem a construção do conhecimento histórico numa perspectiva autônoma. (CAIMI, 2008, pg. 141)

Como sinaliza esta autora, o uso de documentos/fontes tem um papel importante no desenvolvimento de práticas pedagógicas que estimulem o protagonismo dos educandos na construção do próprio conhecimento, favorecidos por um vasto campo de possibilidades didáticas. Nesse sentido, consideramos que Maragogipinho enquanto patrimônio vivo e representativo de importantes manifestações culturais populares, tem um potencial significativo para tornar-se palco de práticas educativas diversificadas, sobretudo com foco no ensino/aprendizagem de história.

Como já havíamos sinalizado em momentos anteriores, a turma selecionada para desenvolver a proposta de intervenção foi formada por 15 estudantes que eram residentes na sede da cidade de Aratuípe. Em grande parte, este número relativamente limitado de estudantes formou uma turma pequena se considerarmos a normalidade de outras turmas da escola quase sempre numerosas, acima de 30 estudantes. Contudo, trabalhar com um

²¹Mencionamos aqui alguns, entre os vários existentes e outros que já citamos neste trabalho, dos trabalhos que têm Maragogipinho na sua relação com a atividade ceramista como temática de investigação e interesse: NOVAIS, Rosane Maria da Silva. “A nova dinâmica gerada pelas pequenas indústrias ceramistas de Maragogipinho”. Monografia em Geografia. UNEB, 2005
PINTO NETO, Arthur Duarte. A atividade ceramista artesanal de Maragogipinho e a relação com a degradação ambiental: perspectivas e sustentabilidade. – Salvador, 2008. 160 p.
ALVARES, Sônia Carbonell. Maragogipinho – as vozes do barro: práxis educativas em culturas populares: orientação: Marcos Ferreira Santos. São Paulo, 2015. 375 p.

grupo menor de estudantes favoreceu a realização das atividades de campo, na medida em que tivemos dificuldades na garantia do transporte escolar para a locomoção do grupo para o desenvolvimento das atividades de campo no distrito de Maragogipinho,²² além de considerar ser um número razoável para estabelecer melhor contato individualmente e organizar a própria visitação.

Ao pensar a proposta de intervenção pedagógica com foco na Educação Patrimonial em Maragogipinho, buscamos criar as condições para que os estudantes estabelecessem um contato permanente com a comunidade, e especialmente com o universo da produção ceramista. Tal contato teve como propósito, entre outras coisas, permitir que o trabalho pedagógico de pesquisa e de consequente construção do conhecimento fosse desenvolvido por meio da interação com a atividade ceramista, com os trabalhadores da cerâmica e sobretudo, com o universo que envolve o patrimônio cultural da localidade produzido pelos seus sujeitos na modelagem das peças e das vidas daqueles que fazem da lida diária com o barro uma forma de arte.

Nesse sentido, destacamos a partir desse momento a exposição da nossa experiência pedagógica desenvolvida ao longo da última unidade letiva do ano de 2019 com vistas a dar visibilidade à comunidade de Maragogipinho como um patrimônio vivo. Apontamos a seguir a organização dos momentos que constituem o conjunto de atividades e percursos que foram desenvolvidos com a turma do 9º ano, conforme a organização que propusemos, de modo que o foco da nossa ação pedagógica estivesse nos sujeitos aprendentes a partir de uma experiência com significado para os mesmos e ajudasse a valorizar a história local e os seus construtores.

Meses depois das vivências da Feira de Caxixis, planejamos a nossa ação pedagógica na expectativa de contemplar a atuação na sala de aula com as atividades de campo no distrito de Maragogipinho, aqui percebido como um patrimônio vivo. Para tanto utilizamos 05 semanas consecutivas de aulas de história, totalizando 15 horas aulas, pelo menos do ponto de vista formal.²³ Ao longo dessa nossa exposição detalhamos os diferentes momentos que compreendem o período de desenvolvimento da proposta de

²² O distrito de Maragogipinho está distante do centro da cidade de Aratuípe em cerca de 6 quilômetros e exigiu a disponibilização de transporte escolar para condução dos estudantes nas visitas à localidade.

²³ Pelo volume de trabalho produzido pelos estudantes e pela natureza das atividades, imaginamos que foram destinadas muitas horas adicionais por parte dos estudantes de modo a cumprir todas as tarefas propostas.

intervenção que se constitui numa experiência rica em aprendizado para todos os envolvidos.

No primeiro momento a sala de aula funcionou como espaço de sensibilização dos estudantes, valorização da história local e planejamento e organização das atividades de campo. No segundo momento realizamos a primeira visita a Maragogipinho com foco na valorização do lugar e o espaço da cerâmica a partir dos registros fotográficos, o trabalho e os trabalhadores da atividade ceramista e as formas diversas de “viver do barro”. No terceiro momento buscamos valorizar os sujeitos envolvidos na atividade ceramistas através da valorização da oralidade, num exercício de escuta por parte dos estudantes e de valorização dos sujeitos. Finalmente, refletimos acerca dos resultados das nossas experiências, por meio da exposição dos trabalhos construídos ao longo desse período mencionado.

3.2.1 A SALA DE AULA – SENSIBILIZAÇÃO E PLANEJAMENTO

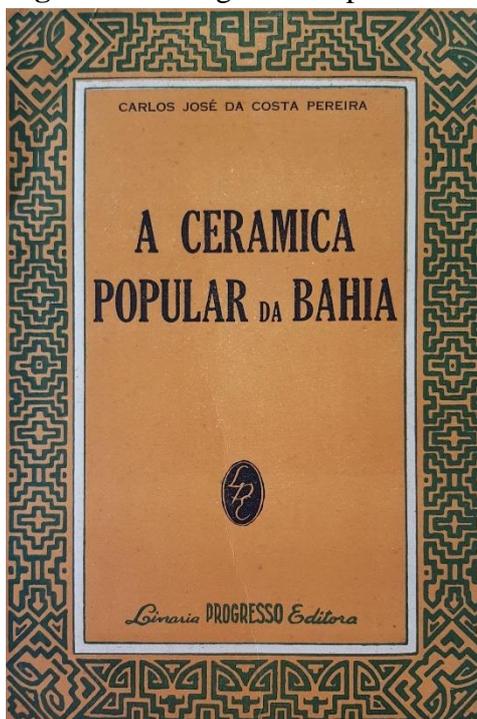
Um primeiro momento para a realização da atividade de intervenção foi desenvolvimento de um processo de sensibilização dos estudantes. Após a visitação à feira de caxixis, que se tornou em momento de aproximação efetiva com o patrimônio vivo, tempos depois na sala de aula o objetivo foi rerepresentar Maragogipinho como lugar de memória e detentor de uma experiência histórica merecedora de atenção. Da visitação à Feira de Caxixis, muitas informações, discussões e elementos que tiveram evidência naquele momento foram retomados pelos próprios estudantes.

Iniciamos a atividade de intervenção pedagógica no dia 06/11/2019 utilizando 03 horas/aula, sendo cada uma delas de 50 minutos. Nesse primeiro movimento, o objetivo da análise em sala de aula esteve focado em aspectos que consideramos relevantes para compreendermos os percursos históricos de Maragogipinho. Buscamos então destacar aspectos importantes como:

- Constituição histórica de Maragogipinho
- Maragogipinho e cerâmica – histórias e versões
- O universo das olarias – o espaço, trabalho/arte e aprendizado
- A atividade de campo – o olhar e o registro sobre o patrimônio

Acerca deste primeiro momento, vale destacar que a aula foi bastante participativa na medida em que os estudantes se sentiam estimulados a partir das estratégias pedagógicas que buscavam valorizar a contribuição de todos. Dos recursos utilizados, evidenciamos aqui os textos e fotografias que serviram para chamar a atenção da turma. Em se tratando de Maragogipinho os textos dos livros *A cerâmica popular da Bahia* e *Reinado da Lua*²⁴ constituem fontes importantes de pesquisa sobre o local, sendo referências utilizadas em diversos trabalhos de pesquisa acadêmica ou de qualquer outro viés, além de apresentarem um grande potencial de uso pedagógico, sobretudo para o ensino/aprendizagem de história.

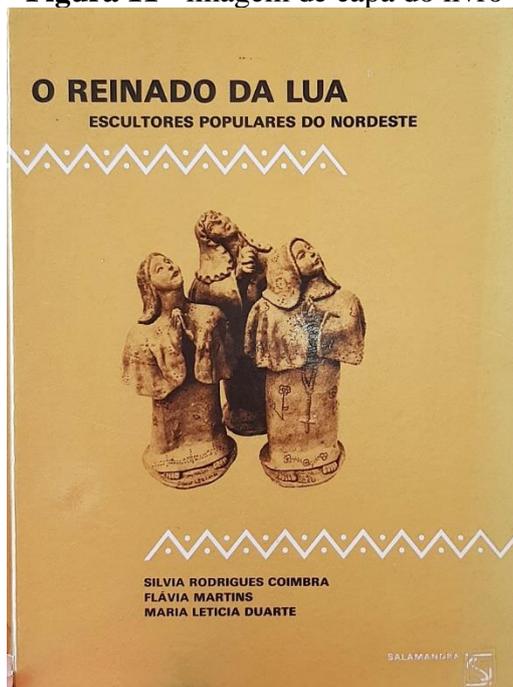
Figura 10 - Imagem de capa do livro



Fonte: Livro *A cerâmica popular da Bahia* (1957)

²⁴ Embora não sejam publicações que tratem exclusivamente de Maragogipinho, constituem fonte importante de pesquisa sobre a localidade, na medida em que dedicam uma parte considerável das obras a este espaço. São referências importante para quem realiza atividade de pesquisa sobre a comunidade ceramista.

Figura 11 - imagem de capa do livro



Fonte: Livro O Reinado da Lua (1980)

Da mesma forma, o uso da fotografia, muitas delas encontradas nos livros mencionados, mais uma vez foi de grande relevância para tratamento dos aspectos apontados como norteadores da discussão que buscamos estabelecer na sala de aula e o consequente sucesso da ação pedagógica. O trabalho com a história local apresenta-se, portanto, como uma perspectiva interessante para a efetivação do ensino de história.

Figura 12 - Aspecto das olarias de Maragogipinho



Fonte: Livro A cerâmica popular da Bahia (1957)

Figura 13 - vista panorâmica de Maragogipinho



Fonte: disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=427775> – sem data

As imagens em destaque representam uma parte das que foram utilizadas em sala de aula. Chamou a atenção o envolvimento dos estudantes com a atividade, especialmente quando se depararam com imagens que, de alguma forma, fazem parte de um universo mais próximo das suas realidades. As percepções acerca das mudanças e permanências ao longo do tempo, as ações de transformação sobre o espaço mais acessível, além de outras possibilidades do uso das imagens, e neste caso da fotografia, são elementos estimuladores da atenção ao conteúdo proposto e de uma participação mais efetiva.

Na semana seguinte, no dia 13/11/2019, em sala de aula aproveitamos para dialogar com os estudantes acerca dos diversos encaminhamentos para a atividade de campo que seria desenvolvida na semana seguinte. Em diálogo, definimos que a visita a Maragogipinho teria como objetivos conhecer o lugar a partir da observação das características e funções dos seus espaços e principalmente o contato com os sujeitos que dão vida ao lugar de memória e história, refletindo um pouco sobre as vivências e experiências que caracterizam o patrimônio vivo.

Apresentamos um roteiro para visita que compreendia, especialmente, a parte da localidade situada às margens do Rio Maragogipinho, afluente do Rio Jaguaripe, onde se concentram a quase totalidade das olarias. Neste roteiro o trajeto compreendeu a visita à sede da Associação de Auxílio Mútuo de Maragogipinho – AAMOM,²⁵ para uma roda de conversa com o seu presidente com foco na história de organização dos oleiros em

²⁵ A Associação de Auxílio Mútuo dos Oleiros de Maragogipinho - AAMOM, foi criada em 1988. Com o propósito de organizar e auxiliar os artesãos/oleiros de Maragogipinho visando melhorias para o desenvolvimento da atividade ceramista, e atualmente é dirigida pelo artesão Denisval S. de Souza.

torno da entidade, a visita ao porto e as olarias para o contato com os trabalhadores da cerâmica. Propusemos também que os estudantes fizessem registros fotográficos daquilo que os seus olhares sobre Maragogipinho fossem atraídos para posterior análise e discussão coletiva.

Como atividade escrita os estudantes deveriam elaborar um breve relatório da atividade ao distrito de Maragogipinho apresentando as suas impressões com base em pontos que apresentamos a seguir, e foram sugeridos como norteadores das observações que deveriam ser feitas no transcorrer da aula de campo. São eles:

- Quais foram os principais pontos visitados/observados durante a aula de campo?
- O que foi possível aprender a partir da aula de campo?
- O que mais te chamou a atenção nos locais visitados?
- Qual é a análise que você faz da atividade desenvolvida?

Portanto, a partir da experiência vivenciada pelos estudantes, foi realizada análise sobre Maragogipinho e a história local, na perspectiva da abordagem do lugar e de seus sujeitos como patrimônios. A sala de aula foi o espaço de retomada da discussão sobre patrimônio em suas diferentes vertentes. Nesse sentido, o debate sobre aspectos importantes da constituição histórica de Maragogipinho, sua gente e sobre a sua característica mais marcante na relação com o mundo da cerâmica tornou-se fluido e prazeroso, tendo em vista a participação efetiva de todos os envolvidos.

3.2.2 O LUGAR, SUA GENTE E A ARTE CERAMISTA – AULA DE CAMPO

A atividade de campo exigiu uma considerável articulação com o funcionamento da escola, tendo em vista a distância da sede do município em cerca de pouco mais de 5 km de Maragogipinho, foi necessária a concessão de transporte por parte da secretaria Municipal de Educação de Aratuípe. Tendo em vista as limitações em disponibilizar um transporte adequado, não se constituiu em tarefa fácil a retirada dos alunos do ambiente escolar. No nosso caso, pudemos contar com o transporte escolar garantido pelo município apenas na primeira atividade de visitação e aula que realizamos. Nas atividades seguintes, tivemos que custear as despesas de deslocamento por parte dos estudantes.

Neste momento de aula de campo, o propósito foi discutir o lugar e seus sujeitos. A perspectiva era a de familiarização com o espaço da atividade ceramista bem como com os sujeitos que constroem Maragogipinho. Um dos espaços visitados pelos estudantes foi a sede da Associação de Auxílio Mútuo de Maragogipinho – AAMOM. Em uma roda de conversa na sede da associação, os estudantes entrevistaram o seu presidente²⁶ que tratou das origens da instituição, do seu funcionamento e do papel da mesma perante os oleiros, como também trouxe elementos da história da comunidade e da sua intensa dedicação à atividade ceramista.

Os estudantes foram estimulados a valorizar tanto os relatos orais dos oleiros, resultado dos contatos que tiveram com os oleiros, como também foram estimulados a realizar os registros fotográficos com os meios disponíveis, com base nos aspectos e pessoas que se tornavam visíveis e interessantes aos mesmos.²⁷

Como observa Caimi,

Aprender a historiar ou aprender o ofício dos historiadores não significa almejar que o estudante se torne um pequeno historiador, até porque as finalidades do trabalho do historiador, ao produzir conhecimento histórico, são distintas das finalidades do trabalho do professor ao ensinar história. (CAIMI, 2008, 144).

Para muitos dos estudantes que não conheciam a comunidade, percorrer as ruas estreitas das olarias tornou-se uma grande oportunidade para a valorização do trabalho dos oleiros, do funcionamento da atividade ceramista, e para a observação das características das peças fabricadas em cada um dos espaços. A visita às olarias serviu também para que os estudantes realizassem registros fotográficos do contexto vivenciado, tendo como base os aspectos que lhes chamassem a atenção, permitindo, entre outras coisas, estabelecer comparativos e/ou paralelos com imagens outras que foram apresentadas em sala de aula, verificadas em pesquisa e até as verificadas na atividade de campo em Nazaré na Feira de Caxixis.²⁸

Nesse sentido, a fotografia, com destaque para a percepção do elemento da imagem, constituiu-se em aspecto fundamental para composição do trabalho pedagógico. Serviu, especialmente, para traduzir a visão dos estudantes acerca do espaço, da cultura e

²⁶ O atual presidente da AAMOM é Denisval S. de Souza

²⁷ Vale ressaltar que todos os registros fotográficos realizados pelos estudantes, bem como as entrevistas e questionamentos realizados ao longo da visitação, contaram com a concordância por parte das pessoas fotografadas e entrevistados.

²⁸ Os registros fotográficos realizados pelos estudantes foram feitos, em sua grande maioria por meio de aparelhos de celular. No entanto, disponibilizamos uma máquina fotográfica digital para o uso por parte daqueles que não possuem aparelho ou preferiram utilizar a máquina cedida.

do trabalho de Maragogipinho. Um registro muito particular da cultura ceramista associado à necessidade de nos apresentar uma visão do lugar.

As imagens apresentadas abaixo foram as escolhidas entre as diversas que foram produzidas durante o período de realização das atividades de intervenção pedagógica que promovemos durante as atividades de campo em Maragogipinho. Considerando apenas o seu conteúdo, a imagem nos traz informações sobre o ambiente de uma das olarias existentes na localidade.

Figura 14 Peças em exposição no interior de olaria



Fonte: Acervo fotográfico da turma em atividades de campo – 11/2019

Figura 15 – Peças em exposição na AAMOM



Fonte: Acervo fotográfico da turma em atividades de campo – 11/2019

Figura 16 – Rio Jaguaripe em Maragogipinho



Fonte: Acervo fotográfico da turma em atividade de campo – 11/2019

Figura 17 – Rio Jaguaripe em Maragogipinho



Fonte: Acervo fotográfico da turma em atividades de campo – 11/2019

Figura 18 – Fabricação de peça no torno



Fonte: Acervo fotográfico da turma em atividades de campo – 11/2019

Figura 19 – Trabalho de brunição/burniçãõ feito alisamento da peça²⁹



Fonte: Acervo fotográfico da turma em atividades de campo – 11/2019

²⁹ Este trabalho consiste no alisamento das peças de barro antes da peça ser levada ao forno. Trata-se de um trabalho realizado predominantemente pelas mulheres que tem a remuneração atrelada à quantidade de peças que consegue brunir diariamente.

Figura 20 – Estudantes manuseando o torno tentando fabricar peça



Fonte: Acervo fotográfico da turma em atividades de campo – 11/2019

Figura 21 – Oleiro em trabalho no torno elétrico



Fonte: Acervo fotográfico da turma em atividades de campo – 11/2019

Figura 22 - Trabalho no empelador³⁰



Fonte: Acervo fotográfico da turma em atividades de campo – 2020

Figura 23 - Trabalho de fabricação de peça em olaria



Fonte: Acervo fotográfico da turma em atividades de campo – 11/2019

³⁰ Este trabalho consiste na retirada das impurezas do barro, e amassando-o até ganhar uniformidade. Em seguida o barro é dividido em pequenos pedaços antes de serem levados ao torno para fabricação das peças.

Figura 24 - Trabalho de fabricação de peça no torno



Fonte: Acervo fotográfico da turma em atividades de campo – 11/2019

As imagens registradas pelos estudantes destacam aspectos do cotidiano dos oleiros da comunidade e, especialmente, da labuta diária na produção das peças. Da mesma forma, paisagens e objetos outros evidenciados nos registros fotográficos quase sempre chamam a atenção para o comparativo com situações de outras imagens destacadas em sala de aula, quer seja nos livros analisados ou em espaços diversos que visitamos ao longo da realização da atividade de campo, permitindo, por exemplo, favorecer a discussão sobre as transformações evidenciadas na produção local ao longo do tempo.

3.2.3 O OLEIRO E A VALORIZAÇÃO DO SUJEITO

Para o terceiro momento da intervenção pedagógica, realizamos a segunda visita ao centro ceramista de Maragogipinho. A turma foi dividida em 03 grupos compostos por 05 (cinco) componentes cada. De acordo com o planejamento da proposta, cada um dos grupos formados deveria realizar uma entrevista com um oleiro de Maragogipinho que estivesse em plena atividade na lida com a atividade ceramista. Entre outros aspectos, esta seleção também esteve relacionada ao tipo característico de trabalho realizado pelos oleiros, além da disponibilidade em participar a atividade proposta.

Entre eles tivemos a escolha de Emanuel Ismarques Santos, um oleiro bastante conhecido na localidade por se dedicar especialmente à fabricação de imagens religiosas, com características barrocas. Outro oleiro escolhido foi Taurino Silva, mais conhecido como Seu Zé. O seu trabalho está voltado comumente à fabricação das famosas baianas em tamanho similar ao de um ser humano. Já o terceiro oleiro que seria entrevistado é chamado de Antonio Dativo e apelidado como Seu Tode, sendo um dos mais antigos trabalhadores da cerâmica na localidade, e um dos poucos que ainda se dedicarem à fabricação deoringas e talhas.

O critério de seleção dos oleiros levou em consideração o fato de estarem em pleno exercício das atividades laborais cotidianamente. Sendo assim, pretendeu-se valorizar a trajetória dos sujeitos que tem a lida com a cerâmica o seu meio de subsistência, de modo que os estudantes pudessem conhecer um pouco das suas vivências e experiências narradas pelos próprios sujeitos. Diferentemente de uma leitura textual em sala de aula, o contato direto entre os sujeitos, especialmente no ambiente da olaria, mostrou como uma prática muita mais rica e atrativa. Conforme já destacado nesse trabalho, são verdadeiros patrimônios vivos. A nossa pretensão estava na possibilidade de evidenciar efetivamente os que constroem o cotidiano de Maragogipinho.

Cada grupo de estudantes foi apresentado a um dos oleiros para que, através de uma roda de conversa, fosse realizada uma entrevista, de modo a estimularem os estudantes a reconhecerem a importância desse meio de aprendizado. A proposta era a de valorização da oralidade e da memória como ferramenta de conhecimento da história local e de valorização dos sujeitos.

Para tanto, os estudantes elaboraram previamente um questionário, que serviu de norte durante o contato com os oleiros.³¹ Segue questionário construído por uma das equipes:

1. Qual é o seu nome completo?
2. Quantos anos o sr. Tem?
3. Tem filhos?
4. Como foi a sua infância?
5. Como foi o início na aprendizagem da arte?
6. Há quanto tempo convive no local?

³¹ Cada uma das equipes elaborou o próprio questionário para o processo de entrevista

7. Desde quando está dedicado a atividades ceramista?
8. Seus familiares ajudam nas atividades da olaria?
9. Qual é o tipo de objeto que prefere produzir?
10. Quais são os problemas enfrentados na atividade ceramista?
11. Como é viver em Maragogipinho e viver do barro?
12. O que há de bom em ser oleiro?
13. Como é que chega a mercadoria?
14. O barro que você utiliza sempre vem do mesmo lugar?
15. Qual é o destino da atividade ceramista em Maragogipinho?

Como exercício da prática de realização das entrevistas, os estudantes desenvolveram diferentes formas de registro, tendo em vista que, enquanto alguns realizaram a gravação de vídeo, outros buscaram fazer a gravação apenas da voz. Do mesmo modo, outros estudantes fizeram também registros escritos. As gravações foram realizadas nas olarias dos entrevistados em momentos do que seriam seus horários de trabalho.

Todas as entrevistas foram realizadas em um mesmo dia, mas, em ambientes diferentes, no interior das olarias dos próprios entrevistados. A realização destas atividades mostrou-se como uma atividade muito rica em experiências para os estudantes. Constituiu-se num laboratório para construção de aprendizagem e de construção do conhecimento histórico.

Os estudantes foram acompanhados por mim na condição de professor da turma – pelo menos um dos grupos – enquanto que as demais equipes estiveram acompanhadas por duas estudantes do nível médio do Colégio Estadual Professor Rocha Pita,³² e que são residentes em Maragogipinho. As estudantes do Rocha Pita se colocaram à disposição para servirem de monitores voluntárias durante o acompanhamento das equipes. Após a conclusão das entrevistas, os estudantes foram orientados a prepararem as apresentações que aconteceriam na semana seguinte.

As atividades desenvolvidas permitiram evidenciar a Educação Patrimonial como estratégia metodológica com implicações pedagógicas para a valorização da História Local no ensino/aprendizagem de História. Ao mesmo tempo, buscamos contribuir,

³² O Colégio Estadual Professor Rocha Pita que é um colégio que atende estudantes de nível médio está localizado na sede do município de Aratuípe, Ba. É também o meu local de trabalho como professor.

mediante a ação de diferentes sujeitos, como estudantes e trabalhadores da cerâmica de Maragogipinho, para fomentar uma cultura de valorização de todo patrimônio cultural existente entre nós. Sendo assim,

A relação tradicional de sujeito-objeto entre investigador-educador e os grupos populares deve ser progressivamente convertida em uma relação do tipo sujeito-sujeito, a partir do suposto de que todas as pessoas e todas as culturas são fontes originais de saber, e que é da interação entre os diferentes conhecimentos que uma forma partilhável de compreensão da realidade social pode ser construída através do exercício da pesquisa. O conhecimento científico e o popular articulam-se criticamente em um terceiro conhecimento novo e transformador (BRANDÃO, 2006, p 42)

Buscamos estimular a reflexão por parte do sujeito-estudante a partir da interação com o sujeito-oleiro de modo a ser percebido como construtor de Maragogipinho na sua relação com a cerâmica e a atividade ceramista. Da mesma forma, o sujeito, detentor de um saber próprio, que ajuda a construir este espaço, e que também aprece como patrimônio cultural local, regional e nacional.

Foram momentos de grande participação e envolvimento por parte dos estudantes. As visitas anteriores contribuíram para que o clima de proximidade entre estudantes e os oleiros que entramos em contato, facilitasse o diálogo entre eles. Foram os estudantes pesquisadores envolvidos nos enredos das histórias de vidas de verdadeiros patrimônios vivos de Maragogipinho. As olarias serviram de palco para a importante interação entre os estudantes e os oleiros. Uma interação que contribuíra para construir conhecimento histórico e, da mesma forma, para a efetivação de ensino/aprendizagem de história significativa.

Em relatório apresentado após a atividade a estudante E.S. deixou registrada a sua impressão sobre a entrevista que realizou com o oleiro Emanuel Marques

O diálogo com o entrevistado foi bastante interessante pois foi possível aprender coisas que eu não sabia sobre a atividade ceramista... é importante valorizar a trajetória desses trabalhadores porque eles são únicos e não sabemos quem vai ocupar os lugares desses oleiros daqui a alguns anos. E. S. (Relatório apresentado em 14/11/2019)

Apesar dos relatórios individuais, alguns aspectos chamaram mais a atenção dos estudantes diante das entrevistas que realizaram. No bojo do relato apresentado aparecem elementos que evidenciam um imbricamento entre passado, presente e futuro, na mesma linha do que é observado pela estudante E.S.O. que também se refere ao oleiro Emanuel Marques.

Nos mostrou que não é apenas uma profissão... eles não fazem por fazer, e sim criam um amor pelo que faz... e eles mesmo dizem que não tem vontade de deixar os que eles gostam, já as crianças que vem vindo agora tão deixando de lado as verdadeiras raízes por acharem que no local onde convivem não há nada enquanto os outros de fora ver outra coisa. E.S.O. (relatório entregue em 14/11/2019)

Na semana seguinte à realização das entrevistas, retornamos à sala de aula para análise das experiências observadas pelos estudantes, bem como para apresentação de relatório de atividades, que se constituiu num importante instrumento para estimular os estudantes a refletirem sempre sobre as ações desenvolvidas no transcorrer do processo de construção do conhecimento. Os trechos dos relatórios apresentados aqui são reveladores das diversas sensações que as atividades de campo foram capazes de despertar nos estudantes, na medida em que demonstraram interesse pelas histórias dos sujeitos históricos que compõem Maragogipinho, dos dilemas e desafios que estes enfrentaram e continuam em algumas situações a enfrentar cotidianamente. É o que também nos apresentou uma outra estudante.

Antonio Dativo relatou que ingressou no trabalho com a cerâmica desde os 10 anos de idades para suprir as necessidades de casa tendo como principal objetivo a compra de alimentos.

Suas primeiras peças foram peças com fins domésticos, copos para beber, panelas para cozinhar, pratos para comer. Assim a venda das peças eram bem mais frequentes do que hoje apesar de já serem difíceis naquela época. Antonio diz que um dos problemas que enfrenta, hoje, é a falta de trabalhadores para amassar o barro e a falta de união entre os oleiros também, é um dos motivos que deixa a desejar na valorização das mercadorias. Entretanto, afirma se orgulhar do seu trabalho porque através dele sustentou e sustenta sua família até os dias de hoje. J.S.S (Entrevista entregue em 14/11/2022)

Como desdobramento das atividades de pesquisa desenvolvidas, as equipes foram orientadas a elaborarem uma pequena biografia dos oleiros que foram entrevistados durante as rodas de conversa. Um momento importante de valorização dos sujeitos que tiveram participação no processo de construção da intervenção e, conseqüentemente, de toda comunidade ceramista.

Em diálogo com a turma, o material produzido por eles foi transformado em banners que continham um breve relato de aspectos da trajetória dos sujeitos entrevistados, e que foram expostos pelas equipes durante o encerramento das atividades letivas da escola, com foco na produção de pesquisa e conhecimento propostas pela unidade escolar.³³ O trabalho culminou com uma exposição que resultou do

³³ Como proposta de encerramento do ano de letivo de 2019, a Escola Municipal Professora Luciana Góes realizou um evento que propunha a apresentação de atividades diversas produzidas pelos estudantes da escola.

conhecimento produzido pelos estudantes no decorrer do processo a partir dos registros e produções construídas no decorrer da unidade com foco na valorização dos sujeitos que constituem o lugar e o mundo da cerâmica em Maragogipinho.

Figura 25 - Emanuel apresentando banner recebido pelos estudantes



Fonte: Acervo fotográfico da turma – 12/2019

Após a realização do evento de encerramento das atividades pedagógicas da unidade escolar, os banners produzidos foram entregues aos oleiros em Maragogipinho que concederam as entrevistas a partir das rodas de conversa.³⁴ Foi o reconhecimento do valor do trabalho e da arte que desenvolvem constituindo verdadeiro patrimônio vivo. A entrega deste material produzido pelos estudantes aos oleiros que eles entrevistaram, mostrou-se como um momento muito rico e carregado de emoções para todos.

³⁴ O momento da entrega do banner aos oleiros em Maragogipinho não pôde contar com a participação de todos os estudantes, tendo em vista que o ano letivo já havia terminado. No entanto, alguns estudantes compareceram para a realização da entrega, que se constituiu numa experiência muito rica e prazerosa.

Pela natureza do trabalho pedagógico desenvolvido, o processo avaliativo foi efetivado ao longo de todo o trajeto da prática educativa. Levamos em consideração, sobretudo, a participação ativa dos educandos nas atividades propostas. Realizamos aulas expositivas, pesquisas diversas, análise de fotografias e imagens de caráter diverso, confecção de relatórios, atividades em grupo, registros fotográficos, realização de entrevistas e rodas de conversas. Sendo assim, não consideramos o processo avaliativo como um momento estanque e isolado, com data específica para ocorrer. Foram numerosas as experiências vivenciadas pelos estudantes em termos de atividades desenvolvidas, o que nos leva a considerar a avaliação como um processo.

Dessa forma, foi possível verificar a efetivação de uma postura ativa e de permanente interação entre os diferentes sujeitos que estiveram no foco da proposta de intervenção. Dessa forma, conforme os nossos propósitos de trabalho, foi possível contribuir para “operar” estratégias que tivessem efeito no desenvolvimento de práticas que repercutiram no ensino/aprendizagem de História. Foi percebido um efeito mobilizador nas ações pedagógicas que envolveram professor, alunos e comunidade de Maragogipinho. Compreendemos que o acontecimento apresentou um alcance social significativo e que será capaz de estimular ações multiplicadoras e continuadas para além da escola.

Para Streck (2006, p. 259) “a pesquisa é um ato de pronunciar o mundo”. Verifica que

...a pesquisa como leitura e pronúncia começa com a abertura para o mundo. Nesse sentido ela não é privilégio de pesquisadores nem de pessoas alfabetizadas. Nem por isso o pesquisador é irrelevante ou descartável. Dentro dessa compreensão de pesquisa, ele é insubstituível no que diz respeito à complexidade de sua postura diante e com o outro, o mundo e o cosmos. Antes do domínio de determinadas técnicas, pesquisar implica capacidade de escutar, um escutar denso, intenso e impaciente. (STRECK, 2006, p 265).

Acerca disso, Michel Thiollente (2009, p. 162) ressalta a importância de um projeto educacional emancipatório na medida em que permite a grupos que possam ser denominados como modestos, ter acesso ao conhecimento. A tarefa e mesmo desafio do trabalho efetivado foi o de propor algo que assuma um caráter emancipatório no sentido de produzir um conhecimento novo.

Nesse sentido, verificamos que a valorização da história e do patrimônio cultural existentes nos espaços de vivências dos nossos estudantes devem servir, assim como qualquer outro espaço, como objeto de atenção e de grande relevância para o

ensino/aprendizagem de história, na medida em que contribui para despertar uma consciência sobre sua realidade como constituinte de um processo histórico no qual também estão inseridos como sujeitos históricos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora muitos momentos tenham sido marcados muito mais pelas indefinições do que certezas, ao menos no que diz respeito a uma ideia claramente construída dos limites e expectativas para um trabalho final, as reflexões até aqui realizadas, representam um caminhar que se verificou mais consciente, à medida que encaminhamos as atividades da pesquisa, traduzidas na ação pedagógica, alicerçadas no exercício de reflexão permanente sobre as implicações do trabalho docente.

Vimos aqui a importância das reflexões suscitadas pelo Mestrado em Ensino de História (Profhistória) que teve o mérito de revelar a perspectiva de que a ação pedagógica deve exigir sempre um pensar permanente sobre a ação que se estabelece na relação entre professores e estudantes. Entre outras conquistas, vivenciamos o florescimento da tomada de consciência acerca do desafio de ensinar e aprender História.

A experiência do Mestrado Profissional permitiu que o retorno à sala de aula fosse sempre marcado por inquietações diversas originadas de um novo olhar sobre o que é ensinar História, ao ponto de transformar a ação mecânica (não refletida) do fazer pedagógico, aos poucos, em uma ação mais criteriosa, sistematizada, consciente, reflexiva e melhor fundamentada.

Foi possível ampliar as possibilidades de construção de conhecimento histórico para além do ambiente da sala de aula, marcado frequentemente pela ação rotineira, e oportunizar a efetivação de uma prática mais dinâmica para professor e aluno, estimuladora da atividade de pesquisa como tarefa cotidiana e motivadora do desenvolvimento de aprendizagens que se mostrem mais significativas.

Com base nas atividades realizadas ao longo da execução desse trabalho e do exercício de reflexão e análise, valorizamos uma proposta que se constituísse como alternativa metodológica para introdução do ensino de História Local, dentro da perspectiva da Educação Patrimonial nas escolas da cidade de Aratuípe, como forma de contribuir para um ensino de História mais aproximado da realidade dos nossos estudantes com foco na valorização das experiências, da cultura e do patrimônio em que estão inseridos. Nesse sentido, constitui-se uma importante oportunidade de garantir aos estudantes uma prática pedagógica que se mostrasse efetivamente próxima de suas

vivências e desencadeadora de atitudes cidadãs em relação ao patrimônio cultural como um todo, e especialmente sobre o patrimônio cultural local.

Os trabalhos emergiram de dilemas cotidianos comuns entre os professores de História no cumprimento de suas ações educativas e dispostos a compreendê-los e encontrar meios de superá-los. A partir da prática dos caminhos teóricos e metodológicos que compreendem o ensino como espaço de pesquisa, tornou-se possível desenvolver um olhar sistematizado e promover materialidade a ações diversificadas e participativas, para superar o desafio de tornar o conhecimento histórico acessível aos estudantes.

Nesse trabalho Maragogipinho foi evidenciado como espaço privilegiado para valorização da História Local e como possibilidade de melhoria do ensino/aprendizagem de História nas nossas escolas. Esse espaço constitui um destacado patrimônio cultural e requer um olhar sensível e diferenciado sob a perspectiva do ensino, na medida em que se trata de uma realidade histórica e sociocultural singular, implicando na constituição de novos olhares.

Um dos caminhos estabelecidos sob a perspectiva de valorização da História Local como possibilidade de construção de saber histórico escolar, levou em consideração as inúmeras alternativas para tornar o ensino/aprendizagem de história uma realidade tangível. Nessa perspectiva, o local foi percebido como um espaço singular em relação a outros espaços, não hierarquizados, mas diferentes em termos de vivências e experiências humanas.

Deste modo, a valorização dessa singularidade não está relacionada à ideia de isolamento, mas como integrante de uma dinâmica relacional desenvolvida historicamente. Com base na perspectiva de valorização da História Local, pretendemos construir um trabalho que tem como objetivo a valorização dos sujeitos, suas experiências e vivências que lhes tornam singulares, mas que podem ser percebidas historicamente a partir de suas relações com contextos mais amplos.

Considerando as possibilidades de discussões sugeridas pela temática, tivemos aqui a consideração das questões relacionadas à memória, especialmente na relação com a tradição oral, e que também aparece sob diferentes perspectivas, observando o que nos apresenta os diversos autores que tratam da questão da memória na relação com a oralidade.

Da mesma forma, buscamos evidenciar a noção de patrimônio ou mesmo patrimônio cultural, que, ao integrar importante análise neste trabalho, é tratado como aspecto fundamental compreendido como sendo sempre resultado de uma construção social. Assim, essa compreensão foi adotada na perspectiva de pensar o lugar, os objetos e especialmente os sujeitos, na sua relação com o ensino de História.

As diversificadas atividades demonstraram a riqueza de possibilidades para intervenções pedagógicas a partir da comunidade ceramista de Maragogipinho. O trabalho pedagógico mostrou-se mais participativo à medida que os estudantes conseguiam vislumbrar a historicidade constituinte do lugar. Sobretudo as aulas de campo, com visitas à comunidade para contato com os trabalhadores e trabalhadoras da atividade ceramista, visitas às olarias, rodas de conversa e entrevistas com oleiros, registros fotográficos, produção de relatórios e textos diversos foram fundamentais e enriquecedores.

Dessa forma, foi possível o trabalho pedagógico com fontes diversificadas de análise, ensino e estudo da história, quer seja através de fontes orais, iconográficas e documentais, ou mesmo da análise dos objetos produzidos, ou da arquitetura do lugar. Nesse sentido, o uso da história local e de suas fontes diversas em Maragogipinho, trouxe até mesmo a possibilidade de ampliação dos espaços de sala de aula na construção de conhecimento histórico contribuindo para a valorização da consideração de sujeitos históricos.

O trabalho desenvolvido teve como resultado o conhecimento produzido pelos estudantes no decorrer do processo pedagógico a partir dos registros e produções construídas com foco na valorização dos sujeitos que constituem o lugar e o mundo da cerâmica. Mostrou-se como manifestação de trabalho sistematizado, como também foi capaz de dar materialidade a ações as mais diversificadas, além da perspectiva de valorização da memória e do patrimônio como meio de ensinar história.

A pesquisa no âmbito do ensino de História contribuiu não tão somente para ampliação da produção de conhecimento histórico e cultural sobre Maragogipinho e seus sujeitos, mas, entre outras coisas, também se mostrou capaz de promover o debate acerca das possibilidades de construção de saber histórico escolar nas nossas salas de aula que tradicionalmente negligenciam as temáticas locais.

Através do estímulo, mobilização de saberes e experiências e a efetivação de práticas pedagógicas significativas e mobilizadoras, foi revelada a consciência da importância de ensinar/aprender uma história de forma significativa para os sujeitos aprendentes, e desencadeadora de uma postura de valorização da história local e de todo patrimônio construído pelo seu povo, além de ajudar a aproximar os estudantes das tarefas que dizem respeito ao campo da pesquisa histórica.

Finalmente, contribuimos para fomentar e incentivar o desenvolvimento de um debate sobre as diferentes possibilidades para tornar o processo de construção do saber histórico escolar uma tarefa possível e efetivamente significativa nas nossas “salas de aula”. Entre outras coisas, ambicionamos ajudar potencializar a construção de conhecimento histórico para além do ambiente da sala de aula, oportunizando a efetivação de uma prática mais dinâmica, estimuladora da atividade de pesquisa e motivadora do desenvolvimento de aprendizagens que se mostrem mais significativas para os estudantes.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Kátia Maria. Ensino de história e Base Nacional Comum Curricular: desafios, incertezas e possibilidades. In: RIBEIRO JÚNIOR, Halfred Carlos e VALÉRIO, Mairon Escorsi. **Ensino de história e currículo: reflexões sobre a Base Nacional Comum Curricular: formação de professores e prática de ensino**. Jundiaí: Paco editorial, 2017.
- AGUIAR, Durval Vieira de. **Descrições práticas da Província da Bahia: com declaração das distâncias intermediárias das cidades, vilas e povoações**. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1979.
- ALVARES, Sônia Carbonell. Maragogipinho – as vozes do barro: práxis educativa em culturas populares: orientação: Marcos Ferreira Santos. São Paulo, 2015. 375 p.
- AMADO, Janaína. **História e Região: reconhecendo e construindo espaços**. In: SILVA, Marcos A.(coord.). República em migalhas: história regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1990.p.7-15
- BARRETO, Virgínia Queiroz. **Viver do barro: trabalho e cotidiano de oleiros Maragogipinho - Bahia 1970-1998**. 2000, 155 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.
- BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- _____, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 9 ed. – Petrópolis, RJ; vozes, 2013.
- BITTENCOURT, Circe Maria F.. **Ensino de história: fundamentos e métodos** – 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2009.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de Velhos**. 3. ed. – São Paulo. Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, C. R.; STRECK, Danilo R. (orgs). **Pesquisa Participante: a partilha do saber**. Aparecida-SP, Ideias & Letras, 2006.
- BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 25 abr. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio: ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília, DF, 1999.
- CAIMI, Flávia Eloisa. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar? **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.129-150, dez. 2008

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução: Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

CAVALCANTI, Erinaldo. **História e história local: desafios, limites e possibilidades**. In: Revista História, v. 7, nº 13, p. 272-292 – 2018.

CERRI, Luis Fernando. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história. In: **Revista de História Regional**, vol. 6, nº 2, p. 93-112, 2001.

_____. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CIÊNCIAS humanas e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. 2006, 133 f. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf. Acesso em: 06 mar. 2021.

COIMBRA, Sílvia; MARTINS, Flávia; DUARTE, Letícia. **O reinado da lua: escultores populares do Nordeste**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1980.

COSTA, Gerson Eduardo da. **A cidade e o ensino de história: patrimônio, museu e história local**. 2016. 146f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

DANTAS, Fabiana Santos; Joachim Krell, Andreas. **O direito fundamental à memória**. 2008, 283 f. Tese (Doutorado em Direito). Faculdade de Direito do Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo** – 14. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Educação Patrimonial e cidadania: uma proposta alternativa para o ensino de história**. In: Revista Brasileira de história – São Paulo, v. 13, nº 25/26, p. 265-276, 1993

_____, José Ricardo Oriá. Um lugar na escola para a História Local. In: **Ensino em Re-vista**, vol. 4, nº 1, p. 43-51, jan./dez. 1995. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/7809/5165>. Acesso em: 15 ago. 2020.

_____, José Ricardo Oriá. **O direito à memória: análise dos princípios constitucionais da política de patrimônio cultural no Brasil (1988-2010)**. 2011. Disponível em: http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/palestras/Políticas_Culturais/II_Seminario_Internacional/FCRB_JoseRicardoFernandes_O_direito_a_memoria.pdf. Acesso em: 07 mar. 2021.

FEREIRA, Jurandyr Pires (org). **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. vol. XXI. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

FIGURELLO, Ana Luiza Ribeiro Garcia. **Olhares sobre o Valongo: estudando o patrimônio e a memória nas aulas de história**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

HOGART, Richard. **As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora**. São Paulo: Presença, 1973.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. Educação patrimonial. In: BARRETO, Euder Arrais et. al., **Patrimônio Cultural e Educação: artigos e resultados**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2008, p. 15-21. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_PatrimonioCulturalEEducPatrimonial_m.pdf. Acesso em: 23 abr. 2019.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Estatuto da Fundação Nacional Pró-Memória**. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/RelatorioIPHAN2014_final.pdf> Acesso em 10 de julho de 2021.

JUNIOR, Acioli Gonçalves da Silva. **Educação patrimonial, História local e ensino de história: uma proposta para o trabalho docente**. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2016.

KARNAL, Leandro(org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas** – 6. ed., São Paulo: Contexto, 2010.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LEAL, Maria das Graças Andrade. **Educação Histórica e patrimonial: uma experiência interdisciplinar com História e fotografia**. In: Cruzar fronteiras sobre o ensino de história: II oficinas luso-afro-brasileiras. Coordenação de Luiz Alberto Marques Alves. Porto, dezembro de 2018, p. 43 – 64. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id024id1626&sum=sim>). Acesso em 10 de novembro de 2021.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>

MATTOZZI, Ivo. **Currículo de história e educação para o patrimônio**. Educação em Revista - Belo Horizonte, n. 47, p. 135-155, jun. 2008

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. In: **Tempo** (revista do departamento de História da UFF), Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996, p. 73-98.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual, Balanço provisório, propostas cautelares. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, nº 45, 2003, p. 11-36.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, n.21, p. 89- 104, 2003;

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**/3 ed. São Paulo: Contexto, 1994 - (Caminhos da História)

MOTA, Urânia Teixeira. **Louça de Deus: O Caxixi em Maragogipinho**. Salvador; Fast Design, 2011.

NOVAIS, Rosane Maria da Silva. **A nova dinâmica gerada pelas pequenas indústrias ceramistas de Maragogipinho**. Monografia em Geografia. UNEB, 2005

ORIÁ, Ricardo. **Memória e ensino de História**. In: BITTENCOURT (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12. Ed. – São Paulo, Contexto, 2017.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. Profissional de História: uma questão de identidade. Fênix – **Revista de História e Estudos Culturais** Julho - Dezembro de 2017

PAZZINI, Bianca; SPAREMBERGUER, Raquel F. L. O direito à memória e à identidade no Brasil: perspectivas de efetivação da preservação do patrimônio cultural. **RIDB**, 2014, ano 3, nº 6, p. 4527-4555;

PEREIRA, José Carlos da Costa. **A cerâmica popular da Bahia** – Publicação da Universidade da Bahia. nº 4 – Bahia, 1957.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. – 3ª ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2018.

_____, Carla Bassanezi. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018.

PINTO NETO, Arthur Duarte. A atividade ceramista artesanal de Maragogipinho e a relação com a degradação ambiental: perspectivas e sustentabilidade. – Salvador, 2008. 160 p.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n 3, p.3-15, 1989

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Proj. História**. São Paulo, nº 14, fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, Sp – Brasil, 1981.

QUAIATTO, Denise Belitz. **Ensino de História Local: uma história didática de Santa Maria e Região**. Dissertação Mestrado – Universidade Federal de Santa Maria. Rio Grande do Sul, 2016.

RABELO, Pedro Henrique de Mello. **Amizade, comércio e navegação: o tratado de 1829 e as relações político-mercantis entre o Brasil e os Estados Unidos na Formação do império brasileiro (1808-1831)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cláudia Maria das Graças Chaves Mariana Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ UFOP 2017. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/9683/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_AmizadeCom%C3%A9rcioNavega%C3%A7%C3%A3o.pdf> acesso em 10 de novembro de 2021.

REBELLO, Domingos José Antonio. **Corografia ou abreviada história geographica do Imperio do Brasil. Bahia** na Typographia Imperial e Nacional. 1829. In: **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, 1929, v.55 p. 9-231.

REVEL, Jacques. **Jogos de escala: a experiência da microanálise**/ Jacques Revel (org.). trad. Dora Rocha; Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (Orgs). **O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.

SAMUEL, Raphael. **História Local e História Oral**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo. v. 9, n. 19, p. 219-243, 1990.

SCHWARTZ, S. B. **Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, MÔNICA MARTINS DA. **História Oral e Patrimônio Cultural no Sul da Ilha de Santa Catarina. Experiências formativas do PIBID História**. Anais Eletrônicos do XIII Encontro Nacional de História Oral. História Oral, Práticas Educacionais e Interdisciplinaridade, 2016.

SIMÕES, I. C. **A cerâmica tradicional de Maragogipinho**. 178 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador. 2016.

SOUZA, Antonio Marcos A. **Maragogipinho: seus oleiros e a arte transformada 1980-2000**. Monografia. Universidade do Estado da Bahia- Campus V, Santo Antonio de Jesus, 74 páginas, 2004.

STRECK, Danilo R. **Pesquisar é pronunciar o mundo: notas sobre método e metodologia**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. (Orgs.). **Pesquisa participante: o saber da partilha**. Aparecida, SP: Idéias e Letras. 2006

SUTIL, Nair. **“Museu” afetivo e ensino de História: Práticas de memória na educação escolar**/ Universidade Federal de Santa Catarina, dissertação – Florianópolis, SC, 2016

THIOLLENT, Michel, 1947 – **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias**. In: PERMUTTER, Daisy e ANTONACCI, Maria Antonieta (org.). Projeto História 15. Ética e História Oral. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduandos em História do Departamento de História da PUC – SP, 1997.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOLENTINO, Emanuel Oliveira Braga. **O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática**. In: políticas, relações de poder e ações afirmativas / organização, Átila Bezerra Tolentino, Emanuel Oliveira Braga. – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF: 2 megabytes). – João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016. – (Caderno Temático; 5)

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, J. (Org.). **História Geral da África I**, Metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010

ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. **Educação Patrimonial e aprendizagem histórica: percursos e epistemológicos na História ensinada**. In Revista Ensino & História. Londrina, v. 23, n. 1, p. 31-55, jan/jun. 2017.

APÊNDICES

APENDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO NO 466/12 OU 510/16 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____

Documento de Identidade no: _____ Sexo: F () M ()

Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____ Complemento: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

Telefone: () _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:

HISTÓRIA LOCAL E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO DE HISTÓRIA: MARAGOGIPINHO E SUA CULTURA CERAMISTA COMO PATRIMÔNIO VIVO

2. PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: ANTONIO MARCOS ARAÚJO DE SOUZA

Cargo/Função: Mestrando

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: História Local e Educação Patrimonial no ensino de História: Maragogipinho e sua cultura ceramista como patrimônio vivo, de responsabilidade do pesquisador Antonio Marcos Araújo de Souza, discente da Universidade do Estado da Bahia no Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, que tem como objetivo valorizar a atividade ceramista do distrito de Maragogipinho em Aratuípe -BA, e seus sujeitos como Patrimônio Cultural Imaterial, utilizando a cultura e a história local para o ensino/aprendizagem de história a partir da metodologia da Educação Patrimonial.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios como o conhecimento e valorização da história local nas escolas da cidade, bem como na comunidade aratuipense e, especialmente, de Maragogipinho. Caso aceite o Senhor (a) participará de atividades de rodas de conversa com os estudantes da turma do 9º ano do turno vespertino da Escola Municipal Professora Luciana Góes de Jesus, sobre a relação com atividade ceramista em Maragogipinho, em diferentes períodos da trajetória pessoal. As atividades serão desenvolvidas durante as visitas de campo com os estudantes ao distrito de Maragogipinho e poderão ser gravadas ou fotografadas via máquina fotográfica, para posterior análise dos dados em trabalho dissertativo a ser construído pelo estudante Antonio Marcos Araújo de Souza, do curso de pós-graduação em Mestrado Profissional em Ensino de História. Devido à coleta de informações o (a) senhor (a) poderá lembrar-se de momentos difíceis e de momentos divertidos da própria trajetória em Maragogipinho, especialmente na relação com a atividade ceramista. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto o Sr(a) não será identificado. Caso queira (a) senhor (a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor (a) apresentar serão esclarecidas pelo pesquisador e o Sr (Sr^a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato do pesquisador, que

poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Antonio Marcos Araújo de Souza

Endereço: Rua Dr. Virgílio Damásio, nº 30, Centro, Aratuípe-BA. CEP: 44490-000

Telefone: 75 - 981039021. E-mail: tonepe@bol.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula, Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2399, e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP
SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte
CEP: 70719-040, Brasília-DF. Informações: (61) 3315-5877 |conep@saude.gov.br

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador (a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa



Assinatura do pesquisador discente
responsável
(orientando)

Assinatura do professor
(orientador)

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO NO 466/12 OU 510/16 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____

Documento de Identidade no: _____ Sexo: F () M ()

Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____ Complemento: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

Telefone: () _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:**1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:**

HISTÓRIA LOCAL E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO DE HISTÓRIA: MARAGOGIPINHO E SUA CULTURA CERAMISTA COMO PATRIMÔNIO VIVO

2. PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: ANTONIO MARCOS ARAÚJO DE SOUZA

Cargo/Função: Mestrando

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: História Local e Educação Patrimonial no ensino de História: Maragogipinho e sua cultura ceramista como patrimônio vivo, de responsabilidade do pesquisador Antonio Marcos Araújo de Souza, discente da Universidade do Estado da Bahia no Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, que tem como objetivo valorizar a atividade ceramista do distrito de Maragogipinho em Aratuípe -BA, e seus sujeitos como Patrimônio Cultural Imaterial, utilizando a cultura e a história local para o ensino/aprendizagem de história a partir da metodologia da Educação Patrimonial.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios como o conhecimento e valorização da história local nas escolas da cidade, bem como na comunidade aratuipense e, especialmente, de Maragogipinho. Caso aceite o Senhor (a) participará de atividades em sala de aula na Escola Municipal Professora Luciana Góes de Jesus, e de aulas de campo em Maragogipinho com participação em rodas de conversas com trabalhadores da cerâmica, com registros por escrito e com registros fotográficos das atividades desenvolvidas. As atividades serão desenvolvidas durante as visitas de campo com os estudantes ao distrito de Maragogipinho e os registros das mesmas servirão para posterior análise dos dados em trabalho dissertativo a ser construído pelo estudante Antonio Marcos Araújo de Souza, do curso de pós-graduação em Mestrado Profissional em Ensino de História. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto o Sr(a) não será identificado. Caso queira (a) senhor (a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor (a) apresentar serão esclarecidas pelo pesquisador e o Sr (Sr^a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato do pesquisador, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Antonio Marcos Araújo de Souza

Endereço: Rua Dr. Virgílio Damásio, nº 30, Centro, Aratuípe-BA. CEP: 44490-000

Telefone: 75 - 981039021. E-mail: tonepe@bol.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula, Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2399, e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP
SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte
CEP: 70719-040, Brasília-DF. Informações: (61) 3315-5877 |conep@saude.gov.br

V. ASSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador (a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do menor participante da pesquisa
(estudante)

Assinatura do responsável pelo menor



Assinatura do pesquisador discente
responsável
(orientando)

Assinatura do professor
(orientador)

APÊNDICE C - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE



TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Assumimos o compromisso de preservar a privacidade e a identidade dos participantes da pesquisa intitulada História Local e Educação Patrimonial no ensino de História: Maragogipinho e sua cultura ceramista como patrimônio vivo, cujos dados serão coletados através de entrevistas e produção de fotografias, na Escola Municipal Professora Luciana Góes de Jesus e no distrito de Maragogipinho em Aratuípe-Ba, com a utilização dos dados única e exclusivamente para execução do presente projeto.

Os resultados serão divulgados de forma anônima, assim como os termos de consentimento livre e esclarecido guardados no DEDC Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia pelo período de 05 (cinco) anos sob a responsabilidade do Pesquisador/a Antonio Marcos Araújo de Souza. Após este período, os dados serão destruídos.

Salvador, 23 de agosto de 2019.

Nome do Membro da Equipe Executora	Assinatura
Maria das Graças de Andrade Leal (orientadora)	<i>Maria das Graças de Andrade Leal</i>
Antonio Marcos Araújo de Souza	<i>Antonio Marcos Araújo de Souza</i>

APÊNDICE D - TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

**TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR**

Declaro estar ciente das normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos e que o projeto intitulado **História Local e Educação Patrimonial no ensino de História: Maragogipinho e sua cultura ceramista como patrimônio vivo**, sob minha responsabilidade será desenvolvido em conformidade com a Resolução CNS 466/12, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, da não maleficência, da justiça e da equidade.

Assumo o compromisso de apresentar os relatórios e/ou esclarecimentos que forem solicitados pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia; de tornar os resultados desta pesquisa públicos independente do desfecho (positivo ou negativo); de Comunicar ao CEP/UNEB qualquer alteração no projeto de pesquisa, via Plataforma Brasil.

Salvador, 23 de agosto de 2019

Antônio Manoel Araújo da Silva
Assinatura do responsável pelo projeto

APÊNDICE E - TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA PROPONENTE



TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA PROPONENTE

Autorizo o pesquisador Antonio Marcos Araújo de Souza a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado História Local e Educação Patrimonial no ensino de História: Maragogipinho e sua cultura ceramista como patrimônio vivo, o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos.

Declaro estar ciente que a instituição proponente é responsável pela atividade de pesquisa proposta e que será executada pelos seus pesquisadores/as, além de dispormos da infraestrutura necessária para garantir o resguardo e bem estar dos participantes da pesquisa.

Salvador, 23 de agosto de 2019

.....
Assinatura e carimbo do
responsável institucional

Prof.ª MA. ADELAIDE ROCHA BADARO
DIRETORA DO DEDC I / UNEB
Port. 1.846/2018 - D.O.E 16/09/2018
Mat. 74901110-3

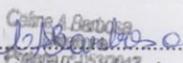
APÊNDICE F - TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA COPARTICIPANTE



TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA COPARTICIPANTE

Autorizo o (a) pesquisador/a Antonio Marcos Araújo de Souza a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado História Local e Educação Patrimonial no ensino de História: Maragogipinho e sua cultura ceramista como patrimônio vivo, o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos. Declaro estar ciente que a instituição é corresponsável pela atividade de pesquisa proposta e dispõe da infraestrutura necessária para garantir a segurança e bem estar dos participantes da pesquisa.

Salvador, 23 de agosto de 2019


.....
Assinatura e carimbo do
responsável institucional

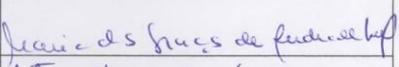
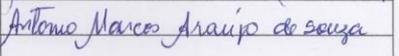
APÊNDICE G - DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE PESQUISA



DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE PESQUISA

Declaro estar ciente do compromisso firmado com a execução do projeto intitulado História Local e Educação Patrimonial no ensino de História: Maragogipinho e sua cultura ceramista como patrimônio vivo, vinculado à instituição Universidade do Estado da Bahia – Campus I que será desenvolvido na forma apresentada e aprovada pelo CEP da Universidade do Estado da Bahia sempre orientado pelas normativas que regulamentam a atividade de pesquisa.

Salvador, 23 de agosto..... de 2019

Nome do orientador(a) e do orientando(a)	Assinatura
Maria das Graças de Andrade Leal (orientadora)	
Antonio Marcos Araújo de Souza	

APÊNDICE K - QUESTIONÁRIO ELABORADO PELOS ESTUDANTES PARA
REALIZAÇÃO DE ENTREVISTA

PERGUNTAS

1. Qual o seu nome?
2. A quanto tempo o senhor é oleiro?
3. Com quantos anos o senhor iniciou esse trabalho?
4. Você considera isso como um trabalho ou passatempo?
5. De onde vem o barro ou argila para vocês produzirem seus trabalhos?
6. Sempre vem do mesmo lugar?
7. Quantas peças o senhor já produziu?
8. De onde o senhor tira a inspiração para produzir peças?
9. Já chegou alguém famosos para compra-las?
10. É difícil construir essas peça de argila?
11. Quantas peças o senhor produz por dia?
12. Por quanto o senhor vende essas peças?
13. O senhor sempre sonhou em ser oleiro?
14. Quanto faturou com elas?
15. Qual a peça que o senhor consegue vender com mais facilidade?
16. Qual a sensação de construí-las e vende-las?
17. Porque o senhor decidiu ser oleiro?
18. Tinha dificuldades no tempo que o senhor vivia?
19. O senhor já pensou em desistir?
20. Em que cidade o senhor nasceu?